

*MARIO DE ANDRADE*

# MACUNAÍMA

*2ª edição*



*Livraria JOSÉ OLYMPIO Editora*



*de*

**Mario  
de  
Andrade**

*em preparo:*

**A DONA AUSENTE**

(folclôre)

**A MUSICA DOS BRASIS**

**CAFÉ**

(romance)

**JOÃO BOBO**

(romance)

**NA PANCADA DO GANZÁ**

(folclôre nordestino)

ien

té

(livres)

is

adlin



Gen 9.300

**Macunaíma**



Je ne fay rien  
sans

**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin



Gum 9.300

**Macunaíma**



## OBRAS DO AUTOR

### Publicadas :

- Ha uma Gota de Sangue em cada Poema — 1917  
— (poesia)  
Paulicéa Desvairada — 1922 — (poesia)  
A Escrava que não é Isaura — 1925 — (poética)  
Losango Cáqui — 1926 — (lirismo)  
Primeiro Andar — 1926 — (contos)  
Amar, Verbo Intransitivo — 1927 — (idílio)  
Clan do Jabotí — 1927 — (poesia)  
Macunaíma — 1928 (primeira edição); 1937 (2.<sup>a</sup> ed.) — (rapsódia)  
Ensáio sobre Música Brasileira — 1928 — (estética e folclôre)  
Compêndio de História da Música — 1929 (1.<sup>a</sup> edição); 1933 (2.<sup>a</sup> ed.); 1936 (3.<sup>a</sup> ed.).  
Modinhas Imperiais — 1930 — (antologia)  
Remate de Males — 1930 — (poesia)  
Fräulein — 1933 — («Amar, Verbo Intransitivo» adaptado para o norteamericano, por Margaret Richardson Hollingsworth)  
Belazarte — 1934 — (contos)  
Luciano Gallet — 1934 — (Introdução aos «Estudos de Folclôre» de L. Gallet)  
Música, Doce Música — 1934 — (estudos musicais)  
O Aleijadinho e Alvares de Azevedo — 1935 — (ensaios)  
A Música e a Canção Populares no Brasil — 1936 — (ensáio bibliográfico)  
Cultura Musical — 1936 — (oração de paraninfo; separata da «Revista do Arquivo» do Departamento de Cultura, de S. Paulo)

### Em Preparo :

- A Dona Ausente — (folclôre)  
A Música dos Brasis  
Café — (romance)  
Na Pancada do Ganzá — (folclôre nordestino)  
João Bobo — (romance)  
Dicionário Musical Brasileiro



M A R I O   D E   A N D R A D E

# Macunaíma

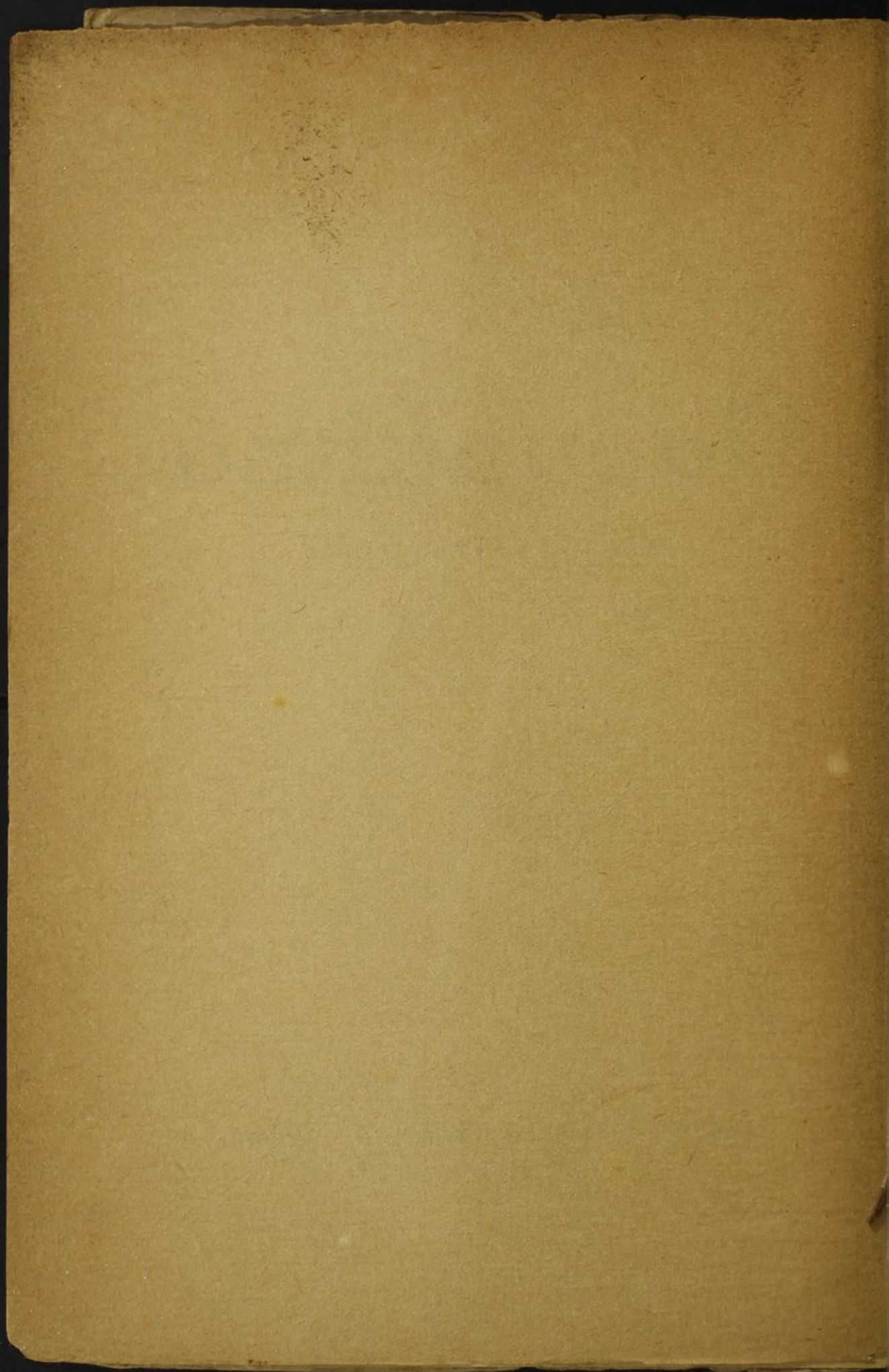
o herói sem nenhum caracter

1937

Livraria J O S É   O L Y M P I O   Editora

Rua do Ouvidor, 110 — Rio



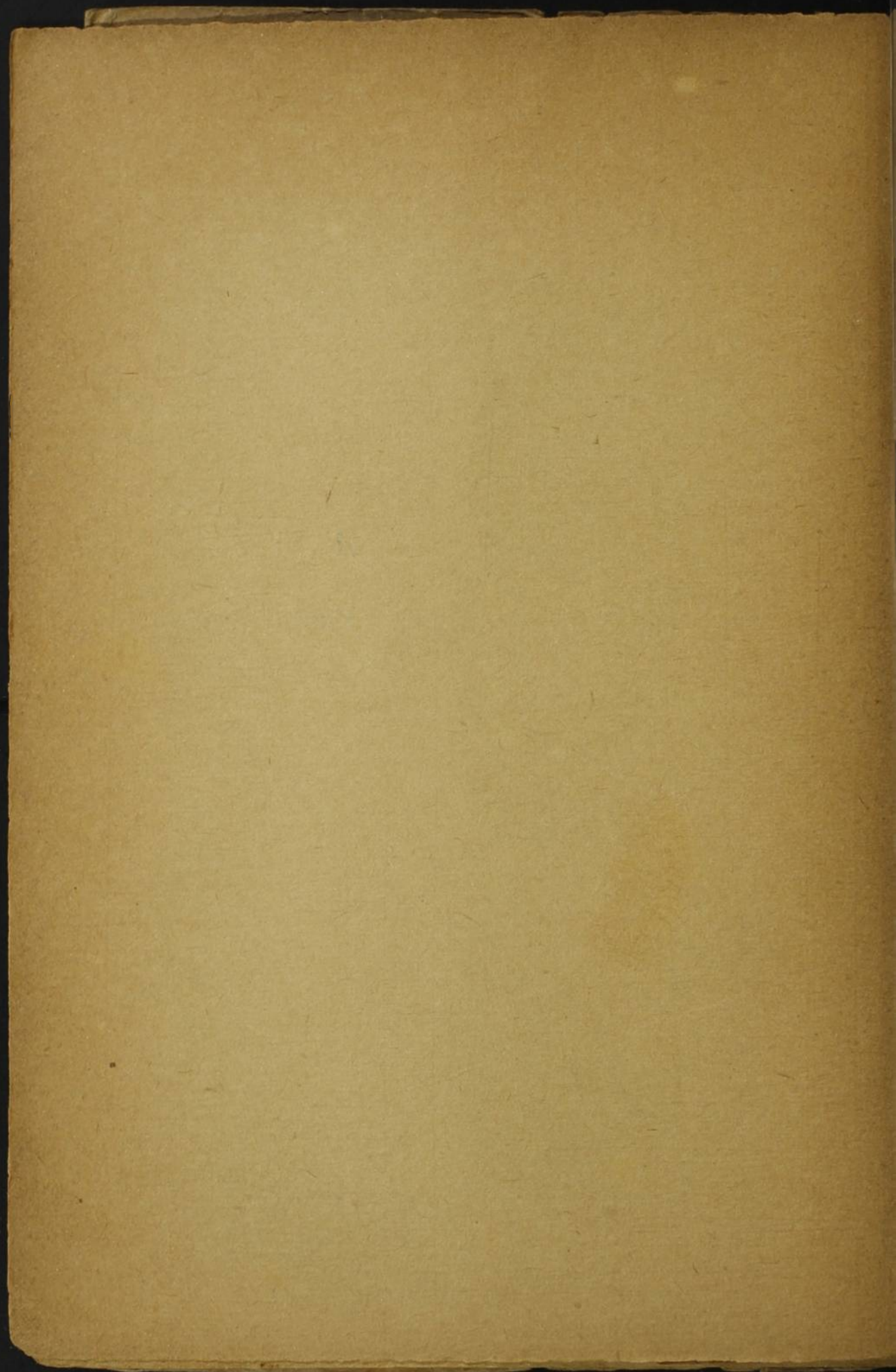




*A*

*Paulo Prado*



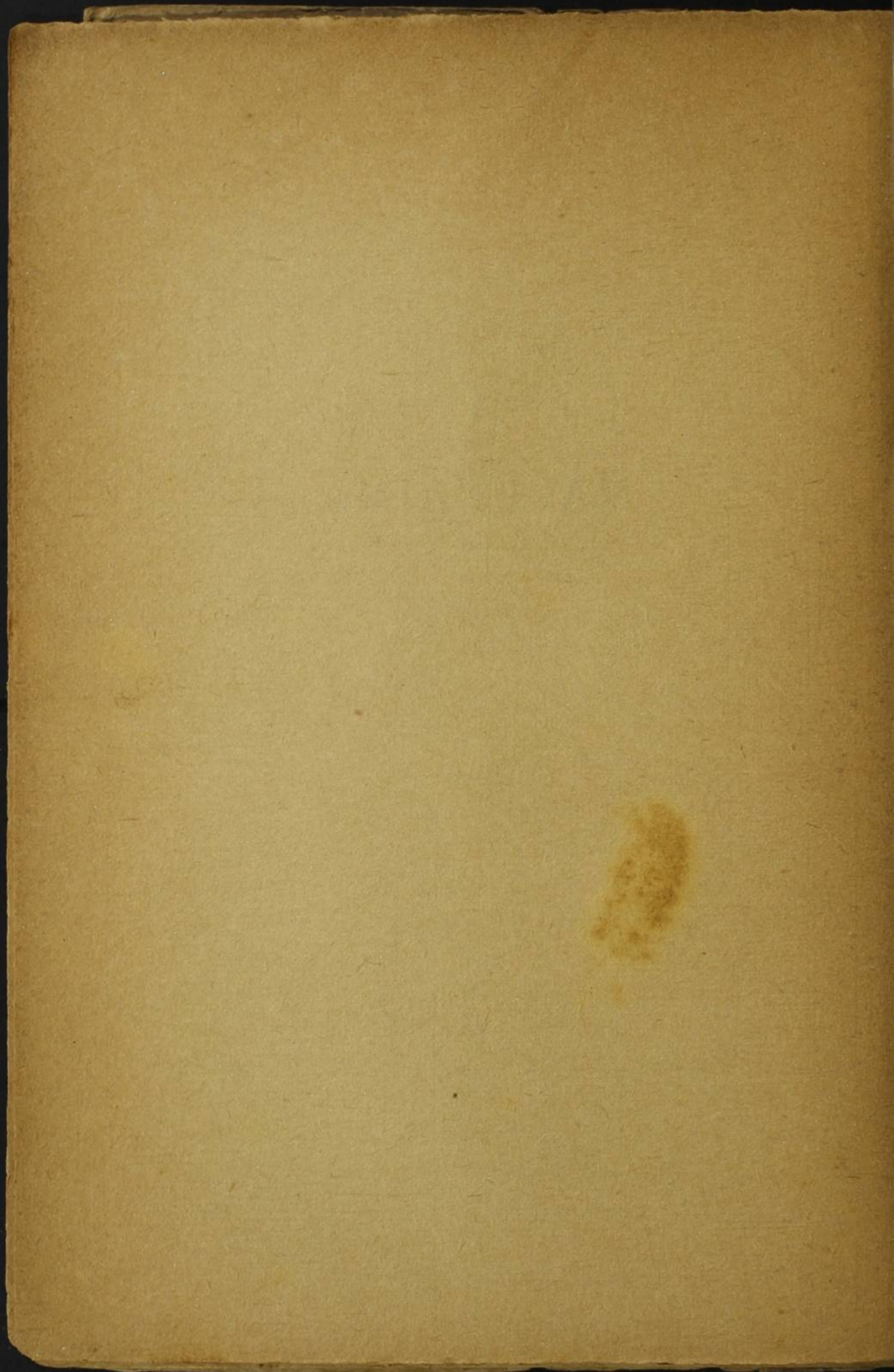




I

MACUNAÍMA







No fundo do mato-virgem nasceu Macuníma, herói de nossa gente. Era preto retinto e filho do medo da noite. Houve um momento em que o silêncio foi tão grande escutando o murmurejo do Urari-coera, que a índia tapanhumas pariu uma criança feia. Essa criança é que chamaram de Macunaíma.

Já na meninice fez coisas de sarapantar. De primeiro passou mais de seis anos não falando. Si o incitavam a falar exclamava:

— Ai! que preguiça!...

e não dizia mais nada. Ficava no canto da maloca, trepado no girau de paxiúba, espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que tinha, Maanape já velhinho e Jiguê na fôrça de homem. O divertimento dele era decepar cabeça de saúva. Vivia deitado mas si punha os olhos em dinheiro, Macunaíma dandava pra ganhar vintem. E também espertava quando a família ia tomar banho no rio, todos juntos e nus. Passava o tempo do banho dando mergulho, e as mulheres soltavam gritos gosados por causa dos



guaimuns diz-que habitando a agua-doce por lá. No mucambo si alguma cunhatã se aproximava dele pra fazer festinha, Macunaíma punha a mão nas graças dela, cunhatã se afastava. Nos machos guspia na cara. Porém respeitava os velhos e frequentava com aplicação a murúia a poracê o torê o bacororô a cucuicogue, todas essas dansas religiosas da tribu.

Quando era pra dormir trepava no macurú pequeninho sempre se esquecendo de mijar. Como a rede da mãe estava por debaixo do berço, o herói mijava quente na velha, espantando os mosquitos bem. Então adormecia sonhando palavras-feias, imoralidades estrambólicas e dava patadas no ar.

Nas conversas das mulheres no pino do dia o assunto eram sempre as peraltagens do herói. As mulheres se riam muito simpatizadas, falando que «espinho que pinica, de pequeno já traz ponta», e numa pagelança Rei Nagô fez um discurso e avisou que o herói era inteligente.

Nem bem teve seis anos deram agua num chovalho pra êle e Macunaíma principiou falando como todos. E pediu prá mãe que largasse da mandioca ralando na cevadeira e levasse êle passear no mato. A mãe não quis porque não podia largar da mandioca não. Macunaíma choramingou dia inteiro. De-noite continuou chorando. No outro dia esperou com o olho esquerdo dormindo que a mãe principiasse o trabalho. Então pediu pra ela que largasse de tecer o



paneiro de guarumá-membeca e levasse êle no mato passear. A mãe não quis porque não podia largar o paneiro não. E pediu prá nora, companheira de Jiguê que levasse o menino. A companheira de Jiguê era bem moça e chamava Sofará. Foi se aproximando ressabiada porém desta vez Macunaíma ficou muito quieto sem botar a mão na graça de ninguém. A moça carregou o piá nas costas e foi até o pé de aninga na beira do rio. A agua parara pra inventar um pontão de gôso nas folhas do javarí. O longe estava bonito com muitos biguás e biguatingas avoando na entrada do furo. A moça botou Macunaíma na práia porém êle principiou choramando, que tinha muita formiga!... e pediu pra Sofará que o levasse até o derrame do morro lá dentro do mato, a moça fez. Mas assim que deitou o curumim nas tiriricas, tajás e trapoerabas da serrapilheira, êle botou corpo num átimo e ficou um príncipe lindo. Andaram por lá muito.

Quando voltaram prá maloca a moça parecia muito fatigada de tanto carregar piá nas costas. Era que o herói tinha brincado muito com ela. Nem bem ela deitou Macunaíma na rede, Jiguê já chegava de pescar de puçá e a companheira não trabalhara nada. Jiguê enquisilou e depois de catar os carrapatos deu nela muito. Sofará aguentou a sova sem falar um isto.

Jiguê não desconfiou de nada e começou trançando corda com fibra de curauá. Não vê que encontrara rasto fresco de anta e queria pegar o bicho na arma-



dilha. Macunaíma pediu um pedaço de curauá pro mano porém Jiguê falou que aquilo não era brinquedo de criança. Macunaíma principiou chorando outra vez e a noite ficou bem difícil de passar pra todos.

No outro dia Jiguê levantou cedo pra fazer armadilha e enxergando o menino tristinho falou:

— Bom-dia, coraçãozinho dos outros.

Porém Macunaíma fechou-se em copas carrancudo.

— Não quer falar comigo, é?

— Estou de mal.

— Por causa?

Então Macunaíma pediu fibra de curauá. Jiguê olhou pra êle com ódio e mandou a companheira arranjar fio pro menino, a moça fez. Macunaíma agradeceu e foi pedir pro pai-de-terreiro que trançasse uma corda pra êle e assoprasse bem nela fumaça de petum.

Quando tudo estava pronto Macunaíma pediu prá mãe que deixasse o cachiri fermentando e levasse êle no mato passear. A velha não podia por causa do trabalho mas a companheira de Jiguê mui sonsa falou prá sogra que «estava ás ordens». E foi no mato com o piá nas costas.

Quando o botou nos carurús e sororocas da serrapilheira, o pequeno foi crescendo foi crescendo e virou principe lindo. Falou pra Sofará esperar um bocadinho que já voltava pra brincarem e foi no bebedouro



da anta armar um laço. Nem bem voltaram do passeio, tardinha, Jiguê já chegava também de prender a armadilha no rasto da anta. A companheira não trabalhara nada. Jiguê ficou furo e antes de catar os carrapatos bateu nela muito. Mas Sofará aguentou a coça com paciência.

No outro dia a arraiada inda estava acabando de trepar nas árvores, Macunaíma acordou todos, fazendo um bué medonho, que fossem! que fossem no bebedouro buscar a bicha que êle caçara!... Porém ninguém não acreditou e todos principiaram o trabalho do dia.

Macunaíma ficou muito contrariado e pediu pra Sofará que desse uma chegadinha no bebedouro só pra ver. A moça fez e voltou falando pra todos que de-fato estava no laço uma anta muito grande já morta. Toda a tribu foi buscar a bicha, matutando na inteligência do curumim. Quando Jiguê chegou com a corda de curauá vazia, encontrou todos tratando da caça, ajudou. E quando foi pra repartir não deu nem um pedaço da carne pra Macunaíma, só tripas. O herói jurou vingança.

No outro dia pediu pra Sofará que levasse êle passear e ficaram no mato até a boca-da-noite. Nem bem o menino tocou no folhiço e virou num príncipe fogoso. Brincaram. Depois de brincarem tres feitas, correram mato fora fazendo festinhas um pro outro. Depois das festinhas de cotucar, fizeram a das cócegas,



depois se enterraram na arêia, depois se queimaram com fogo de palha, isso foram muitas festinhas. Macunaíma pegou num tronco de copaíba e se escondeu por detrás da piranheira. Quando Sofará veio correndo, êle deu com o pau na cabeça dela. Fez uma brecha que a moça caiu torcendo de riso aos pés dele. Puxou-o por uma perna. Macunaíma gemia de gosto se agarrando no tronco gigante. Então a moça abocanhou o dedão do pé dele e engoliu. Macunaíma chorando de alegria tatuou o corpo dela com o sangue do pé. Depois retesou os músculos, se erguendo num trapésio de cipó e aos pulos atingiu num átimo o galho mais alto da piranheira; Sofará trepava atrás. O ramo fininho vergou oscilando com o peso do príncipe. Quando a moça chegou também no tope êles brincaram outra vez balanceando no céu. Depois de bricarem Macunaíma quis fazer uma festa em Sofará. Dobrou o corpo todo na violência dum puxão mas não poute continuar, galho quebrou e ambos despencaram aos embolêus até se esborracharem no chão. Quando o herói voltou da sapituca procurou a moça em redor, não estava. Ia se erguendo pra busca-la porém do galho baixo em riba dele furou o silêncio o miado temível da sussuarana. O herói se estatelou de medo e fechou os olhos pra ser comido sem ver. Então se escutou um risinho e Macunaíma tomou com uma gusparada no peito, era a moça. Macunaíma principiou atirando pedras nela e quando feria, Sofará gritava de excitação tatuando o corpo dele em baixo com o



sangue espirrado. Afinal uma pedra lascou o canto da boca da moça e moeu tres dentes. Ela pulou do galho e juque! tombou sentada na barriga do herói que a envolveu com o corpo todo, uivando de prazer. E brincaram mais outra vez.

Já a estrêla Papaceia brilhava no céu quando a moça voltou parecendo muito fatigada de tanto carregar piá nas costas. Porém Jiguê desconfiando seguira os dois no mato, enxergara a transformação e o resto. Jiguê era muito bobo. Teve raiva. Pegou num rabo-de-tatú e chegou-o com vontade na bunda do herói. O berreiro foi tão imenso que encurtou o tamanho da noite e muitos pássaros caíram de susto no chão e se transformaram em pedra.

Quando Jiguê não pôde mais surrar, Macunaíma correu até a capoeira, mastigou raiz de cardeiro e voltou são. Jiguê levou Sofará pro pai dela e dormiu folgado na rede.





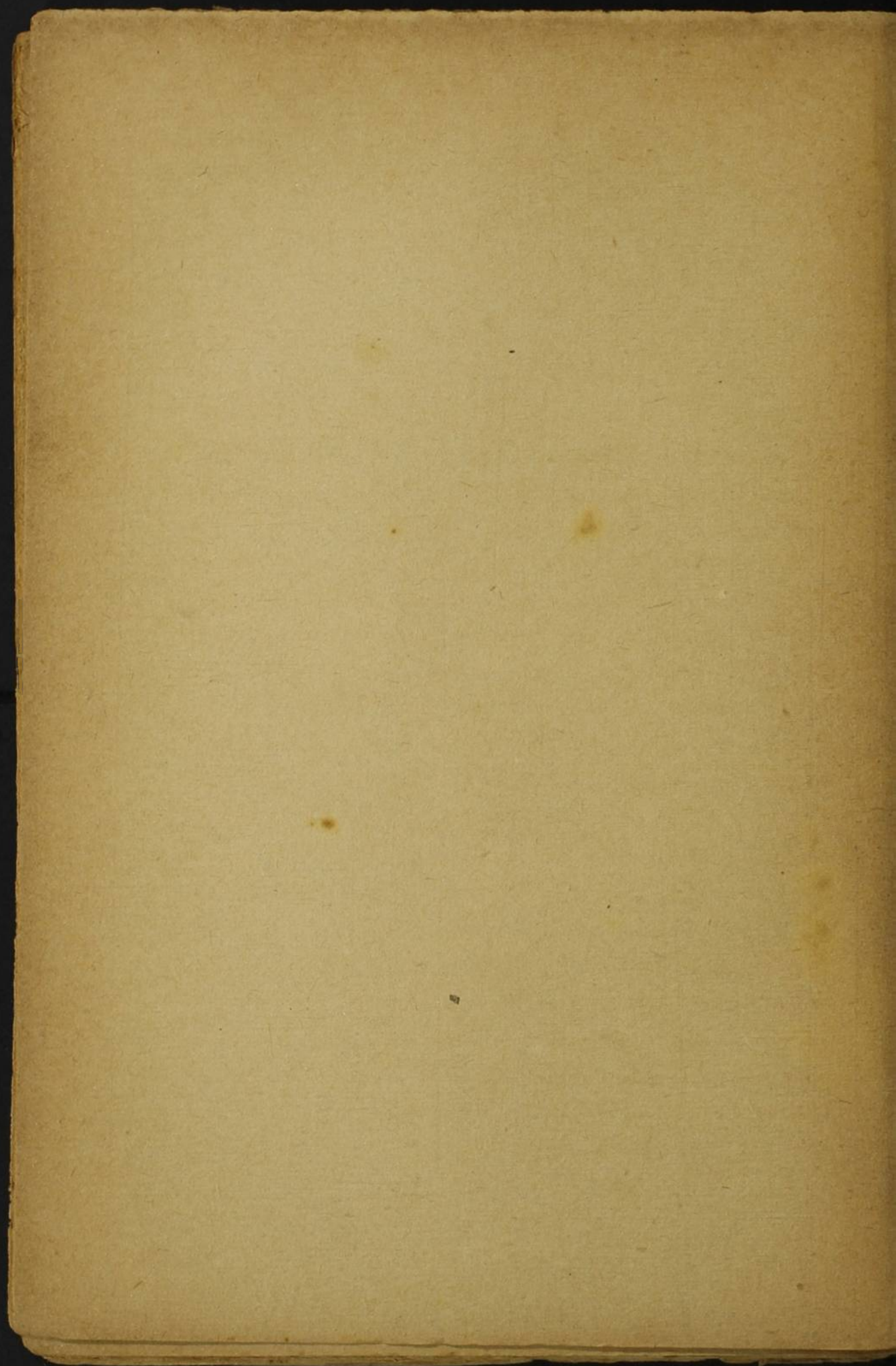


12

II

MAIORIDADE







Ïigüê era muito bobo e no outro dia apareceu puxando pela mão uma cunhã. Era a companheira nova dele e chamava Iriquí. Ela trazia sempre um ratão vivo escondido na massaroca dos cabelos e fa-  
ceirava muito. Pintava a cara com araraúba e geni-  
papo e todas as manhãs passava coquinho de assaí nos  
beijos que ficavam totalmente roxos. Depois esfre-  
gava limão-de-caiena por cima e os beijos viravam  
totalmente encarnados. Então Inquirí se envolvia num  
manto de algodão listrado com preto de acariúba e  
verde de tatajuba e aromava os cabelos com essência  
de umirí, era linda.

Ora depois de todos comerem a anta de Macunaí-  
ma a fome bateu no mucambo. Caça, ninguém não  
pegava caça mais, nem algum tatú-galinha aparecia!  
e por causa de Maanape ter matado um bôto pra co-  
merem, o sapo cunaurú chamado Maraguigana pai do  
boto ficou enfesado. Mandou a enchente e o milharal  
apodreceu. Comeram tudo, até a crueira dura se aca-  
bou e o fogaréu de noite e dia não moqueava nada



não, era só pra remediar a friagem que caiu. Não havia prá gente assar nele nem uma isca de jobá.

Então Macunaíma quis se divertir um pouco. Falou pros manos que inda tinha muita piaba muito jejú muito matrinchão e jatuaranas, todos êsses peixes do rio, fossem bater timbó! Maanape disse:

— Não se encontra mais timbó.

Macunaíma disfarçando secundou:

— Junto daquela grotta onde tem dinheiro enterado enxerguei um despotismo de timbó.

— Então venha com a gente pra mostrar onde que é.

Foram. A margem estava traiçoeira e nem se achava bem o que era terra o que era rio entre as marmoranas copadas. Maanape e Jiguê procuravam procuravam enlameados até os dentes, degradingolando juque! nos barreiros ocultos pela inundação. E pulapulavam se livrando dos buracos, aos berros, com as mãos pra trás por causa dos candirús safadinhos querendo entrar por êles. Macunaíma ria por dentro vendo as micagens dos manos campeando timbó. Fingia campear tambem mas não dava passo não, bem enxutinho no firme. Quando os manos passavam perto dele, se agachava e gemia de fadiga.

— Deixe de trabucar assim, piá!

Então Macunaíma sentou numa barranca do rio e batendo com os pés nagua espantou os mosquitos. E



eram muitos mosquitos, piúns maruíns arurús tatu-  
quíras muriçocas meruanhas mariguís borrachudos va-  
rejas, toda essa mosquitada.

Quando foi de-tardezinha os manos vieram buscar  
Macunaíma tiriricas por não terem topado com ne-  
nhum pé de timbó. O herói teve medo e disfarçou:

— Acharam?

— Que achamos nada!

— Pois foi aqui mesmo que enxerguei timbó.  
Timbó já foi gente um dia que nem nós... Presen-  
ciou que andavam campeando êle e sorveteu. Timbó  
foi gente um dia que nem nós...

Os manos se admiraram da inteligência do meni-  
no e voltaram os tres prá maloca.

Macunaíma estava muito contrariado por causa da  
fome. No outro dia falou prá velha:

— Mãe, quem que leva nossa casa prá outra  
banda do rio lá no têsó, quem que leva? Fecha os  
olhos um bocadinho, velha, e pergunta assim,

A velha fez. Macunaíma pediu pra ela ficar mais  
tempo com os olhos fechados e carregou tejupar ma-  
rombas flexas piquás sapiquás corotes urupemas redes,  
todos êsses trens pra um aberto do mato lá no têsó  
do outro lado do rio. Quando a velha abriu os olhos  
estava tudo lá e tinha caça peixes, bananeiras dando,  
tinha comida por demais. Então foi cortar banana.



— Inda que mal lhe pergunte, mãe, porque a senhora arranca tanta pacova assim!

— Levar pra vosso mano Jiguê com a linda Iriquí e pra vosso mano Maanape que estão padecendo fome.

Macunaíma ficou muito contrariado. Maginou maginou e disse prá velha:

— Mãe, quem que leva nossa casa prá outra banda do rio no banhado, quem que leva? Pergunta assim!

A velha fez. Macunaíma pediu pra ela ficar com os olhos fechados e levou todos os carrêgos, tudo, pro lugar em que estavam de já-hoje no mondongo inundado. Quando a velha abriu os olhos tudo estava no lugar de dantes, vizinhando com os tejupares de mano Maanape e de mano Jiguê com a linda Iriquí. E todos ficaram roncando de fome outra vez.

Então a velha teve uma raiva malvada. Carregou o herói na cintura e partiu. Atravessou o mato e chegou no capoeirão chamado Cafundó do Judas. Andou legua e meia nele, nem se enxergava mato mais, era um coberto plano apenas movimentado com o pulinho dos cajueiros. Nem guaxe animava a solidão. A velha botou o curumim no campo onde êle podia crescer mais não e falou:

— Agora vossa mãe vai embora. Tu ficas perdido no coberto e podes crescer mais não.

E desapareceu. Macunaíma assuntou o deserto e sentiu que ia chorar. Mas não tinha ninguem por ali,



não chorou não. Criou coragem e botou pé na estrada, tremelicando com as perninhas de arco. Vagamundou de déu em déu semana, até que topou com o Currupira moqueando carne, acompanhado do cachorro dele Papamel. E o Currupira vive no grêlo do tucunzeiro e pede fumo prá gente. Macunaíma falou:

— Meu avô, dá caça pra mim comer?

— Sim, Currupira fez.

Cortou carne da perna moqueou e deu pro menino, perguntando:

— O que você está fazendo na capoeira, rapaiz!

— Passeando.

— Não diga!

— Pois é, passeando...

Então contou o castigo da mãe por causa dele ter sido malévolo pros manos. E contando o transporte da casa de novo prá deixa onde não tinha caça deu uma grande gargalhada. O Currupira olhou pra êle e resmungou:

— Tu não é mais curumi, rapaiz, tu não é mais curumi não... Gente grande que faiz isso...

Macunaíma agradeceu e pediu pro Currupira ensinar o caminho pro mucambo dos Tapanhumas. O Currupira estava querendo mas era comer o herói, ensinuou falso;



— Tu vai por aqui, menino-home, vai por aqui, passa pela frente daquele pau, quebra a mão esquerda, vira e volta por debaixo dos meus uaiariquinizês.

Macunaíma foi fazer a volta porém chegando na frente do pau, coçou a perninha e murmurou:

— Ai! que preguiça!...

e seguiu direito.

O Currupira esperou bastante porém curumim não chegava... Pois então o monstro amontou no viado, que é o cavalo dele, fincou o pé redondo na virilha do corredor e lá se foi gritando:

— Carne de minha perna! carne de minha perna!

Lá de dentro da barriga do herói a carne respondeu:

— Que foi?

Macunaíma apertou o passo e entrou correndo na caatinga porém o Currupira corria mais que êle e o menino isso vinha que vinha acochado pelo outro.

— Carne de minha perna! carne de minha perna!

A carne secundava:

— Que foi?

O piá estava desesperado. Era dia do casamento da raposa e a velha Vei, a Sol, relampeava nas gotinhas de chuva debulhando luz feito milho. Macunaíma chegou perto duma pôça, bebeu agua de lama e vomitou a carne.



— Carne de minha perna! carne de minha perna! que o Currupira vinha gritando.

— Que foi? secundou a carne já na pôça.

Macunaíma ganhou os bredos pro outro lado e escapou.

Legua e meia adiante por detrás dum formigueiro escutou uma voz cantando assim:

«Acutí pitá canhem...» lentamente.

Foi lá e topou com a cotia farinhando mandioca num tipití de jacitara.

— Minha vó, dá aipim pra mim comer?

— Sim, cotia fez. Deu aipim pro menino, perguntando:

— Quê que você está fazendo na caatinga, meu neto?

— Passeando.

— Ah o quê!

— Passeando, então!

Contou como enganara o Currupira e deu uma grande galgalhada. A cotia olhou pra êle e resmungou:

— Culumí faz isso não, meu neto, culumí faz isso não... Vou te igualar o corpo com o bestunto.

Então pegou na gamela cheia de caldo envenenado de aipim e jogou a lavagem no piá. Macunaíma



fastou sarapantado mas só conseguiu livrar a cabeça, todo o resto do corpo se molhou. O herói deu um espirro e botou corpo. Foi desempenando crescendo fortificando e ficou do tamanho dum homem taludo. Porém a cabeça não molhada ficou pra sempre rombuda e com carinha enjoativa de piá.

Macunaíma agradeceu o feito e frexou cantando pro mucambo nativo. A noite vinha bezourenta enfiando as formigas na terra e tirando os mosquitos dagua. Fazia um calor de ninho no ar. A velha tapanhumas escutou a voz do filho no longe cinzado se espantou. Macunaíma apareceu de cara amarrada e falou pra ela:

— Mãe, sonhei que caiu meu dente.

— Isso é morte de parente, comentou a velha.

— Bem que sei. A senhora vive mais uma Sol só. Isso mesmo porque me pariu.

No outro dia os manos foram pescar e caçar, a velha foi no roçado e Macunaíma ficou só com a companheira de Jiguê. Então êle virou na formiga quenquem e mordeu Iriquí pra fazer festa nela. Mas a moça atirou a quenquem longe. Então Macunaíma virou num pé de urucum. A linda Iriquí riu, colheu as sementes se faceirou toda pintando a cara e os distintivos. Ficou lindíssima. Então Macunaíma, de gostoso, virou gente outra feita e morou com a companheira de Jiguê,



Quando os manos voltaram da caça Jiguê percebeu a troca logo, porém Maanape falou pra êle que agora Macunaíma estava homem pra sempre e troncado. Maanape era feiticeiro. Jiguê viu que a maloca estava cheia de alimentos, tinha pacova tinha milho tinha macacheira, tinha aluá e cachirí, tinha maparás e camorins pescados, maracujá-michira ata abio sapota sapotilha, tinha passoca de viado e carne fresca de cutiara, todos êsses comes e bebes bons... Jiguê conferiu que não pagava a pena brigar com o mano e deixou a linda Iriquí pra êle. Deu um suspiro catou os carrapatos e dormiu folgado na rede.

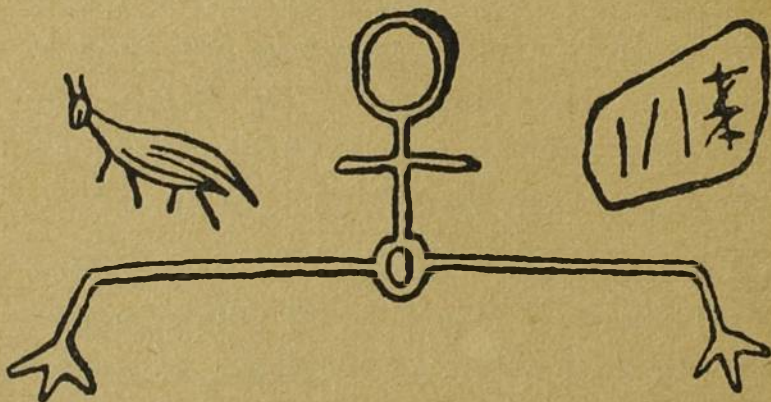
No outro dia Macunaíma depois de brincar cedinho com a linda Iriquí, saiu pra dar uma voltinha. Atravessou o reino encantado da Pedra Bonita em Pernambuco e quando estava chegando na cidade de Santarém topou com uma viada parida.

— Essa eu caço! êle fez. E perseguiu a viada. Esta escapoliu facil mas o herói poudé pegar o filhinho dela que nem não andava quasi, se escondeu por detrás duma carapanaúba e cotucando o viadinho fez êle berrar. A viada ficou feito louca, esbugalhou os olhos parou turtuveou e veio vindo veio vindo parou ali mesmo defronte chorando de amor. Então o herói flexou a viada parida. Ela caiu esperneou um bocado e ficou rija estirada no chão. O herói cantou vitória. Chegou perto da viada olhou que mais olhou e deu um grito, desmaiando. Tinha sido uma peça do Anhân-



ga... Não era viada não, era a própria mãe tapanhumas que Macunaíma flexara e estava morta ali, toda arranhada com os espinhos das titaras e mandacarús do mato.

Quando o herói voltou da sapituca foi chamar os manos e os tres chorando muito passaram a noite de guarda bebendo olonití e comendo carimã com peixe. Madrugadinha pousaram o corpo da velha numa rede e foram enterra-la por debaixo duma pedra no lugar chamado Pai da Tocandeira. Maanape que era um catimbozeiro de marca maior, foi que gravou o epitáfio. E era assim:



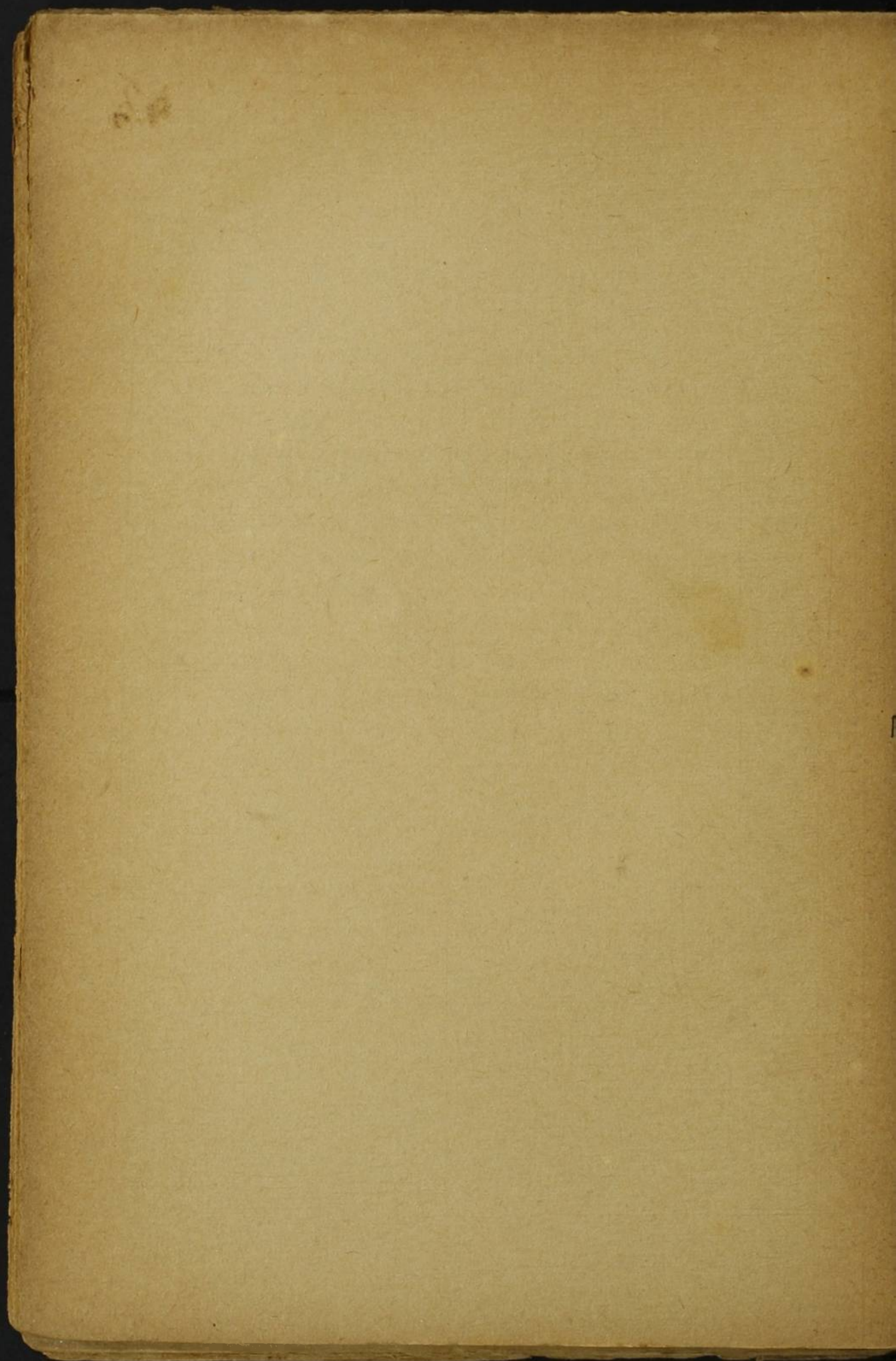
Jejuaram o tempo que o preceito mandava e Macunaíma gastou o jejum se lamentando heroicamente. A barriga da morta foi inchando foi inchando e no fim das chuvas tinha virado num cêrro macio. Então Macunaíma deu a mão pra Iriquí, Iriquí deu a mão pra Maanape, Maanape deu a mão pra Jiguê e os quatro partiram por êsse mundo.



III

CI, MÃE DO MATO







Uma feita os quatro iam seguindo por um caminho no mato e estavam penando muito de sede, longe dos igapós e das lagôas. Não tinha nem mesmo umbú no bairro e Vei, a Sol, esfiapando por entre a folhagem guascava sem parada o lombo dos andarengos. Suavam como numa pagelança em que todos tivessem besuntado o corpo com azeite de piquiá, marchavam. De repente Macunaíma parou riscando a noite do silêncio com um gesto imenso de alerta. Os outros estacaram. Não se escutava nada porém Macunaíma sussurrou:

— Tem coisa.

Deixaram a linda Iriquí se enfeitando sentada nas raízes duma samaúma e avançaram cautelosos. Já Vei estava farta de tanto guascar o lombo dos tresmanos quando legua e meia adiante Macunaíma escoteiro topou com uma cunhã dormindo. Era Ci, Mãe do Mato. Logo viu pelo peito dextro sêco dela, que a moça fazia parte dessa tribo de mulheres sozinhas parando lá nas praias da lagôa Espêlho da Lua, coada



pelo Nhamundá. A cunhã era linda com o corpo chupado pelos vícios, colorido com genipapo.

O herói se atirou por cima dela pra brincar. Ci não queria. Fez lança da flexa tridente enquanto Macunaíma puxava da pageú. Foi um pega tremendo e por debaixo da copada reboavam os berros dos briguentos diminuindo de medo os corpos dos passarinhos. O herói apanhava. Recebera já um murro de fazer sangue no nariz e um lapo fundo de txara no rabo. A icamiaba não tinha nem um arranhãozinho e cada gesto que fazia era mais sangue no corpo herói soltando berros formidandos que diminuiam de medo os corpos dos passarinhos. Afinal se vendo nas amarelas porque não podia mesmo com a icamiaba, o herói deitou fugindo chamando pelos manos:

— Me acudam que sinão eu mato! me acudam que sinão eu mato!.

Os manos vieram e agarraram Ci. Maanape trançou os braços dela por detrás enquanto Jiguê com a murucú lhe dava uma porrada no côco. E a icamiaba caiu sem auxílio nas samambaias da serrapilheira. Quando ficou bem imovel, Macunaíma se aproximou e brincou com a Mãe do Mato. Vieram então muitas jandáias, muitas araras vermelhas tuíns coricas periquitos, muitos papagaios saudar Macunaíma, o novo Imperador do Mato-Virgem.

E os tres manos seguiram com a companheira nova. Atravessaram a cidade das Flores evitaram o rio das Amarguras passando por debaixo do salto da Felici-



dade, tomaram a estrada dos Prazeres e chegaram no capão de Meu Bem que fica nos cerros da Venezuela. Foi de lá que Macunaíma imperou sobre os matos misteriosos, enquanto Ci comandava nos assaltos as mulheres empunhando txaras de tres pontas.

O herói vivia sossegado. Passava os dias marupiara na rede matando formigas taiocas, chupitando golinhos estalados de pajuari e quando agarrava cantando acompanhado pelos sons gotejantes do cotcho, os matos reboavam com doçura adormecendo as cobras os carrapatos os mosquitos as formigas e os deuses rúins.

De-noite Ci chegava rescendendo resina de pau, sangrando das brigas e trepava na rede que ela mesmo tecera com fios de cabelo. Os dois brincavam e depois ficavam rindo um pro outro.

Ficavam rindo longo tempo, bem juntos. Ci aromava tanto que Macunaíma tinha tonteiras de moleza.

— Puxa! como você cheira, benzinho!

que êle murmurava gosado. E escancarava as narinas mais. Vinha uma tonteira tão macota que o sono principiava pingando das pálpebras dele. Porém a Mãe do Mato inda não estava satisfeita não e com um jeito de rede que enlaçava os dois convidava o companheiro pra mais brinquedo. Morto de soneira, infernizado, Macunaíma brincava para não desmentir a fama só, porém quando Ci queria rir com êle de satisfação:

— Ai! que preguiça!...



que o herói suspirava enfarado. E dando as costas pra ela adormecia bem. Mas Ci queria brincar inda mais... Convidava convidava... O herói ferrado no sono. Então a Mãe do Mato pegava na txara e cotucava o companheiro. Macunaíma se acordava dando grandes gargalhadas estorcegando de cócegas.

— Faz isso não, oferecida!

— Faço!

— Deixa a gente dormir, seu bem...

— Vamos brincar.

— Ai! que preguiça!...

E brincavam mais outra vez.

Porém nos dias de muito pajuarí bebido, Ci encontrava o Imperador do Mato-Virgem largado por aí num porre mãe. Iam brincar e o herói esquecia no meio.

— Então, herói!

— Então o quê!

— Você não continua?

— Continua o quê!

— Pois, meus pecados, a gente está brincando e vai você para no meio!

— Ai! que preguiça...

Macunaíma mal esboçava de tão chumbado. E procurando um macio nos cabelos da companheira adormecia feliz.

Então pra anima-lo Ci empregava o estratagema sublime. Buscava no mato a folhagem de fogo da urtiga e sapecava com ela uma coça coçadeira no chuí do herói e na nalachítchi dela. Isso Macunaíma ficava



que ficava um lião querendo. Ci também. E os dois brincavam que mais brincavam num deboche de ardor prodigioso.

Mas era nas noites de insônia que o gôso inventava mais. Quando todas as estrêlas incendiadas derramavam sobre a Terra um óleo calorento que ninguém não suportava de tão quente, corria pelo mato uma presença de incêndio. Nem a passarinhada aguentava no ninho. Mexia inquieta o pescoço, voava pro galho em frente e no milagre mais enorme dêste mundo inventava de sopetão uma alvorada preta, catacantando que não tinha fim. A bulha era tremenda o cheiro poderoso e o calor inda mais.

Macunaíma dava um safanão na rede atirando Ci longe. Ela acordava feito fúria e crescia pra cima dele. Brincavam assim. E agora despertados inteiramente pelo gôso inventavam artes novas de brincar.

Nem bem seis meses passaram e a Mãe do Mato pariu um filho encarnado. Isso, vieram famosas mulatas da Baía, do Recife, do Rio Grande do Norte e da Paraíba, e deram prá Mãe do Mato um laçarote rubro côr de mal, porque agora ela era mestra do cordão encarnado em todos os Pastoris de Natal. Depois foram-se embora com prazer e alegria, bailando que mais bailando, seguidas de futebóleres águias pequenos xodós seresteiros, toda essa rapaziada dorê. Macunaíma ficou de repouso o mês de preceito porém se recusou a jejuar. O pecurrucho tinha cabeça



chata e Macunaíma inda a achatava mais batendo nela todos os dias e falando pro gurí:

— Meu filho, cresce depressa pra você ir pra São Paulo ganhar muito dinheiro.

Todas as icamiabas queriam bem o menino encarnado e no primeiro banho dele puseram todas as jóias da tribu pra que o pequeno fosse rico sempre. Mandaram buscar na Bolívia uma tezoura e enfiaram ela aberta debaixo do cabeceiro porque sinão Tutú Marambá vinha, chupava o umbigo do piá e o dedão do pé de Ci. Tutú Marambá veio, topou com a tezoura e se enganou: chupou o ôlho dela e foi-se embora satisfeito. Todos agora só matutavam no pecurrucho. Mandaram buscar pra êle em São Paulo os famosos sapatinhos de lã tricotados por dona Ana Francisca de Almeida Leite Morais e em Pernambuco as rendas «Rosa dos Alpes», «Flor de Guabirola» e «Por ti padeço» tecidas pelas mãos de dona Joaquina Leitão mais conhecida pelo nome de Quinquina Cacunda. Filtravam o melhor tamarindo das irmãs Louro Vieira, de Obidos, pro menino engulir no refrêsko o remedinho pra lombriga. Vida feliz, era bom!... Mas uma feita jucurutú pousou na maloca do imperador e soltou o regougo agourento. Macunaíma tremeu assustado espantou os mosquitos e caiu no pajuarí por demais pra ver si espantava o medo também. Bebeu e dormiu noite inteira. Então chegou a Cobra Preta e tanto que chupou o único peito vivo de Ci que não deixou nem o apôjo. E como Jiguê não



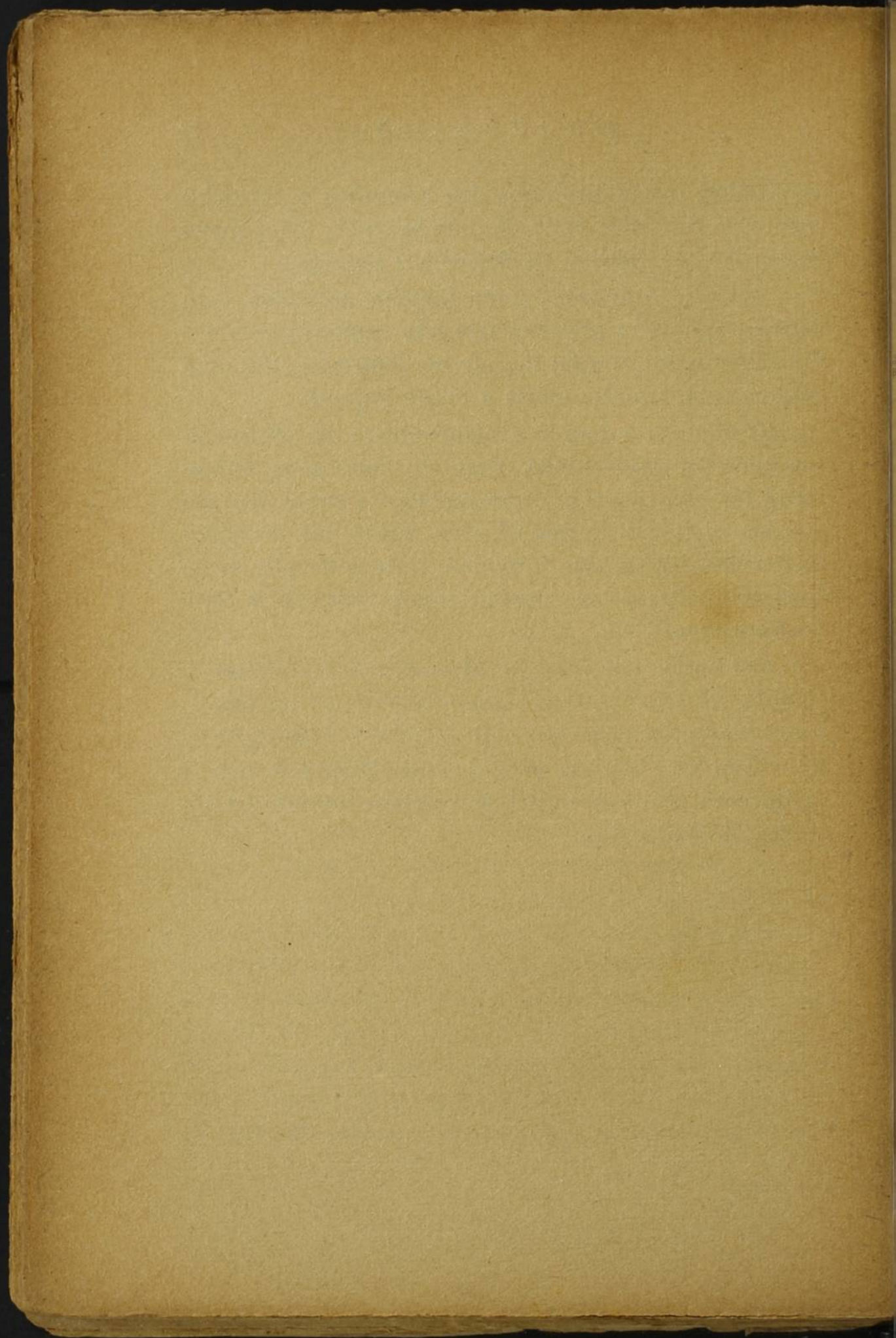
consequira moçar nenhuma das icamiabas o curumim sem ama chupou o peito da mãe no outro dia, chupou mais, deu um suspiro envenenado e morreu.

Botaram o anjinho numa igaçaba esculpida com forma de jaboti e pros boitatás não comerem os olhos do morto o enterraram mesmo no centro da taba com muitos cantos muita dança e muito pajuarí.

Terminada a função a companheira de Macunaíma toda enfeitada ainda, tirou do colar uma muiraquitã famosa, deu-a pro companheiro e subiu pro céu por um cipó. E' lá que Ci vive agora nos trinqes passeando, liberta das formigas, toda enfeitada ainda, toda enfeitada de luz, virada numa estrêla. E' a Beta do Centauro.

No outro dia quando Macunaíma foi visitar o túmulo do filho viu que nascera do corpo uma plantinha. Trataram dela com muito cuidado e foi o guaraná. Com as frutinhas piladas dessa planta é que a gente cura muita doença e se refresca durante os calorões de Vei, a Sol.



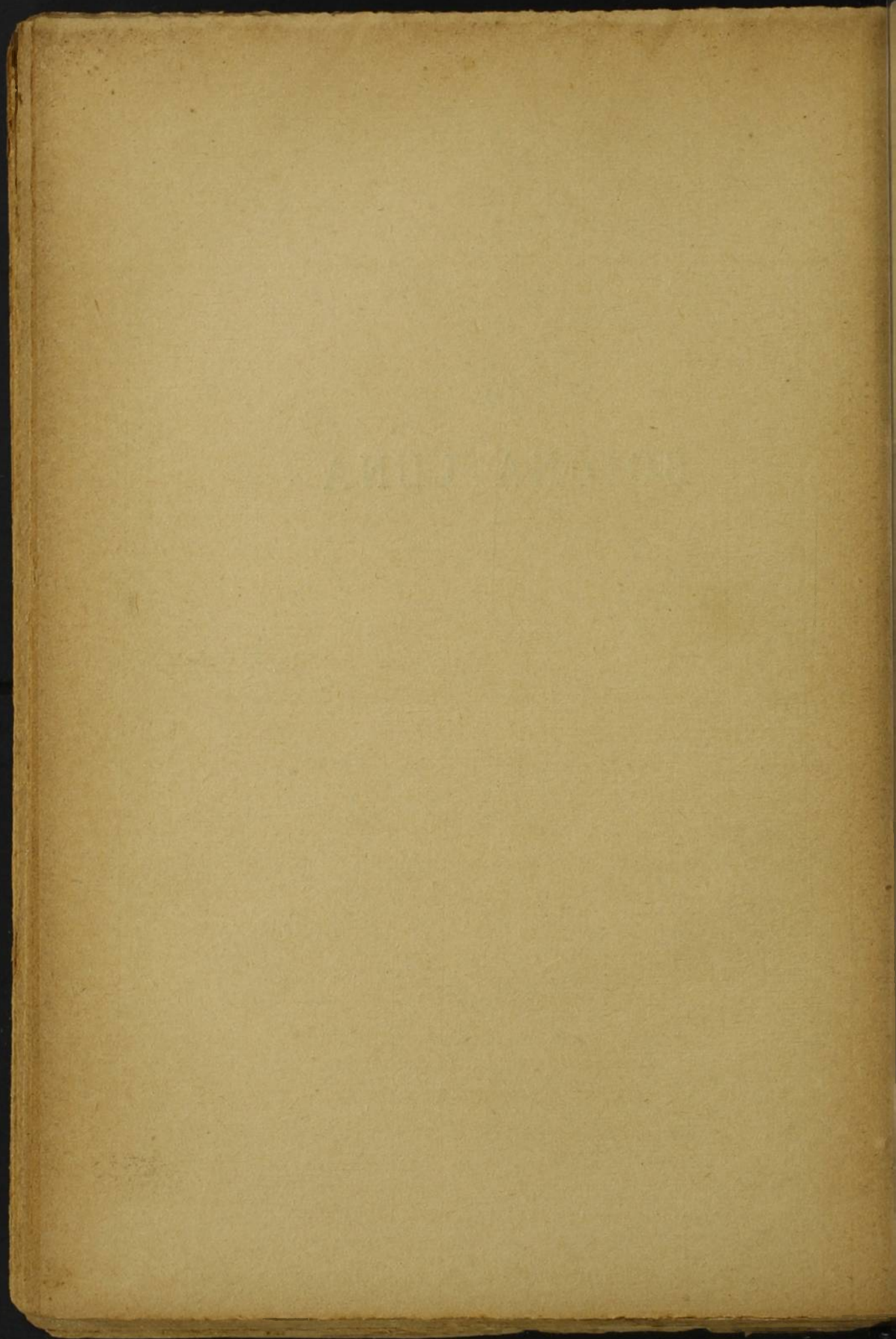




IV

BOIÚNA LUNA







No outro dia bem cedo o herói padecendo saudades de Ci a companheira pra sempre inesquecível, furou o beíço inferior e fez da muiiraquitã um tembetá. Sentiu que ia chorar. Chamou depressa os manos, se despediu das icamiabas e partiu.

Gauderiarã gauderiarã por todos aqueles matos sobre os quais Macunaíma imperava agora. Por toda a parte êle recebia homenagens e era sempre acompanhado pelo séquito de araras vermelhas e jan-dáias. Nas noites de amargura êle trepava num assaizeiro de frutas roxas como a alma dele e contemplava no céu a figura faceira de Ci. «Marvada!» que êle gemia... Então ficava muito sofrendo, muito! e invocava os deuses bons cantando cânticos de longa duração...

Rudá, Rudá!...

Tu que secas as chuvas,

Faz com que os ventos do oceano

Desembestem por minha terra

Pra que as nuvens vão-se embora

E a minha marvada brilhe



Limpinha e firme no céu!...  
Faz com que amansem  
Todas as aguas dos rios  
Pra que eu me banhando neles  
Possa brincar com a marvada  
Refletida no espêlho das aguas!...

Assim. Então descia e chorava encostado no ombro de Maanape. Jiguê soluçando de pena animava o fogo da caieira pra que o herói não sentisse frio. Maanape engulia as lágrimas, invocando o Acutipurú o Murucututú o Ducucú, todos êsses donos do sono em acalantos assim:

Acutipurú,  
Empresta vosso sono  
Pra Macunaíma  
Que é muito manhoso!...

Catava os carrapatos do herói e o acalmava balanceando o corpo. O herói acalmava acalmava e adormecia bem.

No outro dia os tres estradeiros recomeçavam a caminhada através dos matos misteriosos. E Macunaíma era sempre seguido pelo séquito de araras vermelhas e jandáias.

Caminhando caminhando, uma feita em que a araiada principiava enxotando a escuridade da noite, es-



cutaram longe um lamento de moça. Foram ver. Andaram legua e meia e encontraram uma cascata chorando sem parada. Macunaíma perguntou prá cascata:

--- Que é isso!

— Chouriço!

— Conta o que é.

E a cascata contou o que tinha sucedido pra ela.

— Não vê que chamo Naipi e sou filha do tuxáua Mexô-Mexoitiquí nome que na minha fala quer dizer Engatinha-Engatinha. Eu era uma boniteza de cunhatã e todos os tuxáuas vizinhos desejavam dormir na minha rede e provar meu corpo mais molengo que embirossú. Porém quando algum vinha eu dava dentadas e contapés por amor de experimentar a fôrça dele. E todos não aguentavam e partiam sorumbáticos.

Minha tribu era escrava da boiúna Capêi que morava num covão em companhia das saúvas. Sempre no tempo em que os ipês de beira-rio se amarelavam de flores a boiúna vinha na taba escolher a cunhã virgem que ia dormir com ela na socava cheia de esqueletos.

Quando meu corpo chorou sangue pedindo fôrça de homem pra servir, a suinara cantou manhãzinha nas jarinas de meu tejupá, veio Capêi e me escolheu. Os ipês de beira-rio relampeavam de amarelo e todas



as flores caíram nos ombros soluçando do moço Titçatê guerreiro de meu pai. A tristura talqualmente correição de sacassáia viera na taba e devorara até o silêncio.

Quando o pagé velho tirou a noite do buraco outra vez, Titçatê ajuntou as florzinhas perto dele e veio com elas prá rede da minha última noite livre. Então mordeu Titçatê.

O sangue espirrou na munheca morbida porém o moço não fez caso não, gemeu de raiva amando, me encheu a boca de flores que não pude mais morder. Titçatê pulou na rede e Naipi serviu Titçatê.

Depois que brincamos feito doidos entre sangue escorrendo e as florzinhas de ipê, meu vencedor me carregou no ombro me jogou na ipeigara abicada num esconderijo de aturiás e frexou pro largo rio Zangado, fugindo da boiúna.

No outro dia quando o pagé velho guardou a noite no buraco outra vez, Capêi foi me buscar e encontrou a rede sangrando vazia. Deu um urro e deitou correndo em busca nossa. Vinha vindo vinha vindo, a gente escutava o urro dela perto, mais perto pertinho e afinal as águas do rio Zangado empinaram com o corpo da boiúna ali.

Titçatê não podia mais remar desfalecido, sangrando sempre com a mordida na munheca. Por isso que não pudemos fugir. Capêi me prendeu, me revi-



rou, fez a sorte do ovo em mim, deu certo e a boiúna viu que eu já servira Titçatê.

Quis acabar com o mundo de raiva tamanha, não sei... me virou nesta pedra e atirou Titçatê na praia do rio, transformado numa planta. E' aquela uma que está lá, lá em baixo, lá! E' aquele mururê tão lindo que se enxerga, bracejando nagua pra mim. As flores roxas dele são os pingos de sangue da mordida, que meu frio de cascata regelou.

Capêi mora em baixo de mim, examinando sempre si fui mesmo brincada pelo moço. Fui sim e passarei chorando nesta pedra até o fim do que não tem fim, maguas de não servir mais o meu guerreiro T'çatê...»

Parou. O choro pingava nos joelhos de Macunaíma e êle soluçou tremido.

— Si... si... si a boboiúna aparecesse eu... eu matava ela!

Então se escutou um urro guassú e Capêi veio saindo dagua. E Capêi era a boiúna. Macunaíma ergueu o busto relumeando de heroísmo e avançou pro mostro. Capêi escancarou a guela e soltou uma nuvem de apiacás. Macunaíma bateu que mais bateu vencendo os maribondos. O monstro atirou uma guascada tirlintando com os guisos do rabo, porém nesse momento uma formiga tracuá mordeu o calcanhar do herói. Ele agachou distraído com a dor e o



rabo passou por cima dele indo bater na cara de Capêi. Então ela urrou mais e deu um bote na coxa de Macunaíma. Ele só fez um afastadinho com o corpo, agarrou num rochedo e juque! decepou a cabeça da bicha.

O corpo dela se estorceu na corrente enquanto a cabeça com aqueles olhões docinhos vinha beijar vencida os pés do vingador. O herói teve medo e jogou no viado mato dentro acompanhado pelos manos.

— Vem cá, sirirí, vem cá! que a cabeça gritava.

Eles chispavam mais. Correram legua e meia e olharam pra trás. A cabeça de Capêi vinha rolando sempre em busca deles. Correram mais e quando não podiam de fadiga treparam num bacuparizeiro ribeirinho pra ver si a cabeça continuava pra diante. Mas cabeça parou por debaixo do pau e pediu bacuparís. Macunaíma sacudiu a árvore. A cabeça catou as frutas do chão, comeu e pediu mais. Jiguê sacudiu bacuparís dentro dagua porém a cabeça falou que lá não ia não. Então Maanape atirou com toda a fôrça uma fruta longe e enquanto a cabeça ia busca-la os manos desceram do pau e se raspavam. Correndo correndo, legua e meia adiante deram com a casa onde morava o bacharel de Cananea. O coroca estava na porta sentado e lia manuscritos profundos. Macunaíma falou pra êle:

— Como vai, bacharel?



— Menos mal, ignoto viajor.

— Tomando a fresca, não?

— C'est vrai, como dizem os franceses.

— Bem, té-logo, bacharel, estou meio afobado...

E chisparam outra vez. Atravessaram os sambaquís do Caputera e do Morrete num respiro. Logo adiante havia um rancho teatino. Entraram e fecharam a porta bem. Então Macunaíma pôs reparo que perdera o tembetá. Ficou desesperado porque era a unica lembrança que guardava de Ci. Ia saindo pra campear a pedra porém os manos não deixaram. Não durou muito a cabeça chegou. Juque! bateu.

— Que ha?

— Abra a porta pra mim entrar!

Porém jacaré abriu? nem êles! e a cabeça não pode entrar. Macunaíma não sabia que a cabeça ficara escrava dele e não vinha pra fazer mal não. A cabeça esperou muito porém vendo que não abriam mesmo matutou no que ia ser. Si fosse ser agua os outros bebiam, si fosse mosquito flitavam, si fosse trem de ferro descarrilava, si fosse rio punham no mapa... Resolveu: «Vou ser Lua». Gritou:

— Abram a porta, gente, que quero umas coisas!

Macunaíma espiou pela fresta e avistou Jiguê já abrindo:

— Está solta!



Jiguê tornou a fechar a porta. Por isso que existe a expressão «Tá sôlto!» indicando que a gente não faz mesmo o que nos pedem.

Quando Capêi viu que não abriam a porta principiou se lamentando muito e perguntou prá iandú caranguejeira si ajudava a subida pro céu.

— Meu fio Sol derrete, secundou a aranha tatamanha.

Então a cabeça pediu pros xexéus se ajuntarem e ficou noite escura.

— Meu fio ninguém não enxerga de noite, disse a aranha tatamanha.

A cabeça foi buscar um cuitê de friagem nos Andes e falou:

— Despeja uma gota cada legua e meia, fio branqueia de geada. Podemos ir.

— Pois então vamos.

A iandú principiou fazendo fio no chão. Com o primeiro ventinho que brisou por ali o fio leviano se ergueu no céu. Então a aranha tatamanha subiu por êle e da ponta lá em riba derramou um bocado de geada. E enquanto a iandú caranguejeira fazia mais fio de lá pra riba, o de baixo branqueava todo. A cabeça gritou:

— Adeus, meu povo, que vou pro céu!

E lá foi comendo fio sobessubindo pro campo vasto do céu. Os manos abriram a porta e espiaram. Capêi sempre subindo.



— Você vai mesmo pro céu, cabeça?

— Uum, ela fez não podendo mais abrir a boca.

Quando foi ali pela hora antes da madrugada a boiúna Capêi chegou no céu. Estava gorduxa de tanto fio comido e muito pálida do esforço. Todo o suor dela caia sobre a Terra em gotinhas de orvalho novo. Por causa do fio geado é que Capêi é tão fria. Dantes Capêi foi a boiúna mas agora é a cabeça da Lua lá no campo vasto do céu. Desde essa feita as caranguejeiras preferem fazer fio de noite.

No outro dia os manos deram um campo até a beira do rio mas campearam, campearam em vão, nada de muiraquitã. Perguntaram pra todos os seres, aperemas saguís tatús-mulitas tejús mussuãs da terra e das árvores, tapiucabas chabós matinta-pereras pinicapaus e aracuãs do ar, prá ave japiim e seu compadre marimbondo, prá baratinha casadeira, pro passaro que grita «Taám!» e sua companheira que responde «Taím!», prá lagartixa que anda de pique com o ratão, pros tambaquis tucunarés pirarucús curimatás do rio, os pecaís tapicurús e iererês da práia, todos êsses entes vivos mas ninguém não vira nada, ninguém não sabia de nada. E os manos bateram pé na estrada outra vez, varando os dominios imperiais. O silêncio era feio e o desespero também. De vez em quando Macunaíma parava pensando na marvada... Que desejo batia nêle! Parava tempo. Chorava muito tempo. As lágrimas escorregando pelas faces



infantis do herói iam lhe batisar a peitaria cabeluda. Então êle suspirava sacudindo a cabecinha:

— Qual, manos! Amor primeiro não tem companheiro, não!...

Continuava a caminhar. E por toda a parte recebia homenagens e era sempre seguido pelo séquito sarapintado de jandáias e araras vermelhas.

Uma feita em que deitara numa sombra enquanto esperava os manos pescando, o Negrinho do Pastoreio pra quem Macunaíma rezava diariamente, se apiedou do panema e resolveu ajuda-lo. Mandou o passarinho uirapurú. Quando sinão quando o herói escutou um tatarlar inquiêto e o passarinho uirapurú pousou no joelho dele. Macunaíma fez um gesto de caceteação e enxotou o passarinho uirapurú. Nem bem minuto passado escutou de novo a bulha e o passarinho pousou na barriga dele. Macunaíma nem se amolou mais. Então o passarinho uirapurú agarrou cantando com doçura e o herói entendeu tudo o que êle cantava. E era que Macunaíma estava desinfeliz porque perdera a muiraquitã na práia do rio quando subia no bacuparí. Porém agora, cantava o lamento do uirapurú, nunca mais que Macunaíma havia de ser marupiara não, porque uma tracajá engulira a muiraquitã e o mariscador que apanhara a tartaruga tinha vendido a pedra verde pra um regatão peruano se chamando Venceslau Pietro Pietra. O dono do talismã enriquecera e parava fa-



zendeiro e baludo lá em São Paulo, a cidade macota lambida pelo igarapé Tietê.

Dito isto o passarinho uirapurú executou uma letra no ar e desapareceu. Quando os ~~manos~~ chegaram da pesca Macunaíma falou pra êles:

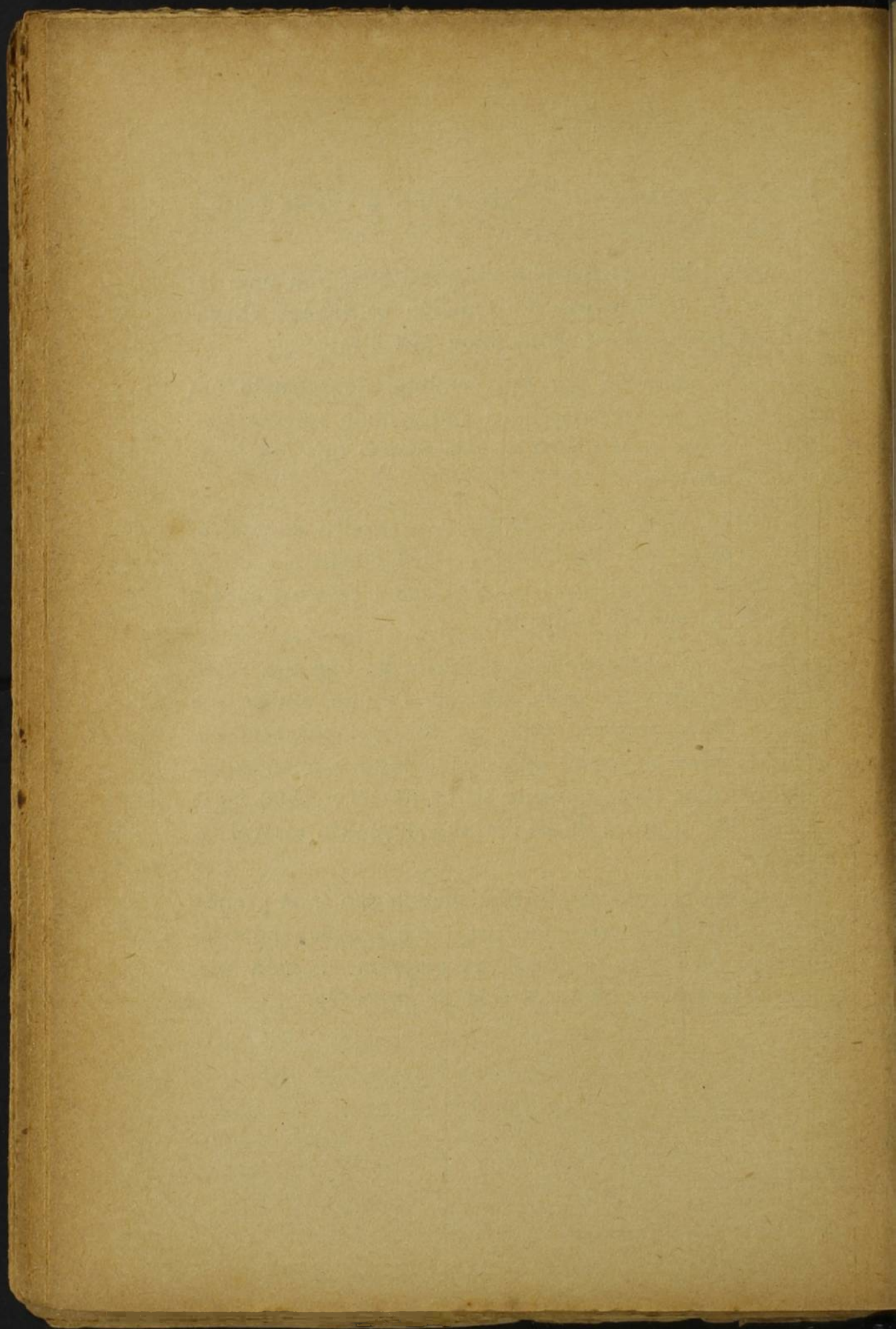
— Ia andando por um caminho negaceando um catingueiro e vai, presenciei um friume no costado. Botei a mão e saiu uma lacráia mansa que me falou toda a verdade.

Então Macunaíma contou o paradeiro da muiraquitã e disse pros manos que estava disposto a ir em São Paulo procurar êsse tal Venceslau Pietro Pietra e retomar o tembetá roubado.

— ... e cascavel faça ninho si eu não topo com a muiraquitã! Si vocês venham comigo muito que bem, si não, homem, antes só do que mal acompanhado! Mas eu tenho opinião de sapo e quando encasqueto uma coisa aguento firme no tôco. Hei de ir só pra tirar a prosa do passarinho uirapurú, minto! da lacráia.

Depois que discursou Macunaíma deu uma grande gargalhada imaginando na peça que pregava no passarinho. Maanape e Jiguê resolveram ir com êle, mesmo porque o herói carecia de proteção.



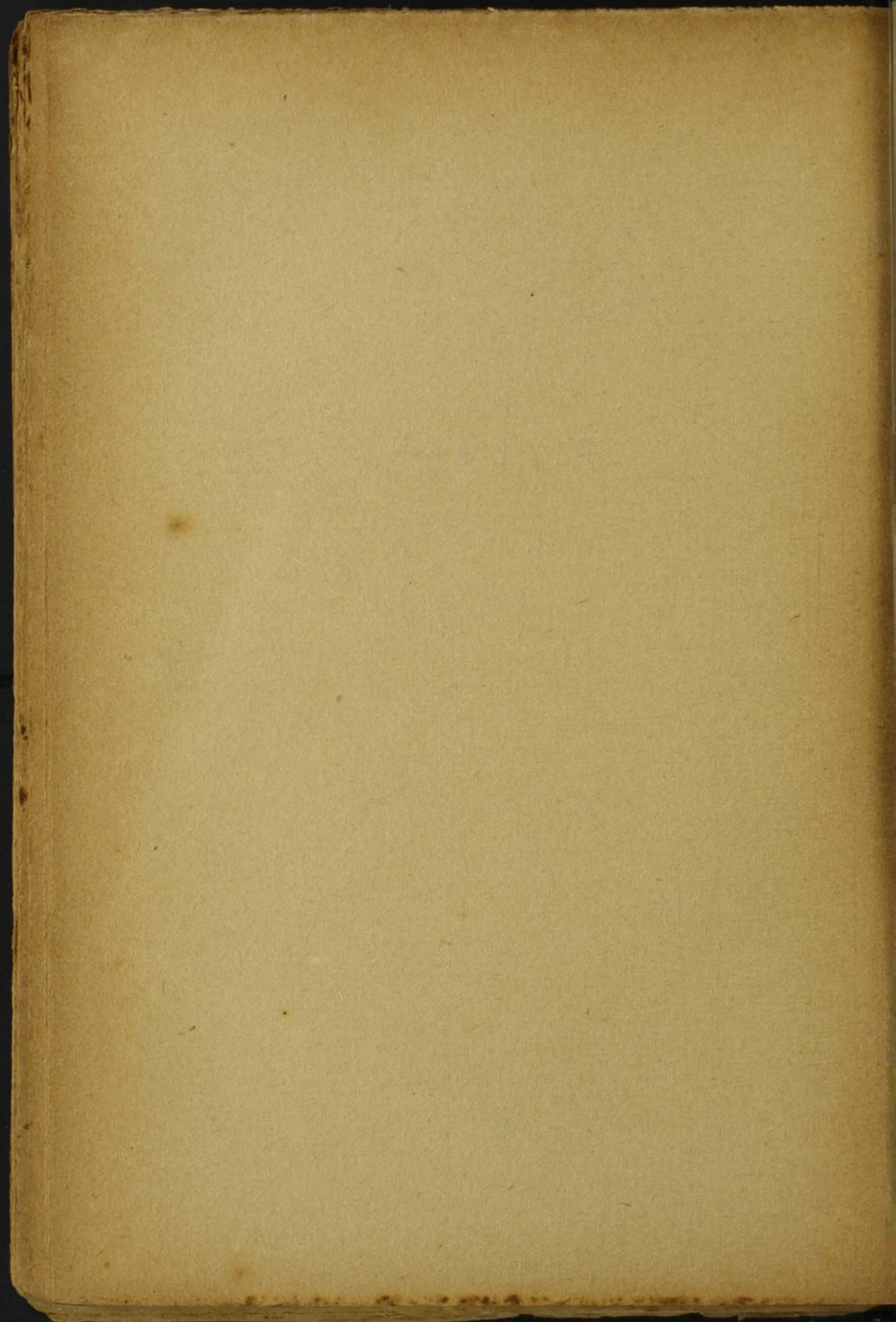




V

PIAIMÃ







No outro dia Macunaíma pulou cedo na ubá e deu uma chegada até a foz do rio Negro pra deixar a conciência na ilha de Marapatá. Deixou-a bem na ponta dum mandacarú de dez metros, pra não ser comida pelas saúvas. Voltou pro lugar onde os manos esperavam e no pino do dia os tres rumaram prá margem esquerda da Sol.

Muitos casos sucederam nessa viagem por caatingas rios corredeiras, gerais, corgos, corredores de tabatinga matos-virgens e milagres do sertão. Macunaíma vinha com os dois manos pra São Paulo. Foi o Araguaia que facilitou-lhes a viagem. Por tantas conquistas e tantos feitos passados o herói não ajuntara um vintem só mas os tesouros herdados da icamiaba estrêla estavam escondidos nas grunhas do Roraima lá. Dêsses tesouros Macunaíma apartou prá viagem nada menos de quarenta vezes quarenta milhões de bagos de cacau, a moeda tradicional. Caculou com êles um dilúvio de embarcações. E ficou lindo trepando pelo Araguaia aquele poder de igaras, duma em uma duzentas em ajôjo que nem flexa na pele do rio. Na



frente Macunaíma vinha de pé, carrancudo, procurando no longe a cidade. Matutava matutava roendo os dedos agora cobertos de berrugas de tanto apontarem Ci estrêla. Os manos remavam espantando os mosquitos e cada arranco dos remos repercutindo nas duzentas igaras ligadas, despejava uma batelada de bagos na pele do rio, deixando uma esteira de chocolate onde os camuatás pirapitingas dourados piracanjubas uarús-uarás e bacús se regalavam.

Uma feita a Sol cobrira os tres manos duma escaminha de suor e Macunaíma se lembrou de tomar banho. Porém no rio era impossivel por causa das piranhas tão vorazes que de quando em quando na luta pra pegar um naco de irmã espedaçada, pulavam aos cachos pra fóra dagua metro e mais. Então Macunaíma enxergou numa lapa bem no meio do rio uma cova cheia dagua. E a cova era que-nem a marca dum pé gigante. Abicaram. O herói depois de muitos gritos por causa do frio da agua entrou na cova e se lavou inteirinho. Mas a agua era encantada porque aquele buraco na lapa era marca do pêsão do Sumé, do tempo em que andava pregando o evangelho de Jesus prá indiada brasileira. Quando o herói saiu do banho estava branco loiro e de olhos azuizinhos, agua lavara o pretume dele. E ninguem não seria capaz mais de indicar nele um filho da tribu retinta dos Tapanhumas.

Nem bem Jiguê percebeu o milagre, se atirou na marca do pêsão do Sumé. Porém a agua já estava



muito suja da negrura do herói e por mais que Jiguê esfregasse feito maluco atirando agua pra todos os lados só conseguiu ficar da côr do bronze novo. Macunaíma teve dó e consolou:

— Olhe, mano Jiguê, branco você ficou não, porém pretume foi-se e antes fanhoso que sem nariz.

Maanape então é que foi se lavar, mas Jiguê esborrifara toda a agua encantada pra fóra da cova. Tinha só um bocado lá no fundo e Maanape conseguiu molhar só a palma dos pés e das mãos. Por isso ficou negro bem filho da tribu dos Tapanhumas. Só que as palmas das mãos e dos pés dele são vermelhas por terem se limpado na agua santa. Macunaíma teve dó e consolou:

— Não se avexe, mano Maanape, não se avexe não, mais sofreu nosso tio Judas!

E estava lindissimo na Sol da lapa os tres manos um loiro um vermelho outro negro, de pé bem erguidos e nus. Todos os seres do mato espiavam assombrados. O jacaréuna o jacarétinga o jacaré-assú o jacaré-ururau de papo amarelo, todos êsses jacarés botaram os olhos de rochedo pra fóra dagua. Nos ramos das ingazeiras das aningas das mamoranas das embaúbas dos catauaris de beira-rio o macaco-prego o macaco-de-cheiro o guariba o bugio o cuatá o barrigudo o coxiú o cairara, todos os quarenta macacos do Brasil, todos, espiavam babando de inveja. E os



sabiás, o sabiàcica o sabiàpoca o sabiàúna o sabiá-piranga o sabiágongá que quando come não me dá, o sabiá-barranco o sabiá-tropeiro o sabiá-laranjeira o sabiá-gute todos êsses ficaram pasmos e esqueceram de acabar o trinado, vozeando vozeando com eloquência. Macunaíma teve ódio. Botou as mãos nas ancas e gritou prá natureza:

— Nunca viu não!

Então os seres naturais debandaram vivendo e os tres manos seguiram caminho outra vez.

Porém entrando nas terras do igarapé Tietê adonde o burbon vogava e a moeda tradicional não era mais cacau, em vez, chamava arame contos contecos milreis borós tostão duzentorréis quinhentorréis, cinquenta paus, noventa bagarotes, e pelegas cobres xenxens caraminguás selos bicos-de-coruja massuni bolada calcáreo gimbra siridó bicha e pataracos, assim, adonde até liga pra meia ninguém comprava nem por vinte mil cacaús, Macunaíma ficou muito contrariado. Ter de trabucar, êle, herói... Mumurou desolado:

— Ai! que preguiça!...

Resolveu abandonar a emprêsa, voltando pros pagos de que era imperador. Porém Maanape falou assim:

— Deixa de ser aruá, mano! Por morrer um carangueijo o mangue não bota luto! que diacho! desanima não que arranjo as coisas!



Quando chegaram em São Paulo, ensacou um pouco do tesouro pra comerem e barganhando o resto na Bolsa apurou perto de oitenta contos de réis. Maa-nape era feiticeiro. Oitenta contos não valia muito mas o herói refletiu bem e falou pros manos:

— Paciência. A gente se arruma com isso mesmo, quem quer cavalo sem tacha anda de a-pé...

Com êsses cobres é que Macunaíma viveu.

E foi numa boca-da-noite fria que os manos toparam com a cidade macota de São Paulo esparramada a beira-rio do igarapé Tietê. Primeiro foi a gritaria da papagaiada imperial se despedindo do herói. E lá se foi o bando sarapintado volvendo pros matos do norte.

Os manos entraram num cerrado cheio de inajás ouricurís ubussús bacabas mucajás miritís tucumãs trazendo no curuatá uma penachada de fumo em vez de palmas e cocos. Todas as estrêlas tinham descido do céu branco de tão molhado de garôa e banzavam pela cidade. Macunaíma lembrou de procurar Ci. Êh! dessa êle nunca poderia esquecer não, porque a rede feiticeira que ela armara pros brinquedos, fôra tecida com os proprios cabelos dela e isso torna a tece-deira inesquecível. Macunaíma campeou campeou mas as estradas e terreiros estavam apinhados de cunhãs tão brancas tão alvinhas, tão!... Macunaíma gemia. Roçava nas cunhãs murmurando com doçu-



ra: «Mani! Mani! filhinhos da mandioca...» perdido de gôsto e tanta formosura. Afinal escolheu tres. Brincou com elas na rede estranha plantada no chão, numa maloca mais alta que a Paranaguara. Depois, por causa daquela rede ser dura, dormiu de atravessado sobre os corpos das cunhãs. E a noite custou pra êle quatrocentos bagarotes.

A inteligência do herói estava muito perturbada. Acordou com os berros da bicharia lá em baixo nas ruas, disparando entre as malocas temiveis. E aquele diacho de sagui-assú que o carregara pro alto do tapiri tamanho em que dormira... Que mundo de bichos! que despropósito de papões roncando, mauarís juruparís sacis e boitatás nos atalhos nas socavas nas cordas dos morros furados por grotões donde gentama saia muito branquinha branquissima, de certo a filharada da mandioca!... A inteligência do herói estava muito perturbada. As cunhãs rindo tinham ensinado pra êle que o sagui-assú não era saguim não, chamava elevador e era uma máquina. De-manhãzinha ensinaram que todos aqueles piados berros cuquiadas sôpros roncros esturros não eram nada disso não, eram mas clacsons campainhas apitos buzinas e tudo era máquina. As onças pardas não eram onças pardas, se chamavam fordes hupmobiles chevrolés dodges marmons e eram máquinas. Os tamanduás os boitatás as inajás de curuatás de fumo, em vez eram caminhões bondes autobondes anuncios-luminosos relógios faróis rádios motocicletas telefones gorgetas póstes chami-



nés... Eram máquinas e tudo na cidade era só máquina! O herói aprendendo calado. De vez em quando estremecia. Voltava a ficar imóvel escutando assuntando maquinando numa cisma assombrada Tomou-o um respeito cheio de inveja por essa deusa de deveras forçada, Tupã famanado que os filhos da mandioca chamavam de Máquina, mais cantadeira que a Mãe-Dagua, em bulhas de sarapantar.

Então resolveu ir brincar com a Máquina pra ser também imperador dos filhos da mandioca. Mas as tres cunhãs deram muitas risadas e falaram que isso de deuses era gorda mentira antiga, que não tinha deus não e que com a máquina ninguém não brinca porque ela mata. A máquina não era deus não, nem possuía os distintivos femininos de que o herói gostava tanto. Era feita pelos homens. Se mexia com eletricidade com fogo com água com vento com fumo, os homens aproveitando as forças da natureza. Porém jacaré acreditou? nem o herói! Se levantou na cama e com um gesto, êsse sim! bem guassú de desdem, tó! batendo o antebraço esquerdo dentro do outro dobrado, mexeu com energia a munheca direita pras tres cunhãs e partiu. Nesse instante, falam, ele inventou o gesto famanado de ofensa: a pacova.

E foi morar numa pensão com os manos. Estava com a boca cheia de sapinhos por causa daquela primeira noite de amor paulistano. Gemia com as dôres e não havia meios de sarar até que Maanape roubou



uma chave de sacrário e deu pra Macunaíma chupar. O herói chupou chupou e sarou bem. Maanape era feiticeiro.

Macunaíma passou então uma semana sem comer nem brincar só maquinando nas brigas sem vitória dos filhos da mandioca com a Máquina. A Máquina era que matava os homens porém os homens é que mandavam na Máquina... Constatou pasmo que os filhos da mandioca eram donos sem mistério e sem força da máquina sem mistério sem querer sem fastio, incapaz de explicar as infelicidades por si. Estava nostálgico assim. Até que uma noite, suspenso no terrço dum arranhacéu com os manos, Macunaíma concluiu:

— Os filhos da mandioca não ganham da máquina nem ela ganha deles nesta luta. Ha empate.

Não concluiu mais nada porque inda não estava acostumado com discursos porém palpitava pra êle muito embrulhadamente muito! que a máquina devia de ser um deus de que os homens não eram verdadeiramente donos só porque não tinham feito dela uma lara explicavel mas apenas uma realidade do mundo. De toda essa embrulhada o pensamento dele sacou bem clarinha uma luz: Os homens é que eram máquinas e as máquinas é que eram homens. Macunaíma deu uma grande gargalhada. Percebeu que estava livre outra vez e teve uma satisfa mãe. Virou Jiguê



na máquina telefone, ligou pros cabarés encomendando lagosta e francesas.

No outro dia estava tão fatigado da farra que a saudade bateu nele. Se lembrou da muiraquitã. Resolveu agir logo porque primeira pancada é que mata cobra.

Venceslau Pietro Pietra morava num tejupar maravilhoso rodeado de mato no fim da rua Maranhão olhando prá noruega do Pacaembú. Macunaíma falou pra Maanape que ia dar uma chegadinha até lá por amor de conhecer Venceslau Pietro Pietra. Maanape fez um discurso mostrando as inconveniências de ir lá porque o regatão andava com o calcanhar prá frente e si Deus o assinalou alguma lhe achou. De certo um manuarí malévo... Quem sabe si o gigante Piaimã comedor de gente!... Macunaíma não quis saber.

— Pois vou assim mesmo. Onde me conhecem honras me dão onde não me conhecem me darão ou não!

Então Maanape acompanhou o mano.

Por detrás do tejupar do regatão vivia a árvore Dzalaúra-Iegue que dá todas as frutas, cajús cajás cajàmangas mangás abacaxis abacates jaboticabas graviolas sapotís pupunhas pitangas guajirú cheirando sovaco de preta, todas essas frutas e é mui alta. Os dois manos estavam com fome. Fizeram um zaiacúti com folhagem cortada pelas saúvas, esconderijo no



galho mais baixo da árvore pra flexarem a caça devorando as frutas. Maanape falou pra Macunaíma:

— Olha, si algum passo cantar não secunda não, mano, sinão adeus minhas encomendas!

O herói mexeu a cabeça que sim. Maanape atirava com a sarabatana e Macunaíma recolhia por detrás do zaiacúti a caça caindo. Caça caía com estrondo e Macunaíma aparava os macucos macacos micos mutuns jacús jaós tucanos, todas essas caças.. Porém o estrondo tirou Venceslau Pietro Pietra do farniente e êle veio saber o que era aquilo. E Venceslau Pietro Pietra era o gigante Piaimã comedor de gente. Chegou na porta da casa e cantou feito pássaro:

— Ogoró! ogoró! ogoró!

parecendo muito longe. Macunaíma secundou logo:

— Ogoró! ogoró! ogoró!

Maanape sabia do perigo e murmurou:

— Esconde, mano!

O herói escondeu por detrás do zaiacuti entre a caça morta e as formigas. Então gigante veio.

— Quem que secundou?

Maanape respondeu:

— Sei não.

— Quem que secundou?



— Sei não.

Treze vezes. D'aí o gigante falou:

— Foi gente. Me mostra quem era.

Maanape jogou um macuco morto. Piaimã enguliu o macuco e falou:

— Foi gente! Me mostra quem era!

Maanape jogou um macaco morto. Piaimã enguliu-o e continuou:

— Foi gente! Me mostra quem era!

Então enxergou o dedo mindinho do herói escondido e atirou uma baníni na direção. Se ouviu um grito gemido comprido, juuúque! e Macunaíma agachou com a flexa enterrada no coração. O gigante falou pra Maanape:

— Atira a gente que eu cacei!

Maanape atirou guaribas jaós mutuns mutum-de-vargem mutum-de-fava mutuporanga urús urumutum, todas essas caças porém Piaimã engulia e tornava a pedir a gente que êle flexara. Maanape não queria dar o herói e jogava as caças. Levaram muito tempo assim e Macunaíma já tinha morrido. Afinal Piaimã deu um berro medonho:

— Maanape, meu neto, deixa de conversa! Atira a gente que eu cacei que sinão te mato, velho safadinho!

Maanape não queria jogar o mano mesmo, pegou desesperado em seis caças duma vez um macuco um



macaco um jacú uma jacutinga uma picota e uma piacoca e atirou no chão gritando:

— Toma seis!

Piaimã ficou danado. Agarrou quatro paus do mato, uma acapurana um angelim um apió e um carará, e veio com êles pra cima de Maanape:

— Sai do caminho, porqueira! jacaré não tem pescoço, formiga não tem carço! comigo é só quatro paus na ponta da unha, jogador de caça falsa!

Então Maanape ficou com muito medo e jogou, truque! o herói no chão. Foi assim que Maanape com Piaimã inventaram o jôgo sublime do truco.

Piaimã sossegou.

— Êste mesmo.

Agarrou o defunto por uma perna e foi puxando. Entrou na casa. Maanape desceu da árvore desesperado. Quando ia pra seguir atrás do defunto mano topou com a formiguinha sarára chamada Cambgique. A sarára perguntou:

— O que você faz por aqui, parceiro!

— Vou atrás do gigante que matou meu mano.

— Vou também.

Então Cambgique sugou todo o sangue do herói, esparramado no chão e nos ramos e sugando sempre as gotas do caminho foi mostrando o rasto pra Maanape.



Entraram na casa atravessaram o hol e a sala-de-jantar, passaram pela copa saíram no terraço do lado e pararam na frente do porão. Maanape acendeu uma tocha de jutaí e puderam descer a escadinha negra. Bem na porta da adega rastejava a última gota de sangue. A porta estava fechada. Maanape coçou o nariz e perguntou pra Cambgique:

— E agora!

Então veio por debaixo da porta o carrapato Zlezlegue e perguntou pra Maanape:

— Agora o quê, parceiro?

— Vou atrás do gigante que matou meu mano.

Zlezlegue falou:

— Está bom. Então fecha o olho, parceiro.

Maanape fechou.

— Abre o olho parceiro.

Maanape abriu e o carrapato Zlezlegue tinha virado numa chave yale. Maanape ergueu a chave do chão e abriu a porta. Zlezlegue virou carrapato outra vez e ensinou:

— Com as garrafas bem de cima você convence Piaimã.

E desapareceu. Maanape tirou dez garrafas, abriu e veio vindo um aroma perfeito. Era o cauim famoso chamado quiânti. Então Maanape entrou na outra sala da adega. O gigante estava aí com a companheira,



uma caapora velha sempre caximbando que se chamava Ceiucí e era muito gulosa. Maanape deu as garrafas pra Venceslau Pietro Pietra, um naco de fumo do Acará prá caapora e o casal esqueceram que havia mundo.

O herói picado em vinte vezes trinta torresminhos bubuiava na polenta fervendo. Maanape catou os pedacinhos e os ossos e estendeu tudo no cimento pra refrescar. Quando esfriaram a sarara Cambgique derramou por cima o sangue sugado. Então Maanape embrulhou todos os pedacinhos sangrando em folhas de bananeira, jogou o embrulho num sapiquá e tocou prá pensão.

Lá chegando botou o cesto de pé assoprou fumo nele e Macunaíma veio saindo meio pamonha ainda, muito desmerecido, do meio das folhas. Maanape deu guaraná pro mano e êle ficou taludo outra vez. Espantou os mosquitos e perguntou:

— O que foi que sucedeu pra mim?

— Mas, meus cuidados, não falei pra você não secundar cantiga de passarinho! falei sim, pois então!...

No outro dia Macunaíma acordou com escarlatina e levou todo o tempo da febre imaginando que carecia da máquina garrucha pra matar Venceslau Pietro Pietra. Nem bem sarou foi na casa dos Ingleses pedir uma smith-wesson. Os Ingleses falaram:



— As garruchas inda estão muito verdolengas porém vamos a ver si tem alguma temporã.

Então foram em baixo da árvore garrucheira. Os Ingleses falaram:

— Você fica esperando aqui. Se despencar alguma garrucha então pegue. Mas não deixa ela cair no chão não!

— Feito.

Os Ingleses sacudiram sacudiram a árvore e caiu uma garrucha temporã. Os Ingleses falaram:

— Essa está boa.

Macunaíma agradeceu e foi-se embora. Queria que os outros acreditassem que êle falava o inglês porém não falava nem sweetheart não, os manos é que falavam. Maanape também desejava garrucha balas e uísque. Macunaíma aconselhou:

— Você não fala inglês bem, mano Maanape, vai lá e a volta é cruel. E' capaz de pedir garrucha e darem conserva. Deixa que eu vou.

E foi falar outra vez com os Ingleses. Debaixo da árvore garrucheira os Ingleses sacolejaram sacolejaram os ramos porém não caiu nem uma garrucha não. Então foram debaixo da árvore baleira, os Ingleses sacudiram e despencou um desperdício de balas que Macunaíma deixou cair no chão depois catou.

— Agora uisque, falou.



Foram debaixo da árvore uisqueira, os Ingleses sacudiram e despendaram duas caixas que Macunaíma pegou no ar. Agradeceu pros Ingleses e voltou prá pensão. Lá chegando escondeu as caixas debaixo da cama e foi falar com o mano:

— Falei inglês com êles, mano, porém não tinha nem garrucha nem uísque por causa que passou uma correição de formiga oncinha e comeu tudo. As balas trago aqui. Agora dou minha garrucha pra você e quando alguém bolir comigo você atira.

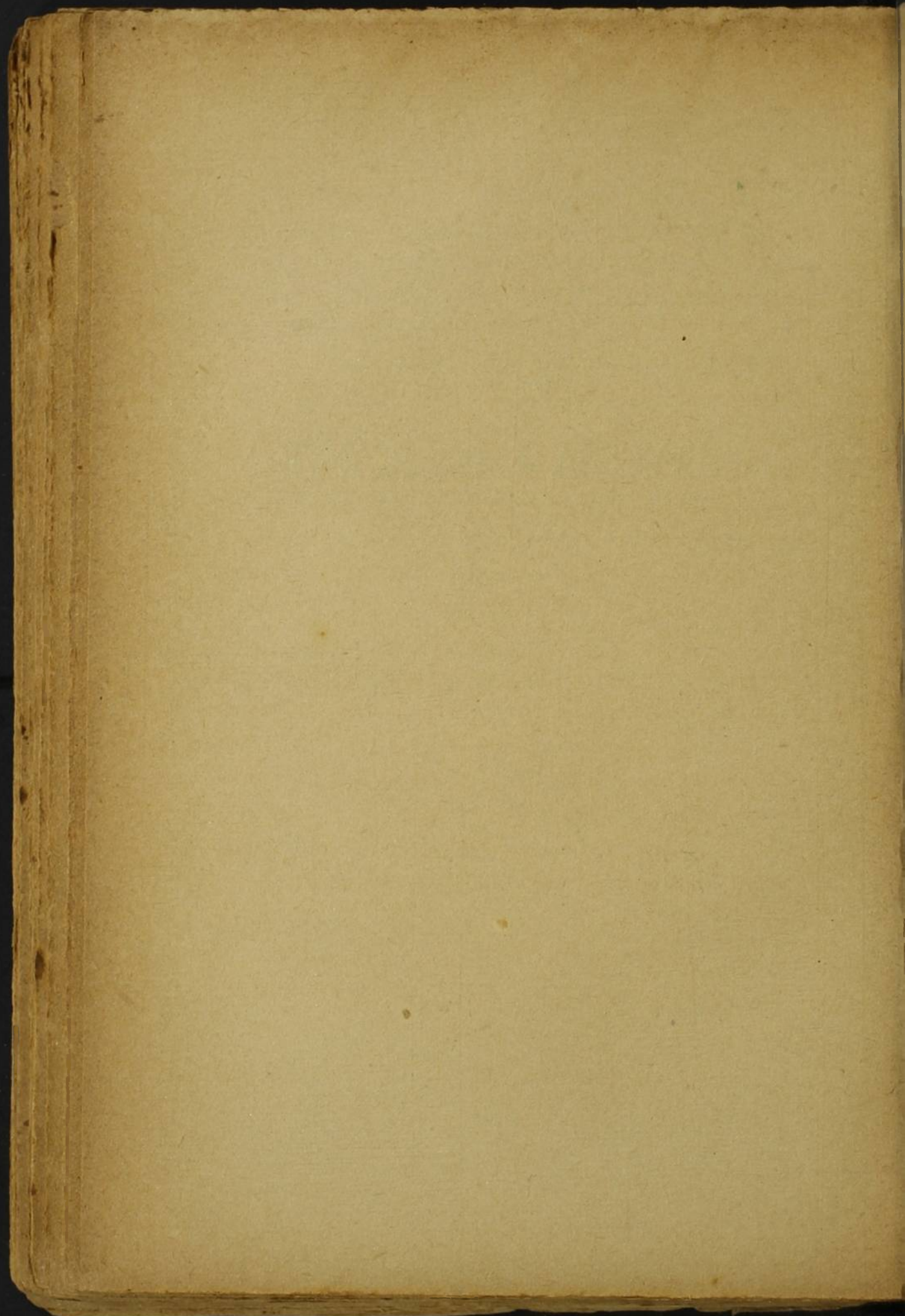
Então virou Jiguê na máquina telefone, ligou pro gigante e xingou a mãe dele.



VI

A FRANCESA E O GIGANTE







Maanape gostava muito de café e Jiguê muito de dormir. Macunaíma queria erguer um papirí pros tres morarem porém jamais que papirí se acabava. Os puchirões goravam sempre porque Jiguê passava o dia dormindo e Maanape bebendo café. O herói teve raiva. Pegou numa colher, virou-a num bichinho e falou:

— Agora você fica sovertida no pó de café. Quando mano Maanape vier beber, morda a lingua dele!

Então pegando num cabeiro de algodão, virou-o numa tatorana branca e falou:

— Agora você fica sovertida na maqueira. Quando mano Jiguê vier dormir, chupe o sangue dele!

Maanape já vinha entrando na pensão pra beber café outra vez. O bichinho picou a lingua dele.

— Ai! Maanape fez.

Macunaíma bem sonso falou:

— Está doendo, mano? Quando bichinho me pica não doi não.



Maanape teve raiva. Atirou o bichinho muito pra longe falando:

— Sai, praga!

Então Jiguê entrou na pensão pra tirar um corte. O marandová branquinho tanto chupou o sangue dele que até virou rosado.

— Ai! que Jiguê gritou.

E Macunaíma:

— Está doendo, mano? Ora veja só! Quando tatorana me chupa até gosto.

Jiguê teve raiva e atirou a tatorana longe falando:

— Sai, praga!

E então os tres manos foram continuar a construção do papirí. Maanape e Jiguê ficaram dum lado e Macunaíma do outro pegava os tijolos que os manos atiravam. Maanape e Jiguê estavam tiriricas e desejando se vingar do mano. O herói não maliciava nada. Vai, Jiguê pegou num tijôlo, porém pra não machucar muito virou-o numa bola de couro duríssima. Passou a bola pra Maanape que estava mais na frente e Maanape com um pontapé mandou ela bater em Macunaíma. Esborrachou todo o nariz do herói.

— Ui! que o herói fez.

Os manos bem sonsos gritaram:



— Uai! está doendo, mano! Pois quando bola bate na gente nem não doi!

Macunaíma teve raiva e atirando a bola com o pé bem pra longe falou:

— Sai, peste!

Veio onde estavam os manos:

— Não faço mais papirí, pronto!

E virou tijolos pedras telhas ferragens numa nuvem de içás que tomou São Paulo por tres dias.

O bichinho caiu em Campinas. A tatorana caiu por aí. A bola caiu no campo. E foi assim que Maa-nape inventou o bicho-do-café, Jiguê a lagarta-rosada e Macunaíma o futebol, tres pragas.

No outro dia, com o pensamento sempre na marvada, o herói percebeu que xetrara mesmo duma vez e nunca mais que podia aparecer na rua Maranhão porque agora Venceslau Pietro Pietra já o conhecia bem. Imaginou e ali pelas quinze horas teve uma idea. Resolveu enganar o gigante. Enfiou um membi na guela, virou Jiguê na máquina telefone e telefonou pra Venceslau Pietro Pietra que uma francesa queria falar com êle a respeito da máquina negócios. O outro secundou que sim e que viesse agorinha já porque a velha Ceiucí tinha saído com as duas filhas e podiam negociar mais folgado.

Então Macunaíma emprestou da patrôa da pensão uns pares de bonitezas, a máquina ruge, a máquina



meia-de-seda, a máquina combinação com cheiro de casca-sacaca, a máquina cinta aromada com capim cheiroso, a máquina decoletê humida de patchulí, a máquina mitênes, todas essas bonitezas, dependurou dois mangarás nos peitos e se vestiu assim. Pra completar inda barreou com azul de pau campêche os olhinhos de piá que se tornaram lânguidos. Era tanta coisa que ficou pesado mas virou numa francesa tão linda que se defumou com jurema e alfinetou um raminho de pinhão paraguaio no patriotismo pra evitar quebranto. E foi no palácio de Venceslau Pietro Pietra. E Venceslau Pietro Pietra era o gigante Piaimã comedor de gente.

Saindo da pensão Macunaíma topou com um beijaflor com rabo de tezoura. Não gostou da caguira não e pensou abandonar o randevú porém como promessa é dívida fez um esconjuro e seguiu.

Lá chegando encontrou o gigante no portão, esperando. Depois de muitos salamaleques Piaimã tirou os carrapatos da francesa e levou-a pra uma alcova lindíssima com esteios de acaricoara e tezouras de itaúba. O assoalho era um xadrez de muirapiranga e pau-setim. A alcova estava mobiliada com as famosas redes brancas do Maranhão. Bem no centro havia uma mesa de jacarandá esculpido arranjada com louça branco-encarnada de Breves e cerâmica de Belem, dispostas sobre uma toalha de rendas tecidas com fibra de bananeira. Numas bacias enormes ori-



ginarias das cavernas do rio Cunani fumegava taca-cá com tucupí, sôpa feita com um paulista vindo dos frigoríficos da Continental, uma jacaresada e polenta. Os vinhos eram um Puro de Ica subidor vindo de Iquitos, um Porto imitação, de Minas, uma caçuma de oitenta annos, champanha de São Paulo bem gelada e um extrato de genipapo famanado e rúim como tres dias de chuva. E inda havia dispostos com arte enfeitadeira e muitos recortados de papel, os esplêndidos bombons Falchi e biscoitos do Rio Grande empilhados em cúias dum preto brilhante de cumaté com desenhos esculpidos a canivete, provindas de Monte Alegre.

A francesa sentou numa rede e fazendo gestos graciosos principiou mastigando. Estava com muita fome e comeu bem. Depois tomou um copo de Puro pra rebater e resolveu entrar no assunto de chapéu-de-sol aberto. Foi logo perguntando si o gigante era verdade que possuia uma muiraquitã com forma de jacaré. O gigante foi lá dentro e voltou com um caramujo na mão. E puxou pra fóra dele uma pedra verde. Era a muiraquitã! Macunaíma sentiu um frio por dentro de tanta comoção e percebeu que ia chorar. Mas disfarçou bem perguntando si o gigante não queria vender a pedra. Porém Venceslau Pietro Pietra piscou faceiro dizendo que vendida não dava a pedra não. Então a francesa pediu suplicando pra levar a pedra de emprestado pra casa. Venceslau



Pietro Pietra mais uma vez piscou faceiro falando que de emprestado não dava a pedra também não.

— Você imagina então que vou cedendo assim com duas risadas, francesa? Qual!

— Mas eu estou querendo tanto a pedra!...

— Vá querendo!

— Pois tanto se me dá como se me dava, regatão!

— Regatão uma ova, francesa! Dobre a língua! Colecionador é que é!

Foi lá dentro e voltou carregando um grajau tamanho feito de embira e cheinho de pedra. Tinha turquezas esmeraldas berilos seixos polidos, ferragem com forma de agulha, crisólita pingo-dagua tinideira esmeril lapinha ovo-de-pomba osso-de-cavalo machados facões irexas de pedra lascada, grigrís rochedos elefantes petrificados, colunas gregas, deuses egipcios, budas javaneses, obeliscos mesas mexicanas, ouro guianense, pedras ornitomorias de Iguape, opalas do igarape Alegre, rubís e granadas do rio Gurupí, itamotingas do rio das Garças, itacolumitos, turmalinas de Vupabussú, blocos de titânio do rio Piria, bauxitas do ribeirão do Macaco, fosseis calcareos de Pirabas, perolas de Cameta, o rochedo tamanho que Oaque o Pai do Tucano atirou com a sarabatana ia do aito daquela montanha, um molguio de Calamare, unha todas essas pedras no grajau.



Então Piaimã contou prá francesa que êle era um colecionador célebre, colecionava pedras. E a francesa era Macunaíma, o herói. Piaimã confessou que a jóia da coleção era mesmo a muiraquitã com forma de jacaré comprada por mil contos da imperatriz das icamiabas lá nas práias da lagôa Jaciuruá. E tudo era mentira do gigante. Vai, êle sentou na rede mui rente da francesa, muito! e falou murmurando que com êle era oito ou oitenta, não vendia não emprestava a pedra mas porém era capaz de dar... «Conforme...» O gigante estava mas era querendo brincar com a francesa. Quando por causa do jeito de Piaimã o herói entendeu o que significava o tal de «conforme», ficou muito inquieto. Matutou: «Será que o gigante imagina que sou francesa mesmo!... Cai fóra, peruano senvergonha!» E saiu correndo pelo jardim. O gigante correu atrás. A francesa pulou numa môita pra se esconder porém estava uma pretinha lá. Macunaíma cochichou pra ela:

— Caterina, sai d'ai sim?

Caterina nem gesto. Macunaíma já meio impinimado com ela, cochichou:

— Caterina, sai d'ai que sinão te bato!

A mulatinha ali. Então Macunaíma deu um bruto dum tapa na peste e ficou com a mao grudada nela.

— Caterina, me larga minha mão e vai-te embora que te dou mais tapa, Caterina!



Caterina era mas uma boneca de cera de carnaúba posta ali pelo gigante. Ficou bem quieta. Macunaíma deu outro tapa com a mão livre e ficou mais prêso.

— Caterina, Caterina! me larga minhas mãos e vai-te embora pixaim! sinão te dou um pontapé!

Deu o pontapé e ficou mais prêso ainda. Afinal o herói ficou inteirinho grudado na Catita. Então chegou Piaimã com um cesto. Tirou a francesa da armadilha e berrou pro cesto:

— Abra a boca, cesto, abra a vossa grande boca!

O cesto abriu a boca e o gigante despejou o herói nele. O cesto fechou a boca outra vez, Piaimã carregou-o e voltou. A francesa em vez de bolsa estava armada com o mêníe que serve pra guardar as frexinhas da sarabatana. O gigante deixou o cesto encostado na porta de entrada e afundou casa a dentro pra guardar o mêníe entre as pedras da coleção. Porém o mêníe era de pano cheirando piché de caça. O gigante desconfiou daquilo e perguntou:

— Vossa mãe é tão cheirosa e gordinha que nem você, criatura?

E revirou os olhos de gôsto. Ele estava maliciando que o mêníe era filhinho da francesa. E a francesa era Macunaíma o herói. Lá do cesto êle escutou a pergunta e principiou ficando excessivamente inquieto. «Pois então será mesmo que êsse tal de Venceslau imagina que passei por debaixo de algum arco-da-velha pra ter mudado a natureza? te esconjuro, credo!»



Então assoprou raiz de cumacá em pó que bambeia cordas, bambeou o amarrilho do cesto e pulou pra fóra. Ia saindo quando topou com o jaguara do gigante, que chamava Xareu, nome de peixe pra não ficar hidrófobo. O herói teve medo e desembestou numa chispada mãe parque a dentro. O cachorro correu atrás. Correram. Passaram lá rente á Ponta do Calabouço, tomaram rumo de Guajará Mirim e voltaram pra leste. Em Itamaracá Macunaíma passou um pouco folgado e teve tempo de comer uma duzia de manga-jasmim que nasceu do corpo de dona Sancha, dizem. Rumaram pra sudoeste e nas alturas de Barbacena o fugitivo avistou uma vaca no alto duma ladeira calçada com pedras pontudas. Lembrou de tomar leite. Subiu esperto pela capistrana pra não cansar porém a vaca era de raça Guzerá muito brava. Escondeu o leitinho pobre. Mas Macunaíma fez uma oração assim:

Valei-me Nossa Senhora,  
Santo Antonio de Nazaré,  
A vaca mansa dá leite,  
A braba dá si quizé!

A vaca achou graça, deu leite e o herói chispou pro sul. Atravessando o Paraná já de volta dos pampas bem que êle queria trepar numa daquelas árvores porém os latidos estavam na cola dele e o herói isso vinha que vinha acochado pelo jaguara. Gritava:

— Sai, pau!



E desviava de cada castanheira, de cada pau-darco, de cada cumarú bom de trepar. Adiante da cidade de Serra no Espírito Santo quasi arrebentou a cabeça numa pedra com muitas pinturas esculpidas que não se entendia. De certo era dinheiro enterrado... Porém Macunaíma estava com pressa e frexou prás barrancas da ilha do Bananal. Enfim enxergou um formigueiro de trinta metros abrindo um ôlho no rés do chão bem na frente. Barafustou subindo pelo buraco a dentro e se encolheu no alto. O jaguara ficou acuando ali.

Então o gigante veio e topou com o jaguara acuando o formigueiro. Bem na entrada a francesa perdera uma correntinha de prata. «Meu tesouro está aqui» murmurou o gigante. Então o jaguara desapareceu. Piaimã arrancou da terra com raiz e tudo uma palmeira inajá e nem deixou sinal no chão. Cortou o grêlo do pau e enfiou-o pelo buraco por amor de fazer a francesa sair. Porém jacaré saiu? nem ela! Abriu as pernas e o herói ficou como se diz empalado na inajá. Vendo que a francesa não saia mesmo, Piaimã foi buscar pimenta. Trouxe uma correição das formigas anaquilãs que é pimenta de gigante, botou-as no buraco, elas ferraram no herói. Mas nem assim mesmo a francesa saiu. Piaimã jurou vingança. Pinchou fóra as anaquilãs e gritou pra Macunaíma:

— Agora que te agarro mesmo porque vor buscar a jararaca Elitê!



Quando ouviu isso o herói gelou. Com a jararaca ninguém não pode não. Gritou pro gigante:

— Espera um bocado, gigante, que já saio.

Porém pra ganhar tempo tirou os mangarás do peito e botou na boca do buraco falando:

— Primeiro bota isso pra fóra, faz favor.

Piaimã estava tão furibundo que atirou os mangarás longe. Macunaíma presenciou a raiva do gigante.

Tirou a máquina decoletê, pôs ela na boca do buraco, falando outra vez:

— Bota isso pra fóra, faz favor.

Piaimã inda atirou o vestido mais longe. Então Macunaíma botou a máquina cinta, depois a máquina sapatos e foi fazendo assim com todas as roupas. O gigante isso já estava fumando de tão danado. Jogava tudo longe sem nem olhar o que era. Então bem de mansinho o herói pôs o sim-sinhô dele na boca do buraco e falou:

— Agora me bote fóra só mais esta cabaça fedorenta.

Piaimã cego de raiva agarrou no sim-sinhô sem ver o que era e atirou sim-sinhô com herói e tudo lingua e meia adiante. E ficou esperando pra sempre enquanto o herói lá longe ganhava os mororós.

Chegou na pensão tomando a benção de cachorro e chamando gato de tio, só vendo! suando esfolado com fogo nos olhos, botando os bofes pela boca. Des-



cansou um pedaço e como estava arado de fome bateu uma fritada de sururú de Maceió, um pato sêco de Marajó molhando a janta com moco-roró. Descansou.

Macunaíma estava muito contrariado. Venceslau Pietro Pietra era um colecionador célebre e êle não. Suava de inveja e afinal resolveu imitar o gigante. Porém não achava graça em colecionar pedra não porque já tinha uma imundície delas na terra dele pelos espigões, nos manadeiros nas corredeiras nas seladas e gupiaras altas. E todas essas pedras já tinham sido vespas formigas mosquitos carrapatos animais passarinhos gentes e cunhãs e cunhatãs e até as graças das cunhãs e das cunhatãs... Praquê mais pedra que é tão pesado de carregar!... Estendeu os braços com moleza e murmurou:

— Ai! que preguiça!...

Matutou matutou e resolveu. Fazia uma coleção de palavras-feias de que gostava tanto.

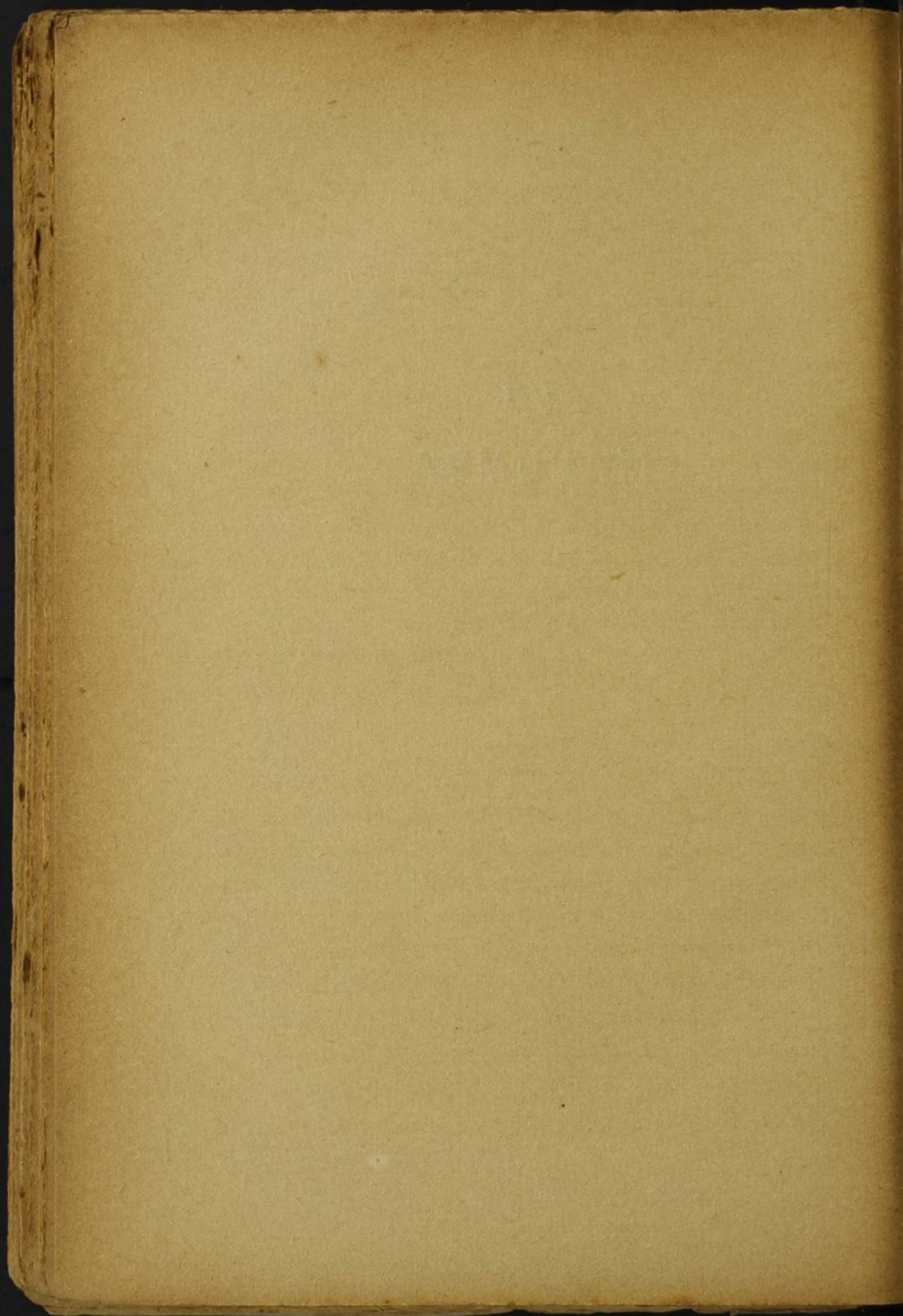
Se aplicou. Num átimo reuniu milietas delas em todas as falas vivas e até nas linguas grega e latina que estava estudando um bocado. A coleção italiana era completa, com palavras pra todas as horas do dia, todos os dias do ano, todas as circunstâncias da vida e sentimentos humanos. Cada bocagem! Mas a jóia da coleção era uma frase indiana que nem se fala.



VII

MACUMBA







Macunaíma estava muito contrariado. Não conseguia reaver a muiraquitã e isso dava ódio. O melhor era matar Piaimã... Então saiu da cidade e foi no mato Fulano experimentar fôrça. Campeou legua e meia e afinal enxergou uma peroba sem fim. Enfiou o braço na sapopemba e deu um puxão pra ver si arrancava o pau mas só o vento sacudia a folhagem na altura porém. «Inda não tenho bastante fôrça não», Macunaíma refletiu. Agarrou num dente do ratinho chamado crô, fez uma bruta incisão na perna, de preceito pra quem é frouxo e voltou sangrando prá pensão. Estava desconsolado de não ter fôrça ainda e vinha numa distração tamanha que deu uma topada.

Então de tanta dor o herói viu no alto as estrêlas e entre elas enxergou Capêi minguadinha cercada de névoa. «Quando mingua a Luna não comeces coisa alguma» suspirou. E continuou consolado.

No outro dia o tempo estava inteiramente frio e o herói resolveu se vingar de Venceslau Pietro Pietra dando uma sova nele pra esquentar. Porém por causa de não ter fôrça tinha mas era muito medo do gigante.



Pois então resolveu tomar um trem e ir no Rio de Janeiro se socorrer de Exú diabo em cuja honra se realizava uma macumba no outro dia.

Era junho e o tempo estava inteiramente frio. A macumba se rezava lá no Mangue no zungú da tia Ciata, feiticeira como não tinha outra, mãe-de-santo famanada e cantadeira ao violão. A's vinte horas Macunaíma chegou na biboca levando debaixo do braço o garrafão de pinga obrigatório. Já tinha muita gente lá, gente direita, gente pobre, advogados garçons pedreiros meias-colheres deputados gatunos, todas essas gentes e a função ia principiando. Macunaíma tirou os sapatos e as meias como os outros e enfiou no pescoço a milonga feita de cera de vespa tatucaba e raiz sêca de assacú. Entrou na sala cheia e afastando a mosquitada foi de quatro saudar a candomblê-seira imóvel sentada na tripeça, não falando um isto. Tia Ciata era uma negra velha com um século no sofrimento, javevó e galguincha com a cabeleira branca esparramada feito luz em torno da cabeça pequetita. Ninguém mais não enxergava olhos nela, era só os ossos duma compridez já sonolenta pendependendo pro chão de terra.

Vai, um rapaz filho de Ochum, falavam, filho de Nossa Senhora da Conceição cuja macumba era em dezembro, distribuiu uma vela acesa pra cada um dos marinheiros marcineiros jornalistas ricaços gamelas fêmeas empregados-públicos, muitos empregados-pú-



blicos! todas essas gentes e apagou o bico de gás alumendo a saleta.

Então a macumba principiou de deveras se fazendo um çairê pra saudar os santos. E era assim: Na ponta vinha o ogã tocador de atabaque, um negão filho de Ogum, bexiguento e fadista de profissão, se chamando Olelê Rui Barbosa. Tabaque mexemexia acertado num ritmo que manejou toda a procissão. E as velas jogaram nas paredes de papel com florzinhas, sombras tremendo vagarentas feito assombração. Atrás do ogã vinha tia Ciata quasi sem mexer, só beijos puxando a reza monótona. E então seguiam advogados taifeiros curandeiros poetas o herói gatunos portugas senadores, todas essas gentes dansando e cantando a resposta da reza. E era assim:

— Va-mo sa-ra-vá!...

Tia Ciata cantava o nome do santo que tinham de estudar:

— Ôh Olorung!

E a gente secundando:

— Va-mo sa-ra-vá!...

Tia Ciata continuava:

— Ôh Boto Tucuchí!

E a gente secundando:

— Va-mo sa-ra-vá!...

Docinho numa reza mui monótona.



— Ôh Iemanjá! Anamburucú! e Ochum! tres Mães-dagua!

— Va-mo sa-ra-vá!...

Assim. E quando a tia Ciata parava gritando com gesto imenso:

— Sai Exú!

porque Exú era o diabo-coxo, um capiroto malévol, mas bom porém pra fazer malvadezas, era um tormento na sala uivando:

— Uúum!... uúum!... Exú! Nosso padre Exú!...

E o nome do diabo reboava com estrondo diminuindo o tamanho da noite fóra. O çairê continuava:

— Ôh Rei Nagô!

— Va-mo sa-ra-vá!...

Docinho na reza monótona.

— Ôh Barú!

— Va-mo sa-ra-vá!...

Quando sinão quando tia Ciata parava gritando com gesto imenso:

— Sai Exú!

porque Exú era o pé-de-pato, um jananaíra malévol. E de novo era o tormento na sala uivando:

— Uúum!... Exú! Nosso padre Exú!...



E o nome do diabo reboava com estrondo encurtando o tamanho da noite.

— Ôh Oxalá!

— Va-mo sa-ra-vá!...

Era assim. Saudaram todos os santos da pagelança, o Boto Branco que dá os amores, Xangô, Omulú, Iroco, Ochosse, a Boiúna Mãe feroz, Obatalá que dá força pra brincar muito, todos êsses santos e o çairê se acabou. Tia Ciata sentou na tripeça num canto e toda aquela gente suando, médicos padeiros engenheiros rábulas polícias criadas focas assassinos Macunaíma, todos vieram botar as velas no chão rodeando a tripeça. As velas jogaram no teto a sombra da mãe-de-santo imóvel. Já quasi todos tinham tirado algumas roupas e o respiro ficara chiado por causa do cheiro de mistura budum coty pitium e o suor de todos. Então veio a voz de beber. E foi lá que Macunaíma provou pela primeira vez o cachirí temível cujo nome é cachaça. Provou estalando com a lingua feliz e deu uma grande gargalhada.

Depois da bebida, entre bebidas, seguiram as rezas de invocação. Todos estavam inquietos ardentes desejando que um santo viesse na macumba daquela noite. Fazia já tempo que nenhum não vinha por mais que os outros pedissem. Porque a macumba da tia Ciata não era que-nem essas macumbas falsas não, em que sempre o pai-de-terreiro fingia vir Xangô



Ochosse qualquer, pra contentar os macumbeiros. Era uma macumba séria e quando santo aparecia, aparecia de deveras sem nenhuma falsidade. Tia Ciata não permitia dessas desmoralizações no zungú dela e fazia mais de doze meses que Ogum nem Exú não apareciam no Mangue. Todos desejavam que Ogum viesse. Macunaíma queria Exú só pra se vingar de Venceslau Pietro Pietra.

Entre golinhos de abrideira, uns de joelhos outros de quatro, todas essas gentes seminuas rezavam em torno da feiticeira pedindo a aparição dum santo. A' meia-noite foram lá dentro comer o bode cuja cabeça e patas já estavam lá no pegí, na frente da imagem de Exú que era um tacurú de formiga com tres conchas fazendo olhos e boca. O bode fôra morto em honra do diabo e salgado com pó de chifre e esporão de galo-de-briga. A mãe-de-santo puxou a comilança com respeito e tres pelosinais de atravessado. Toda a gente vendedores bibliófilos pés-rapados acadêmicos banqueiros, todas essas gentes dansando em volta da mesa cantavam:

Bamba querê

Sai Aruê

Mongi gongô

Sai Orobô,

Êh!...



Ôh mungunzá  
Bom acaçá  
Vancê nhamanja  
De pai Guenguê,  
Êh!...

E conversando pagodeando devoraram o bode consagrado e cada qual buscando o garrafão de pinga dele porque ninguém não podia beber no de outro, todos beberam muita caninha, muita! Macunaíma dava grandes gargalhadas e de repente derrubou vinho na mesa. Era sinal de alegrão pra êle e todos imaginava que o herói era o predestinado daquela noite santa. Não era não.

Nem bem reza recomeçou se viu pular no meio da saleta uma fêmea obrigando todos a silêncio com o gemido meio chôro e puxar canto novo. Foi um tremor em todos e as velas jogaram a sombra da cunhã que nem monstro retorcido pro canto do tétó, era Exú! Ogã pelejava batendo tabaque pra perceber os ritmos doidos do canto novo, canto livre, de notas afobadas cheio de saltos difíceis, êxtase maluco baixinho tremendo de fúria. E a polaca muito pintada na cara, com as alças da combinação arrebentadas estremecia no centro da saleta, já com as gorduras quasi inteiramente nuas. Os peitos dela balangavam batendo nos ombros na cara e depois na barriga,



juque! com estrondo. E a rúiva cantando cantando. Afinal a espuminha rolou dos beijos desmanchados, ela deu um grito que diminuiu o tamanho da noite mais, caiu no santo e ficou dura.

Passou um tempo de silêncio sagrado. Então tia Ciata se levantou da tripeça que uma mazombinha substituiu no sufragante por um banco novo nunca sentado, agora pertencendo prá outra. A mãe-de-terreiro veio vindo veio vindo. Ogã vinha com ela. Todos os outros estavam de-pé se achatando nas paredes. Só tia Ciata veio vindo veio vindo e chegou junto do corpo duro da polaca no centro da saleta ali. A feiticeira tirou a roupa, ficou nua, só com os colares os braceletes os brincos de contas de prata pingando nos ossos. Foi tirando da cúia que Ogan pegava, o sangue coalhado do bode comido e esfregando a pasta na cabeça da balalaó. Mas quando deram o efem verdento em riba, a dura se estorceu gemida e o cheiro iodado embebedou o ambiente. Então a mãe-de-santo entoou a reza sagrada de Exú, me-lopea monótona.

Quando acabou, a fêmea abriu os olhos, principiou se movendo bem diferente de já-hoje e não era mais fêmea era o cavalo do santo, era Exú. Era Exú, o romãozinho que viera ali com todos pra macumbar.

O par de nuas executava um jongo improvisado e festeiro que ritmavam os estralos dos ossos da tia, os juques dos peitos da gorda e o ogã com batidos



chatos. Todos estavam nus também e se esperava a escolha do Filho de Exú pelo grande Cão presente. Jongo temível... Macunaíma fremia de esperança querendo o cariapemba pra pedir uma tunda em Venceslau Pietro Pietra. Não se sabe o que deu nele de sopetão, entrou gingado no meio da sala derrubou Exú e caiu por cima brincando com vitória. E a consagração do Filho de Exú novo era celebrada por licenças de todos e todos se urarizaram em honra do filho novo do icá.

Terminada a cerimônia o diabo foi conduzido prá tripeça, principiando a adoração. Os ladrões os senadores os jecas os negros as senhoras os futeboleres, todos, vinham se rojando por debaixo do pó alaranjando a saleta e depois de batida a cabeça com o lado esquerdo no chão, beijavam os joelhos beijavam todo o corpo do uamotí. A polaca vermelha tremendo rija pingando espuminha da boca em que todos molhavam o mata-piolho pra se benzerem de atravessado, gemia uns roncões regougados meio choro meio gôso e não era polaca mais, era Exú, o jurupari mais macanudo daquela religião.

Depois que todos beijaram adoraram e se benzeram muito, foi a hora dos pedidos e promessas. Um carnicheiro pediu pra todos comprarem a carne doente dele e Exú consentiu. Um fazendeiro pediu pra não ter mais saúva nem maleita no sítio dele e Exú se riu falando que isso não consentia não. Um namorista pe-



diu prá pequena dele conseguir o lugar de professora municipal pra casarem e Exú consentiu. Um médico fez um discurso pedindo pra escrever com muita elegância a fala portuguesa e Exú não consentiu. Assim. Afinal veio a vez de Macunaíma o filho novo do fute. E Macunaíma falou:

— Venho pedir pra meu pai por causa que estou muito contrariado.

— Como se chama? perguntou Exú.

— Macunaíma, o herói.

— Uhum... o maioral resmungou, nome principiado por Ma tem má-sina...

Mas recebeu com carinho o herói e prometeu tudo o que êle pedisse porque Macunaíma era filho. E o herói pediu que Exú fizesse sofrer Venceslau Pietro Pietra que era o gigante Piaimã comedor de gente.

Então foi horroso o que se passou. Exú pegou tres pausinhos de erva-cidreira benta por padre apóstata, jogou pro alto, fez encruzilhada, mandando o eu de Venceslau Pietro Pietra vir dentro dele Exú pra apanhar. Esperou um momento, o eu do gigante veio, entrou dentro da fêmea, e Exú mandou o filho dar a sova no eu que estava encarnado no corpo polaco. O herói pegou uma tranca e chegou-a em Exú com vontade. Deu que mais deu. Exú gritava:



— Me espanca devagar

Que isto doi doi doi!

Tambem tenho familia

E isto doi doi doi!

Enfim roxo de pancada sangrando pelo nariz pela boca pelos ouvidos caiu desmaiando no chão. E era horroroso... Macunaíma ordenou que o eu do gigante fosse tomar um banho salgado e fervendo e o corpo de Exú tumegou molhando o terreno. E Macunaíma ordenou que o eu do gigante fosse pisando vidro atraves dum mato de urtiga e agarra-compadre ate as grunhas da serra dos Andes pleno inverno e o corpo de Exu sangrou com lapos de vidro, unhas de espinho e queimaduras de urtiga, otegando de fadiga e tremendo de tanto frio. Era horroroso. E Macunaíma ordenou que o eu de Venceslau Pietro Pietra recebesse o guampaço dum marrua, o coice dum bagual, a dentada dum jacare e os terroes de quarenta vezes quarenta mil formigas-de-ogo e o corpo de Exú retorceu sangrando empolando na terra, com uma carreira de dentes numa perna, com quarenta vezes quarenta mil ferroadas de formiga na pele ja invisivel, com a testa quebrada pelo casco dum bagual e um furo de aspa aguda na barriga. A saleta se encneou dum cheiro intoleravel. E Exú gemia:



— Me chifra devagar  
Que isto doi doi doi!  
Tambem tenho familia  
E isto doi doi doi!

Macunaíma ordenou muito tempo muitas coisas assim e tudo o eu de Venceslau Pietro Pietra aguentou pelo corpo de Exú. Afinal a vingança do herói não poudé inventar mais nada, parou. A fêmea só respirava levinho largada no chão de terra. Teve um silêncio fatigado. E era horroroso.

Lá no palácio da rua Maranhão em São Paulo tinha um correcorre sem parada. Vinham médicos veio a Assistência todos estavam desesperados. Venceslau Pietro Pietra sangrava todo urrando. Mostrava uma chifrada na barriga, quebrou a testa que parecia coice de potro, queimado enregelado mordido e todo cheio das manchas e galos duma tremendérrima sova de pau.

Na macumba continuava o silêncio de horror. Tia Ciata veio maneira e principiou rezando a reza maior do diabo. Era a reza sacrílega entre todas, que se erando uma palavra dá morte, a reza do Padre Nosso Exú, e era assim:

— Padre Exú achado nosso que vós estais no trezeno inferno da esquerda de baixo, nós te quereremo muito, nós tudo!



— Quereremos! quereremos!

— ...O pai nosso Exú de cada dia nos dai hoje, seja feita vossa vontade assim tambem no terreiro da sanzala que pertence pro nosso padre Exú, por todo o sempre que assim seja, amen!...

Gloria prá patria gêge de Exú!

— Gloria pro fio de Exú!

Macunaíma agradeceu. A tia acabou:

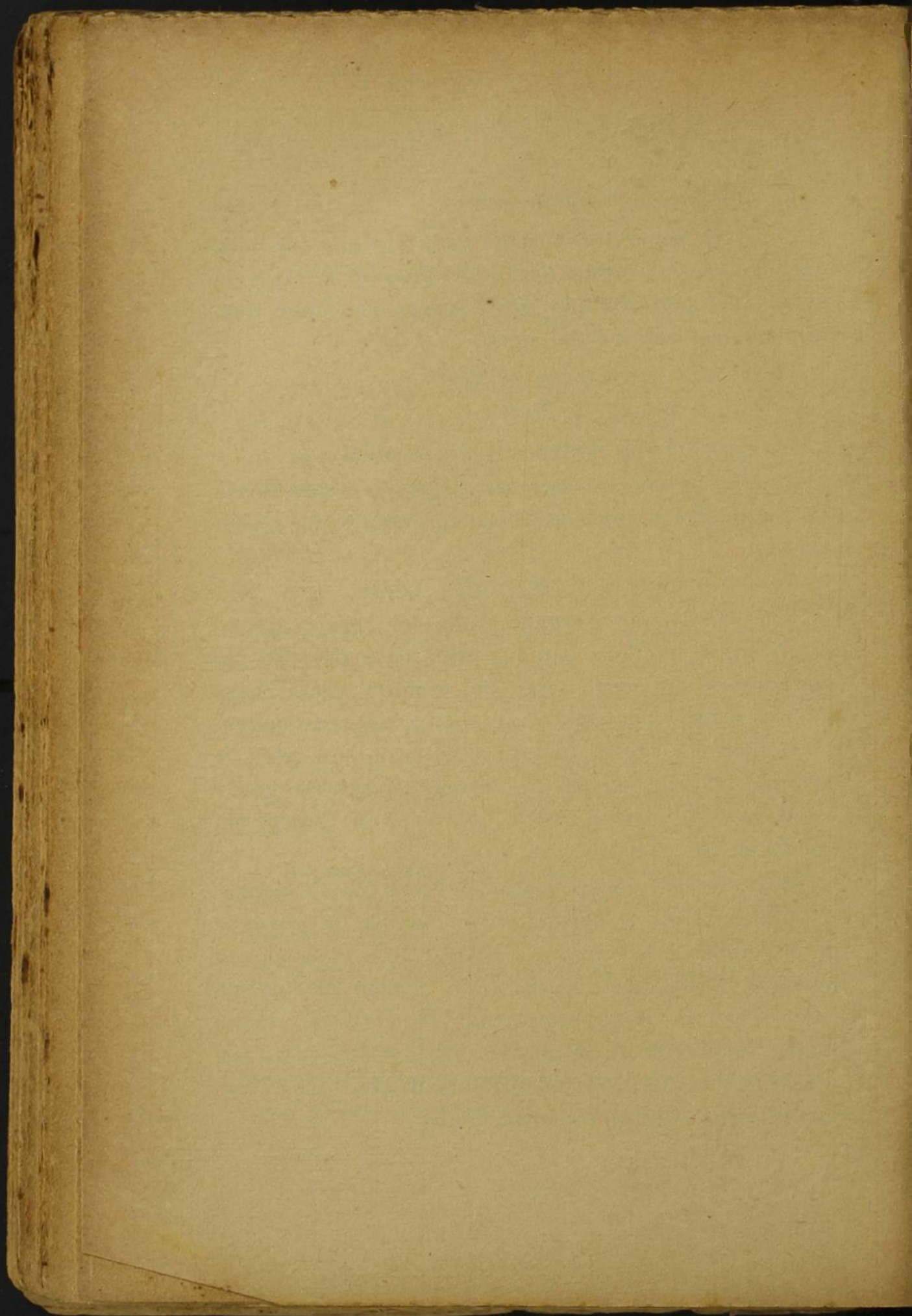
— Chico-t-era um príncipe gêge que virou nosso padre Exú dos século seculóro pra sempre que assim seja, amen.

— Pra sempre que assim seja, amen!

Exú ia sarando sarando, tudo foi desaparecendo por encanto quando a caninha circulou e o corpo da polaca virou são outra vez. Se escutou uma bulha tamanha e tomou o espaço um cheiro de breu queimado enquanto a fêmea deitava pela boca um anel de azeviche. Então voltou do desmáio vermelha gorda só que mui fatigada e agora estava só a polaca ali, Exú tinha ido embora.

E pra acabar todos fizeram a festa juntos comendo bom presunto e dansando um samba de arromba em que todas essas gentes se alegraram com muitas pandegas liberðosas. Então tudo acabou se fazendo a vida real. E os macumbeiros, Macunaíma, Jaime Ovalle, Dôdô, Manú Bandeira, Blaise Cendrars, Ascenso Ferreira, Raul Bopp, Antonio Bento, todos êsses macumbeiros saíram na madrugada.



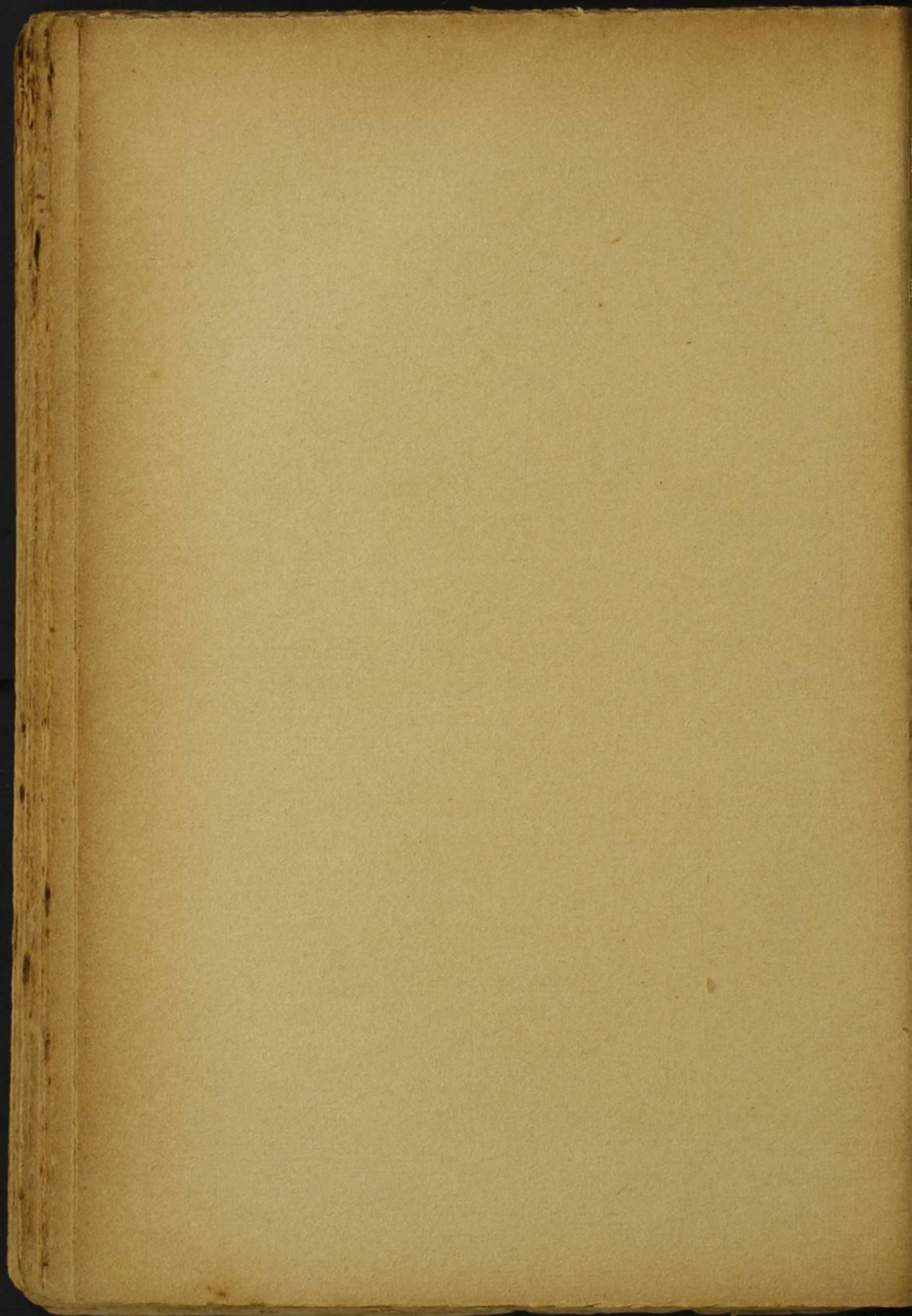




VIII

VEI, A SOL







Macunaíma ia seguindo e topou com a árvore Volomã bem alta. Num galho estava um pitiguarí que nem bem enxergou o herói, se desguelou cantando — «Olha no caminho quem vem! Olha no caminho quem vem!» Macunaíma olhou pra cima com intenção de agradecer mas Volomã estava cheínha de fruta. O herói vinha dando horas de tanta fome e a barriga dele empacou espiando aquelas sapotas sapotilhas sapotis bacurís abricôs mucajás miritis guabijús melancias ariticuns, todas essas frutas.

— Volomã, me dá uma fruta, Macunaíma pediu.

O pau não quis dar. Então o herói gritou duas vezes:

— Boiôô, boiôô! quizama quizú!

Cairam todas as frutas e êle comeu bem. Volomã ficou com ódio. Pegou o herói pelos pés e atirou-o pra além da baía de Guanabara numa ilhota deserta, habitada antigamente pela ninfa Alamôa que veio com os Holandeses. Macunaíma pendia tanto de fadiga



que pegou no sono durante o pulo. Caiu dormindo em baixo duma palmeirinha guairô muito aromada onde um urubú estava encarapitado.

Ora o pássaro careceu de fazer necessidade, fez e o herói ficou escorrendo sujeira de urubú. Já era de-madrugadinha e o tempo estava inteiramente frio. Macunaíma acordou tremendo, todo enlambusado. Assim mesmo examinou bem a pedra mirim da ilhota pra ver si não havia alguma cova com dinheiro enterrado. Não havia não. Nem a correntinha encantada de prata que indica pro escolhido, tesouro de Holandês. Havia só as formigas jaquitaguas ruivinhas.

Então passou Caiuanogue, a estrêla-da-manhã. Macunaíma já meio enjoado de tanto viver pediu pra ela que o carregasse pro céu. Caiuanogue foi se chegando porém o herói fedia muito.

— Vá tomar banho! ela fez. E foi-se embora.

Assim nasceu a expressão «Vá tomar banho!» que os Brasileiros empregam se referindo a certos imigrantes europeus.

Vinha passando Capêi, a Lua. Macunaíma gritou pra ela:

— Sua benção, dindinha Lua!

— Uhúm... que ela secundou.



Então êle pediu prá Lua que o carregasse prá ilha de Marajó. Capêi veio chegando porém Macunaíma estava mesmo fedendo por demais.

— Vá tomar banho! ela fez. E foi-se embora.

E a expressão se fixou definitivamente.

Macunaíma gritou pra Capêi que pelo menos desse um foguinho pra êle aquecer.

— Peça no vizinho! ela fez apontando prá Sol que já vinha lá no longe remando pelo paraná guassú. E foi-se embora.

Macunaíma tremia que mais tremia e o urubú sempre fazendo necessidade em riba dele. Era por causá da pedra ser muito pequetinha. Vei vinha chegando vermelha e toda molhada de suor. E Vei era a Sol. Foi muito bom pra Macunaíma porque lá em casa êle sempre dera presentinhos de bolo-de-aipim prá Sol lamber secando.

Vei tomou Macunaíma na jangada que tinha uma vela côr-de-ferrugem pintada com murucí e fez as tres filhas limparem o herói, catarem os carrapatos e examinarem si as unhas dele estavam limpas. E Macunaíma ficou alinhado outra vez. Porém por causa dela estar velha vermelha e tão suando o herói não maliciava que a coroca era mesmo a Sol, a boa da Sol poncho dos pobres. Por isso pediu pra ela que chamasse Vei com seu calor porque êle estava



lavadinho bem mas tremendo de tanto frio. Vei era a Sol mesmo e andava matinando fazer Macunaíma genro dela. Só que ainda não podia aquecer ninguém não, porque era cedo por demais, não tinha força. Pra distrair a espera assobiou dum jeito e as tres filhas dela fizeram muitos cafunés e cosquinhas no corpo todo do herói.

Ele dava risadas chatas, se espremendo de cocegas e gostando muito. Quando elas paravam pedia mais estorcendo já de antegôso. Vei pôs reparo na sen-vergonhice do herói, teve raiva. Foi ficando sem vontade de tirar fogo do corpo e esquentar ninguém. Então as cunhatãs agarraram na mãe, amarraram bem ela e Macunaíma dando muitos munhecaços na barriga da bruaca saiu que saiu um fogaréu por detrás e todos se aqueceram.

Principiou um calorão que tomou a jangada, se alastrou nas aguas e doirou a face limpa do ar. Macunaíma deitado na jangada lagarteava numa quebreira azul. E o silêncio alargando tudo...

— Ai... que preguiça...

o herói suspirou. Se ouvia o murmurejo da onda, só. Veio um enfaro feliz subindo pelo corpo de Macunaíma, era bom... A cunhatã mais moça batia o urucungo que a mãe trouxera da Africa. Era vasto o paraná e não tinha uma nuvem na gupiara elevada do céu. Macunaíma cruzou as munhecas no alto por detrás fazendo um cabeceiro com as mãos e enquanto



a filha-da-luz mais velha afastava os mosquitos borra-  
chudos em quantidade, a terceira chinoca com as  
pontas das tranças fazia estremecer de gôsto a barriga  
do herói. E era se rindo em plena felicidade, parando  
pra gosar de estrofe em estrofe que êle cantava assim:

Quando eu morrer não me chores,  
Deixo a vida sem sodade;

— Mandú sarará,

Tive por pai o destêrro,  
Por mãe a infelicidade,

— Mandú sarará...

Papai chegou e me disse:  
— Não has de ter um amor!

— Mandú sarará...

Mamãe veio e me botou  
Um colar feito de dor,

— Mandú sarará...

Que o tatú prepare a cova  
Dos seus dentes desdentados,

— Mandú sarará...

Para o mais desinfeliz  
De todos os desgraçados,

— Mandú sarará...



Era bom... O corpo dele relumeava de ouro cinzando nos cristaisinhos do sal e por causa do cheiro da maresia, por causa do remo pachorrento de Vei, e com a barriga assim mexemexendo com cosquinhas de mulher, ah!... Macunaíma gosou do nosso gôso, ah!... «Puxavante! que filha-duma-.... de gostosura, gente!» exclamou. E cerrando os olhos malandros, com a boca rindo num riso moleque safado de vida boa o herói gostou gostou e adormeceu.

Quando a jacumã de Vei não embalou mais o sono dele Macunaíma acordou. Lá no longe se percebia mais que tudo um arranhacéu cor-de-rosa. A jangada estava abicada na caiçara da maloca sublime do Rio de Janeiro.

Ali mesmo na beira dagua tinha um cerradão comprido cheíno da árvore pau-brasil e com palácios de côr nos dois lados. E o cerradão era a avenida Rio Branco. Aí que mora Vei a Sol com suas tres filhas de luz. Vei queria que Macunaíma ficasse genro dela porque afinal das contas êle era um herói e tinha dado tanto bolo-de-aipim pra ela chupar secando, falou:

— Meu genro: você carece de casar com uma das minhas filhas. O dote que dou pra ti é Oropa França e Baía. Mas porém você tem de ser fiel e não andar assim brincando com as outras cunhãs por aí.

Macunaíma agradeceu e prometeu que sim jurando pela memória da mãe dele. Então Vei saiu com as



tres filhas pra fazer o dia no cerradão, ordenando mais uma vez que Macunaíma não saísse da jangada pra não andar brincando com as outras cunhãs por aí. Macunaíma tornou a prometer, jurando outra vez pela mãe.

Nem bem Vei com as tres filhas entraram no cerradão que Macunaíma ficou cheio de vontade de ir brincar com uma cunhã. Acendeu um cigarro e a vontade foi subindo. Lá por debaixo das árvores passavam muitas cunhãs cunhé cunhé se mexemexendo com talento e formosura.

— Pois que fogo devore tudo! Macunaíma exclamou. Não sou trouxo agora pra muíner me fazer mal!

E uma luz vasta brilhou no cérebro dele. Se ergueu na jangada e com os braços oscilando por cima da patria decretou solene:

— POUCA SAÚDE E MUITA SAÚVA, OS MALES DO BRASIL SÃO!

Pulou da jangada no sufragante, foi fazer continência diante da imagem de Santo Antonio que era capitão de regimento e depois deu em cima de todas as cunhas por aí. Logo topou com uma que tôra varina lá na terrinha do compadre chegadinho-chegadinho e inda cheirava no-mais! um tartum bem de peixe. Macunama piscou pra ela e os dois vieram



na jangada brincar. Fizeram. Bastante êles brincaram. Agora estão se rindo um pro outro.

Quando Vei com suas tres filhas chegaram do dia e era a boca-da-noite as moças que vinham na frente encontraram Macunaíma e a Portuguesa brincando mais. Então as tres filhas de luz se zangaram:

— Então é assim que se faz, herói! Pois nossa mãe Vei não falou pra você não sair da jangada e não ir brincar com as outras cunhãs por aí?!

— Estava muito trístico! o herói fez.

— Não tem que trístico nem mané trístico, herói! Agora que você vai tomar um pito de nossa mãe Vei!

E viraram muito zangadas prá velha:

— Veja, nossa mãe Vei, o que vosso genro fez! Nem bem a gente foi no cerradão que êle escapou, deu em cima duma boa, trouxe ela na vossa jangada e brincaram até mais não! Agora estão se rindo um pro outro!

Então a Sol se queimou e ralhou assim:

— Ara ara ara, meus cuidados! Pois não falei pra você não dar em cima de nenhuma cunhã não!... Falei sim! E inda por cima você brinca com ela na jangada minha e agora estão se rindo um pro outro!

— Estava muito trístico! Macunaíma repetiu.



— Pois si você tivesse me obedecido casava com uma das minhas filhas e havia de ser sempre moço e bonito. Agora você fica pouco tempo moço talqualmente os outros homens e depois vai ficando moctudo e sem graça nenhuma.

Macunaíma sentiu vontade de chorar. Suspirou.

— Si eu subesse...

— O «si eu subesse» é santo que nunca não valeu pra ninguém, meus cuidados! Você o que é mas é muito safadinho, isso sim! Não te dou mais nenhuma das minhas filhas não!

D'aí Macunaíma pisou nos calos também:

— Pois nem eu queria nenhuma das tres, sabe! Tres, diabo fez!

Então Vei com as tres filhas foram pedir pouso num hotel e deixaram Macunaíma dormir com a Portuguesa na jangada.

Quando foi ali pela hora antes da madrugada, veio a Sol com as moças pra darem o passeio na baía e encontraram Macunaíma com a Portuguesa inda pegados no sono. Vei acordou os dois e fez presente da pedra Vató pra Macunaíma. E a pedra Vató dá fogo quando a gente quer. E lá se foi a Sol com as tres filhas de luz.

Macunaíma inda passou êsse dia brincando com a varina pela cidade. Quando foi de-noite êles estavam



dormindo num banco do Flamengo quando chegou uma assombração medonha. Era Mianiquê-Teibê que vinha pra engulir o herói. Respirava com os dedos, escutava pelo umbigo e tinha os olhos no lugar das mamicas. A boca era duas bocas e estavam escondidas na dobra interior dos dedos dos pés. Macunaíma acordou com o cheiro da assombração e jogou no viado Flamengo fóra. Então Mianiquê-Teibê comeu a varina e se foi.

No outro dia Macunaíma não achou mais graça na capital da Republica. Trocou a pedra Vató por um retrato no jornal e voltou prá taba do igarapé Tiêê.

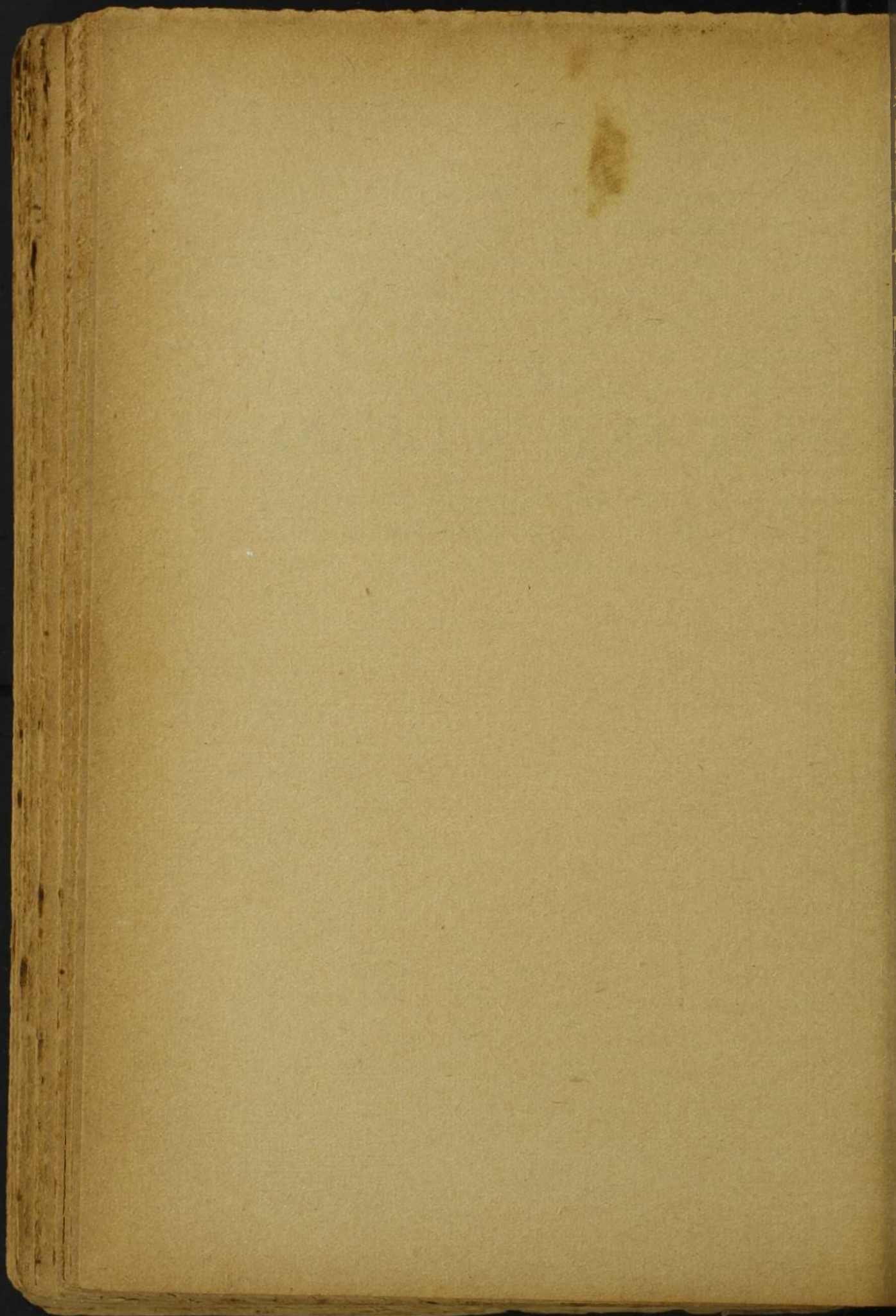


113

IX

CARTA PRÁS ICAMIABAS







A's mui queridas súbditas nossas, Senhoras Amazonas.

Trinta de Maio de Mil Novecentos e Vinte e Seis,  
São Paulo.

Senhoras:

Não pouco vos surpreenderá, por certo, o endereço e a literatura desta missiva. Cumpre-nos, entretanto, iniciar estas linhas de saúdade e muito amor, com desagradavel nova. E' bem verdade que na boa cidade de São Paulo — a maior do universo, no dizer de seus prolixos habitantes — não sois conhecidas por «icamiabas», voz espúria, sinão que pelo apelativo de Amazonas; e de vós, se afirma, cavalgardes ginetes belígeros e virdes da Hélade clássica; e assim sois chamadas. Muito nos pesou a nós, Imperator vosso, tais dislates da erudição, porém heis de convir conosco que, assim, ficais mais heroicas e mais conspícuas, tocadas por essa plátina respeitavel da tradição e da pureza antiga.



Mas não devemos desperdiçarmos vosso tempo fero, e muito menos conturbarmos vosso entendimento, com notícias de mau calibre; passemos pois, imediato, ao relato dos nossos feitos por cá.

Nem cinco sóis eram passados que de vós nos partiramos, quando a mais temerosa desdita pesou sobre Nós. Por uma bela noite dos idos de Maio do ano translato, perdíamos a muiiraquitã; que outrem grafara muraquitã, e, alguns doutos, ciosos de etimologias esdrúxulas, ortografam muyrakitan e até mesmo muraqué-itã, não sorriais! Haveis de saber que êste vocábulo, tão familiar ás vossas trompas de Eustáquio, é quasi desconhecido por aqui. Por estas paragens mui civis, os guerreiros chamam-se polícias, grilos, guardas-cívicas, boxistas, legalistas, masorqueiros, etc.; sendo que alguns dêsses termos são neologismos absurdos — bagaço nefando com que os desleixados e petimetres conspurcam o bom falar lusitano. Mas não nos sobra já vagar para discretearmos «sub tegmine fagi», sobre a lingua portuguesa, tambem chamada lusitana. O que vos interessará mais, por sem dúvida, é saberdes que os guerreiros de cá não buscam mavórticas damas para o enlace epitalâmico; mas antes as preferem doces e facilmente trocaveis por pequeninas e volateis folhas de papel a que o vulgo chamará dinheiro — o «curriculum vitae» da Civilização, a que hoje fazemos ponto de honra em pertencermos. Assim a palavra muiiraquitã, que fere já os ouvidos latinos



do vosso Imperador, é desconhecida dos guerreiros, e de todos em geral que por estas partes respiram. Apenas alguns «sugeitos de importância em virtude e letras», como já dizia o bom velhinho e clássico frei Luis de Sousa, citado pelo doutor Rui Barbosa, ainda sobre as muiraquitãs projectam as suas luzes, para aquilata-las de medíocre valia, originárias da Asia, e não de vossos dedos, violentos no polir.

Estavamos ainda abatido por termos perdido a nossa muiraquitã, em forma de sáurio, quando talvez por algum influxo metapsíquico, ou, qui lo sá, provocado por algum libido saúdoso, como explica o sábio tudesco, doutor Sigmund Freud, (lede Froide), se nos deparou em sonho um arcanjo maravilhoso. Por êle soubemos que o talismã perdido, estava nas dilectas mãos do doutor Venceslau Pietro Pietra, súbdito do Vice-Reinado do Perú, e de origem francamente florentina, como os Cavalcantis de Pernambuco. E como o doutor demorasse na ilustre cidade anchietana, sem demora nos partimos para cá, em busca do velocino roubado. As nossas relações actuais com o doutor Venceslau são as mais lisongeiras possíveis; e sem dúvida mui para breve recebereis a grata nova de que hemos reavido o talismã: e por ela vos pediremos alvícaras.

Porque, súbditas dilectas, é incontestável que Nós, Imperator vosso, nos achamos em precária condição. O tesouro que d'aí trouxemos, foi-nos de mister con-



verte-lo na moeda corrente do país; e tal conversão muito nos ha dificultado o mantenimiento, devido ás oscilações do Câmbio e á baixa do cacau.

Sabereis mais que as donas de cá não se derribam a pauladas, nem brincam por brincar, gratuitamente, senão que á chuvas do vil metal, repuxos brazonados de champagne, e uns monstros comestíveis, a que, vulgarmente dão o nome de lagostas. E que monstros encantados, senhoras Amazonas!!! Duma carapaça polida e sobrosada, feita a modo de casco de nau, saem braços, tentáculos e cauda remígeros, de muitos feitios; de modo que o pesado engenho, deposto num prato de porcelana de Sèvres, se nos antoja qual velejante trireme a bordeljar agua de Nilo, trazendo no bojo o corpo inestimável de Cleópatra.

Ponde tento na acentuação dêste vocábulo, senhoras Amazonas, pois muito nos pesara não preferissemos conosco, essa pronúncia, condizente com a lição dos clássicos, á pronúncia Cleopátra, dicção mais moderna; e que alguns vocabulistas levianamente subscrevem, sem que se apercebam de que é ganga desprezível, que nos trazem, com o enxurro de França, os galiparlas de má morte.

Pois é com êsse delicado monstro, vencedor dos mais delicados véus paladinos, que as donas de cá tombam nos leitos nupciais. Assim haveis de compreender de que alvígaras falámos; porque as lagostas são caríssimas, caríssimas súbditas, e algumas hemos nós



adquiridas por sessenta contos e mais; o que, convertido em nossa moeda tradicional, alcança a vultosa soma de oitenta milhões de bagos de cacau... Bem podereis conceber, pois, quanto hemos já gasto; e que já estamos carecido do vil metal, para brincar com tais difíceis donas. Bem quiseramos impormos á nossa ardida chama uma abstinência, penosa embora, para vos poupar-mos despesas; porém que ânimo forte não cedera ante os encantos e galanteios de tão agradaveis pastoras!

Andam elas vestidas de rutilantes jóias e panos finíssimos, que lhe acentuam o donaire do porte, e mal encobrem as graças, que, a de nenhuma outra cedem pelo formoso do torneado e pelo tom. São sempre alvíssimas as donas de cá; e tais e tantas habilidades demonstram, no brincar, que enumera-las, aquí seria fastiando porventura; e, certamente, quebraria os mandamentos de discreção, que em relação de Imperator para súbditas se requer. Que beldades! Que elegancia! Que cachet! Que degagé flamífero, ignívomo, devorador!! Só pensamos nelas, muito embora não nos descuidemos, relapso, da nossa muiiraquitã.

Nós, nos parece ilustres Amazonas, que assás ganharieis em aprenderdes com elas, as condescendências, os brincos e passes do Amor. Deixarieis então a vossa orgulhosa e solitária Lei, por mais amaveis mesteres, em que o Beijo sublima, as Volúpias encandecem, e se demonstra gloriosa, «urbi et orbe», a subtil fôrça do Odor di Femina, como escrevem os italianos.



E já que nos detivemos neste delicado assunto, não no abandonaremos sem mais alguns reparos, que vos poderão ser úteis. As donas de São Paulo, sobre serem mui formosas e sábias, não se contentam com os dons e excelência que a Natura lhe concedeu; assás se preocupam elas de si mesmas; e não puderam acabarem consigo, que não mandassem vir de todas as partes do globo, tudo o que de mais sublimado e gentil acrisolou a ciência fescenina, digo, feminina das civilizações avitadas. Assim é que chamaram mestras de velha Europa, e sobretudo de França, e com elas aprenderam a passar o tempo de maneira bem diversa da vossa. Ora se alirnpam, e gastam horas nêsse delicado mester, ora encantam os convívios teatrais da sociedade, ora não fazem coisa alguma; e nêsses trabalhos passam elas o dia tão entretecidas e afanosas que, em chegando a noute, mal lhes sobra vagar para brincarem e presto se entregam nos braços de Orfeu, como se diz. Mas heis de saber, senhoras minhas, que por cá dia e noute divergem singularmente do vosso horário belígero; o dia começa quando para vós é o pino dêle, e a noute, quando estais no quarto sono vosso, que, por derradeiro, é o mais reparador.

Tudo isso as donas paulistanas aprenderam com as mestras de França; e mais o polimento das unhas e crescimento delas, bem como aliás «horresco referens», das demais partes córneas dos seus companheiros legais. Deixai passe esta florida ironia!



E muito ha que vos diga ainda sobre o jeito com que cortam as comas, de tal maneira gracioso e viril, que mais se assemelham elas a éfebos e Antínous, de perversa memória, que a matronas de tão directa progénie latina. Todavia, convireis conosco, no desacêrto de longas tranças por cá, si atenderdes ao que mais atrás ficou dito; pois que os doutores de São Paulo não derribam as suas requestadas pela fôrça, senão que a trôco de oiro e de locustas, as ditas comas são de somenos; crescendo ainda que assim se amainam os males, que tais comas acarretam, de serem moradia e pasto habitual de insectos mui daninhos, como entre vós se dá.

Pois não contentes de terem aprendido de França, as subtilezas e passes da galanteria á Luis XV, as donas paulistanas importam das regiões mais inhóspitas o que lhes acrescente ao sabor, tais como pézinhos nipónicos, rubis da índia, desenvolturas norteamericanas; e muitas outras sabedorias e tesoiros internacionais.

Já agora vos falaremos ainda, bem que por alto, dum nitente armento de senhoras, originárias da Polónia, que aqui demoram e imperam generosamente. São elas mui alentadas no porte e mais numerosas que as areias do mar oceano. Como vós, senhoras Amazonas, tais damas formam um gineceu; estando os homens que em suas casas delas habitam, reduzidos escravos e condenados ao vil officio de servirem. E



por isso não se lhes chamam homens, sinão que á voz espúria de garçons respondem; e são assás polidos e silentes, e sempre do mesmo indumento gravebundo trajam.

Vivem essas damas encasteladas num mesmo local, a que chamam por cá de quarteirão, e mesmo de pensões ou «zona estragada»; sobrelevando notar que a derradeira destas expressões não caberia, por indigna nesta notícia sobre as coisas de São Paulo, não fôra o nosso ansêio de sermos exacto e conhecedor. Porém si, como vós, formam essas queridas senhoras um clan de mulheres, muito de vós se apartam no físico, no género de vida e nos ideais. Assim vos diremos que vivem á noute, e se não dão aos afazeres de Marte nem queimam o dextro sêio, mas a Mercúrio cortejam tão sómente; e quanto aos sêios, deixam-nos evolverem, á feição de gigantescos e flácidos pomos, que, si lhes não acrescentam ao donaire, servem para numerosos e árduos trabalhos de excelente virtude e prodigiosa excitação.

Ainda lhes difere o físico, tanto ou quanto monstruoso, bem que de amavel monstruosidade, por terem elas o cérebro nas partes pudendas, e, como tão bem se diz em linguagem madrigalesca, o coração nas mãos.

Falam numerosas e mui rápidas linguas; são viajadas e educadíssimas; sempre todas obedientes por igual, embora ricamente díspares entre si, quais loiras, quais morenas, quais fosse maigres, quais ro-



tundas; e de tal sorte abundantes no número e diversidade, que muito nos preocupa a razão, o serem todas e tantas, originais dum país sómente. Acresce ainda que a todas se lhes dão o excitante, embora injusto, epiteto de «francesas». A nossa desconfiança é que essas damas não se originaram todas da Polónia, porém que faltam á verdade, e são iberas, itálicas, germánicas, turcas, argentinas, peruanas, e de todas as outras partes férteis de um e outro hemisfério.

Muito estimariamos que compartilhasseis da nossa desconfiança, senhoras Amazonas; e que convidasseis também algumas dessas damas para demorarem nas vossas terras e Imperio nosso, por que aprendais com elas um moderno e mais rendoso género de vida, que muito fará avultar os tesoiros do vosso Imperador. E mesmo, si não quiserdes largar mão da vossa solitária Lei, sempre a existência de algumas centenas dessas damas entre vós, muito nos facilitará o «modus in rebus», quando for do nosso retorno ao Império do Mato Virgem, cujo êste nome, aliás, proporíamos se mudasse para Império da Mata Virgem, mais condizente com a lição dos clássicos.

Todavia para terminar negócio tão principal, he-mos por bem advertir-vos dum perigo que essa importação acarretara, si não aceitasseis alguns doutores possantes nos limites do Estado, emquanto dêle estivermos apartado. Com serem essas damas mui fogosas e livres; bem pudera pesar-lhes em demasia o se-



questro inconsequente em que viveis, e, por não perderem elas as sciências e segredos que lhes dão o pão, bem poderiam ir ao extremo de utilizarem-se das bêstas feras, dos bogios, dos tapires e dos solertes candirús. E muito mais ainda nos pesaria á consciência e sentimento nobre do dever; que vós, súbditas nossas, aprendasseis com elas certas abusões, tal como foi com as companheiras da gentil declamadora Safô na ilha rósea de Lesbos — vícios êsses que não suportam crítica á luz das possibilidades humanas, e muito menos o escalpelo da rígida e sã moral.

Como vedes, assás hemos aproveitada esta demora na ilustre terra bandeirante, e si não descuidamos do nosso talismã, por certo que não poupamos esforços nem vil metal, por aprendermos as coisas mais principais desta eviterna civilização latina, por que iniciemos, quando for do nosso retorno ao Mato Virgem, uma série de melhoramentos, que, muito nos facilitarão a existencia, e mais espalhem nossa prosápia de nação culta entre as mais cultas do Universo. E por isso agora vos diremos algo sobre esta nobre cidade, pois que pretendemos construir uma igual nos vossos domínios e Império nosso.

E' São Paulo construída sobre sete colinas, à feição tradicional de Roma, a cidade cesárea, «capita» da Latinidade de que provimos; e beija-lhe os pés a grácil e inquieta linfa do Tiêtê. As aguas são magnífi-



cas, os ares tão amenos quanto os de Aquisgrana ou de Anverres, e a área tão a êles igual em salubridade e abundância, que bem se podera afirmar, ao modo fino dos cronistas, que de tres AAA se gera expontaneamente a fauna urbana.

Cidade é belissima, e grato o seu convívio. Toda cortada de ruas habilmente estreitas e tomadas por estátuas e lampeões graciosíssimos e de rara escultura; tudo diminuindo com astúcia o espaço de forma tal, que nessas artérias não cabe a população. Assim se obtem o efeito dum grande acúmulo de gentes, cuja estimativa pode ser aumentada á vontade, o que é propício ás eleições que são invenção dos inimitaveis mineiros; ao mesmo tempo que os edis dispoem de largo assunto com que ganhem dias honrados e a admiração de todos, com surtos de eloquência do mais puro estilo e sublimado labor.

As ditas artérias são todas recamadas de ricocheteantes papeisinhos e velívolas cascas de frutitos; e em pricipal duma finíssima poeira, e mui dançarina, em que se despargem diariamente mil e uma espécimens de vorazes macróbios, que dizimam a população. Por essa forma resolveram, os nossos maiores, o problema da circulação; pois que tais insectos devoram as mesquinhas vidas da ralé e impedem o acúmulo de desocupados e operários; e assim se conservam sempre as gentes em número igual. E não con-



tentes com essa poeira ser erguida pelo andar dos pedestrianistas e por urrantes máquinas a que chamam «automoveis» e «electricos», (empregam alguns a palavra Bond, voz espúria, vinda certamente do inglês) contractaram os diligentes edis, uns antropoides, monstros hipocentaureos azulegos e monótonos, a que congloba o titulo de Limpeza Pública; que «per amica silencia lunae», quando cessa o movimento e o pó descansa inócuo, saem das suas mansões, e, com os rabos girantes a modo de vassouras cilíndricas, puxadas por muares, soerguem do asfalto a poeira e tiram os insectos do sono, e os concitam á actividade com largos gestos e grita formidanda. Estes afazeres nocturnos são discretamente conduzidos por pequeninas luzes, dispostas de longe em longe, de maneira a permanecer quasi total a escuridade, não perturbem elas os trabalhos de malfeitores e ladrões.

A cópia dêstes se nos afigura realmente excessiva; e temos que são a única usança que não se coaduna com nosso temperamento, ordeiro e pacífico de seu natural. Porém, longe de nós qualquer reproche aos administradores de São Paulo, pois sabemos muito bem que aos valerosos Paulistas, são apraziveis tais malfeitores e suas artes. São os Paulistas gente ardi-da e avalentoadada, e muito afeita ás agruras da guerra. Vivem em combates singulares e colectivos, todos armados da cabeça aos pés; assim assás numerosos são os distúrbios por cá, em que, não raro, tombam na



arena da luta, centenas de milhares de herois, chamados bandeirantes.

Pelo mesmo motivo São Paulo está dotada de mui aguerrida e vultuosa Polícia, que habita palácios brancos de custosa engenharia. A essa Polícia compete ainda equilibrar os excessos da riqueza pública, por se não desvalorizar o oiro incontável da Nação; e tal diligência emprega nêsse afan, que, por todos os lados devora os dinheiros nacionais, quer em paradas e roupagens luzidas, quer em ginásticas da recomendavel Eugénia, que inda não tivemos o prazer de conhecermos; quer finalmente atacando os incautos burgueses que regressam do seu teatro, do seu cinema, ou dão a sua volta de automovel pelos vergeis amenos que circundam a capital. A essa Polícia ainda lhe compete divertir a classe das criadinhas paulistanas; e para seu lustre se diga que o faz com jornaleiro préstimo, em parques, construídos «ad hoc», tais como o parque de Dom Pedro Segundo e o Jardim da Luz. E quando o numerário dessa Polícia avulta, são os seus homens enviados para as rechãs longinquas e menos férteis da pátria, para serem devorados por súcias de gigantes antropófagos, que infestam a nossa geografia, na inglória tarefa de ruir por terra Governos honestos; e de pleno gôsto e assentimento geral da população, como se descrimina das urnas e dos ágapes governamentais. Esses masorqueiros pegam nos po-



Ícias, assam-nos e comem-nos ao jeito alemão; e as ossadas caídas na terra maninha são excelente adubo de futuros cafêzais.

Assim tão bem organizados vivem e prosperam os Paulistas na mais perfeita ordem e progresso; e lhes não é escasso o tempo para construirem generosos hospitais, atraindo para cá todos os leprosos sulamericanos, Mineiros, Paraibanos, Peruanos, Bolivianos, Chilenos, Paraguaio, que, antes de ir morarem nesses lindíssimos leprosários, e serem servidos por donas de duvidosa e decadente beldade — sempre donas! — animam as estradas do Estado e as ruas da capital, em garridas comitivas equestres ou em maratonas soberbas que são o orgulho de nossa raça desportiva, em cujo conspeito pulsa o sangue das heroicas bigas e quadrigas latinas!

Porém, senhoras minhas! Inda tanto nos sobra, por êste grandioso país, de doenças e insectos por cuidar!... Tudo vai num descabro sem comedimento, e estamos corroídos pelo morbo e pelos miriápodes! Em breve seremos novamente uma colónia da Inglaterra ou da America do Norte!... Por isso e para eterna lembrança dêstes Paulistas, que são a unica gente útil do país, e por isso chamados de Locomotivas, nos demos ao trabalho de metrificarmos um dístico, em que se encerram os segredos de tanta desgraça:



«POUCA SAÚDE E MUITA SAÚVA, OS MALES  
DO BRASIL SÃO.»

Êste dístico é que houvemos por bem escrevermos no livro de Visitantes Ilustres do Instituto Butantã, quando foi da nossa visita a êsse estabelecimento famoso na Europa.

Moram os Paulistanos em palácios alterosos de cincoenta, cem e mais andares, a que, nas épocas da procreação, invadem umas nuvens de mosquitos pernilongos, de vária espécie, muito ao gosto dos nativos, mordendo os homens e as senhoras com tanta propriedade nos seus distintivos, que não precisam êles e elas das cáusticas urtigas para as massagens de excitação, tal como entre os selvícolas é de uso. Os pernilongos se encarregam dessa fáina; e otram tais milagres que, nos bairros miseráveis, surge anualmente uma incontável multidão de rapazes e raparigas bulhentos, a que chamamos «italianinhos»; destinados a alimentarem as fábricas dos áureos potentados, e a servirem, escravos, o descanso aromático dos Cresos.

Êstes e outros multimilionários é que ergueram em torno da urbs as doze mil fábricas de seda, e no recesso dela os famosos Cafés maiores do mundo, todos de obra de talha em jacarandá folhado de oiro, com embutidos de salsas tartarugas.



E o Palácio do Govêrno é todo de oiro, á feição dos da Rainha do Adriático; e, em carruagens de prata, forradas de peles finíssimas, o Presidente, que mantem muitas espôsas, passeia, ao cair das tardes, sorrindo com vagar.

De outras e muitas grandezas vos poderíamos ilustrar, senhoras Amazonas, não fôra perlongar demasiado esta epístola; todavia, com afirmar-vos que esta é, por sem dúvida, a mais bela cidade terraquea, muito hemos feito em favor dêstes homens de prol. Mas cair-nos-iam as faces, si ocultáramos no silêncio, uma curiosidade original dêste povo. Ora sabereis que a sua riqueza de expressão intelectual é tão prodigiosa, que falam numa lingua e escrevem noutra. Assim chegado a estas plagas hospitalares, nos demos ao trabalho de bem nos inteirarmos da etnologia da terra, e dentre muita surprêza e assombro que se nos depa-rou, por certo não foi das menores tal originalidade linguística. Nas conversas utilizam-se os paulistanos dum linguajar bárbaro e multifário, crasso de feição e impuro na vernaculidade, mas que não deixa de ter o seu sabor e fôrça nas apóstrofes, e tambem nas vozes do brincar. Destas e daquelas nos inteirâmos, solícito; e nos será grata emprêsa vo-las ensinarmos aí chegado. Mas si de tal desprezível lingua se utilizam na conversação os naturais desta terra, logo que tomam da pena, se despojam de tanta asperidade, e surge o Homem Latino, de Lineu, exprimindo-se numa outra linguagem, mui próxima da vergiliana, no



dizer dum panegirista, meigo idioma, que, com imperescível galhardia, se intitula: lingua de Camões! De tal originalidade e riqueza vos ha-de ser grato ter sciência, e mais ainda vos espantareis com saberdes, que á grande e quasi total maioria, nem essas duas linguas bastam, senão que se enriquecem do mais lídimio italiano, por mais musical e gracioso, e que por todos os recantos da urbs é versado. De tudo nos inteirâmos satisfactoriamente, graças aos deuses; e muitas horas hemos ganho, discreteando sobre o z do termo Brazil e a questão do pronome «se». Outrossim, hemos adquirido muitos livros bilingues, chamados «burros», e o dicionário Pequeno Larousse; e já estamos em condições de citarmos no original latino muitas frases célebres dos filosofos e os testículos da Biblia.

Enfim, senhoras Amazonas, heis de saber ainda que a êstes progressos e luzida civilização, hão elevado esta grande cidade os seus maiores, tambem chamados de políticos. Com êste apelativo se designa uma raça refinadíssima de doutores, tão desconhecidos de vós, que os dirieis monstros. Monstros são na verdade mas na grandiosidade incomparavel da audácia, da sapiência, da honestidade e da moral; e embora algo com os homens se pareçam, originam-se êles dos reais uirauassús e muito pouco têm de humanos. Obedecem todos a um imperador, chamado Papai Grande na gíria familiar, e que demora na oceânica cidade do Rio de Janeiro — a mais bela do mun-



do, na opinião de todos os estrangeiros, e que por meus olhos verifiquei.

Finalmente, senhoras Amazonas e muito amadas súbditas, assás hemos sofrido e curtido árduos e constantes pezares, depois que os deveres da nossa posição, nos apartaram do Império do Mato Virgem. Por cá tudo são delícias e venturas, porém nenhum gôso teremos e nenhum descanso, enquanto não rehouvermos o perdido talismã. Hemos por bem repetir entretanto que as nossas relações com o doutor Venceslau são as milhores possíveis; que as negociações estão entaboladas e perfeitamente encaminhadas; e bem poderieis enviar de antemão as alvígaras que enunciâmos atrás. Com pouco o vosso abstémio Imperador se contenta; si não puderdes enviar duzentas igaras cheias de bagos de cacau, mandai cem, ou mesmo cincoenta!

Recebei a benção do vosso Imperador e mais saúde e fraternidade. Acatai com respeito e obediência estas mal traçadas linhas; e, principalmente, não vos esqueçais das alvígaras e das polonesas, de que muito hemos mister.

Ci guarde a Vossas Excias.

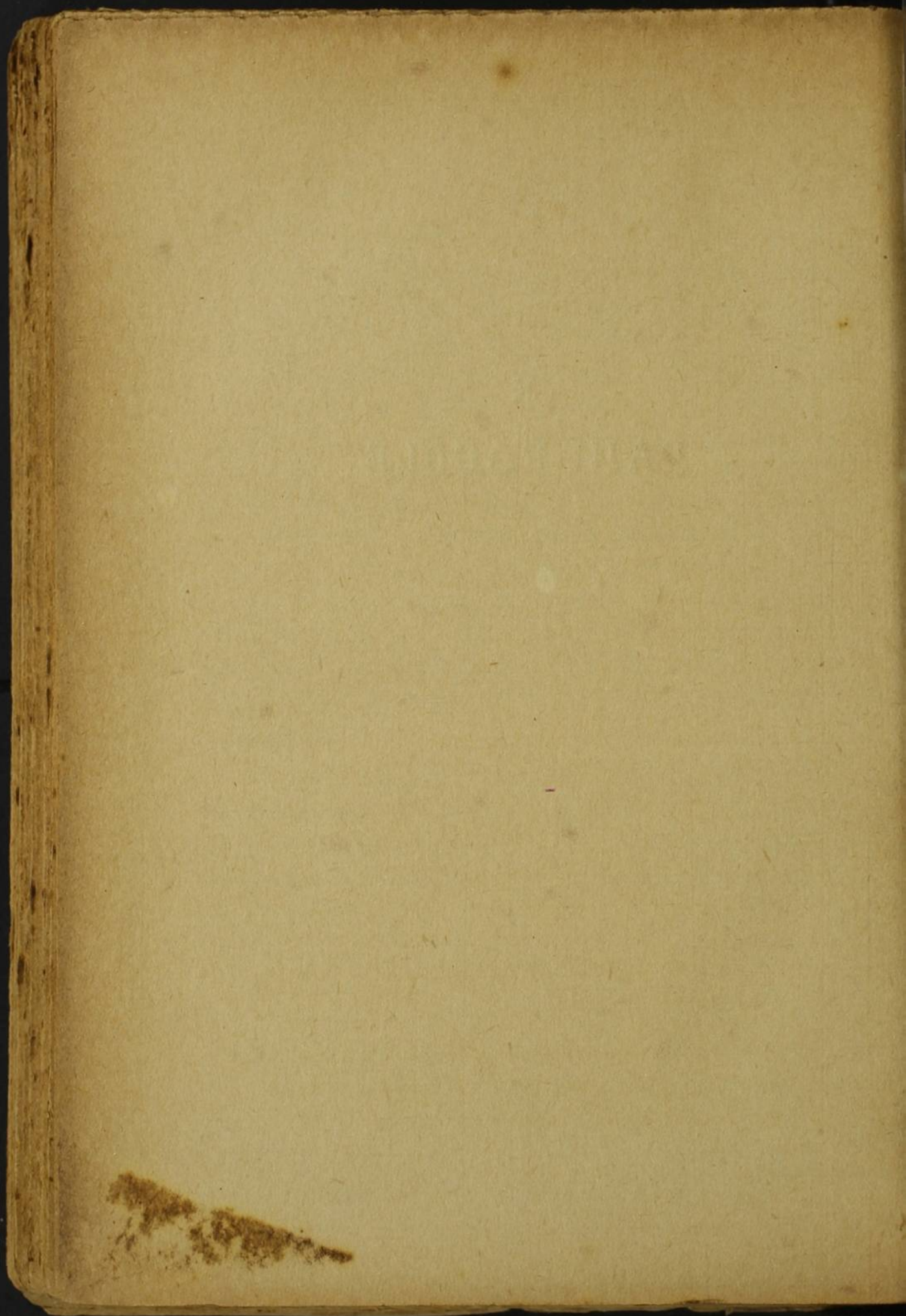
Macunaíma,  
Imperator.



X

PAUI-PÓD0LE







Venceslau Pietro Pietra ficara muito doente com a sova e estava todo envolvido em rama de algodão. Passou meses na rede. Macunaíma não podia nem dar passo pra conseguir a muiiraquitã agora guardada dentro do caramujo por debaixo do corpo do gigante. Imaginou botar formiga cupim no chinelo do outro porque isso traz morte, dizem, porém Piaimã tinha pé pra trás e não usava chinelo. Macunaíma estava muito contrariado com aquele chove-não-molha e passava o dia na rede mastigando beijú membeca entre codórios longos de restilo. Nesse tempo veio pedir pousada na pensão o índio Antonio, santo famoso com a companheira dele, Mãe de Deus. Foi visitar Macunaíma, fez discurso e batisou o herói diante do deus que havia de vir e tinha forma nem bem de peixe nem bem de anta. Foi assim que Macunaíma entrou prá religião Caraimonhaga que estava fazendo furor no sertão da Baía.

Macunaíma aproveitava a espera se aperfeiçoando nas duas linguas da terra, o brasileiro falado e o português escrito. Já sabia nome de tudo. Uma



feita era dia da Flor, festa inventada pros Brasileiros serem caridosos e tinha tantos mosquitos carapanãs que Macunaíma largou do estudo e foi na cidade refrescar as ideias. Foi e viu um despropósito de coisas. Parava em cada vitrina e examinava dentro dela aquela porção de monstros, tantos que até parecia a serra do Ererê onde tudo se refugiou quando a enchente grande inundou o mundo. Macunaíma passeava passeava e encontrou uma cunhatã com uma urupema carregadinha de rosas. A mocica fez êle parar e botou uma flor na lapela dele, falando:

— Custa milréis.

Macunaíma ficou muito contrariado porque não sabia como era o nome daquele buraco da máquina roupa onde a cunhatã enfiara a flor. E o buraco chamava botoeira. Imaginou esgarafunchando na memória bem, mas nunca não ouvira mesmo o nome daquele buraco. Quis chamar aquilo de buraco porém viu logo que confundia com os outros buracos dêste mundo e ficou com vergonha da cunhatã. «Orifício» era palavra que a gente escrevia mas porém nunca ninguém não falava «orifício» não. Depois de pensamentear pensamentear não havia meios mesmo de descobrir o nome daquilo e pôs reparo que da rua Direita onde topara com a cunhatã já tinha ido parar adiante de São Bernardo, passada a moradia de mestre Cosme. Então voltou, pagou prá moça e falou de venta-inchada:



— A senhora me arrumou com um dia-de-judeu! Nunca mais me bote flor neste... neste puíto, dona!

Macunaíma era desbocado duma vez. Falara uma bocagem muito porca, muito! A cunhatã não sabia que puíto era palavra-feia não e enquanto o herói voltava aluado com o caso prá pensão, ficou se rindo, achando graça na palavra. «Puíto...» que ela dizia. E repetia gosado: «Puíto... Puíto»... Imaginou que era moda. Então se pôs falando pra toda a gente si queriam que ella botasse uma rosa no puíto deles. Uns quiseram outros não quiseram, as outras cunhatãs escutaram a palavra, a empregaram e «puíto» pegou. Ninguém mais não falava em boutonnière por exemplo; só puíto, puíto se escutava.

Macunaíma ficou de azeite uma semana, sem comer sem brincar sem dormir só porque desejava saber as linguas da terra. Lembrava de perguntar pros outros como era o nome daquele buraco mas tinha vergonha de irem pensar que êle era ignorante e môita. Afinal chegou o domingo pé-de-cachimbo que era dia do Cruzeiro, feriado novo inventado pros Brasileiros descansarem mais. De manhã teve parada na Mooca, ao meio-dia missa campal no Coração de Jesus, ás dezessete corso e batalha de confetes na avenida Rangel Pestana e de-noite, depois da passeata dos deputados e desocupados pela rua Quinze, iam queimar um fogo-de-artifício no Ipiranga. Então pra esparecer Macunaíma foi no parque ver os fogos.



Nem bem saiu da pensão topou com uma cunhã clara, loiríssima, filhinha-da-mandioca bem, toda de branco e o chapéu de tucumã vermelho coberto de margaridinhas. Chamava Fräulein e sempre carecia de proteção. Foram juntos e chegaram lá. O parque estava uma boniteza. Tinha tantas máquinas repuxos misturadas com a máquina luz elétrica que a gente se encostava um no outro no escuro e as mãos se agarravam pra aguentar a admiração. Assim a dona fez e Macunaíma sussurrou docemente:

— Maní... filhinha da mandioca!...

Pois então a alemãzinha chorando comovida, se virou e perguntou pra êle si deixava ela afincar aquela margarida no puíto dele. Primeiro o herói ficou muito assarapantado, muito! e quis zangar porém depois ligou os fatos e percebeu que fôra muito inteligente. Macunaíma deu uma grande gargalhada.

Mas o caso é que «puíto» já entrara prás revistas estudando com muita ciência os idiomas escrito e falado e já estava mais que assente que pelas leis de catalepse elipse síncope metonímia metaforia metátese próclise prótese aférese apócope haplografia etimologia popular todas essas leis, a palavra «botoeira» viera a dar em «puíto», por meio duma palavra intermediária, a voz latina «rabanitius» (botoeira-rabanitius-puíto), sendo que rabanitius embora não encontrada nos documentos medievais, afirmaram os doutos que na certa existira e fôra corrente no sermo vulgaris.



Nesse momento um mulato da maior mulataria trepou numa estátua e principiou um discurso entusiasmado explicando pra Macunaíma o que era o dia do Cruzeiro. No céu escampado da noite não tinha uma nuvem nem Capêi. A gente enxergava os conhecidos, os pais-das-árvores os pais-das-aves os pais-das-caças e os parentes manos pais mães tias cunhadas cunhãs cunhatãs, todas essas estrêlas piscapiscando bem felizes nessa terra sem mãe, adonde havia muita saúde e pouca saúva, o firmamento lá. Macunaíma escutava muito agradecido, concordando com a fala comprida que o discursador fazia pra êle. Só depois do homem apontar muito e descrever muito é que Macunaíma pôs reparo que o tal de Cruzeiro era mas eram aquelas quatro estrêlas que êle sabia muito bem serem o Pai do Mutum morando no campo do céu. Teve raiva da mentira do mulato e berrou:

— Não é não!

— ... Meus senhores, que o outro discursava, aquelas quatro estrêlas rutilantes como lágrimas ardentes, no dizer do sublime poeta, são o sacrossanto e tradicional Cruzeiro que...

— Não.é não!

— Psiu!

— ... o símbolo mais...

— Não é não!



— Apoiados!

— Fóra!

— Psiu!... Psiu!...

— ... mais su-sublime e maravilhoso da nossa ama-mada patria é aquele misterioso Cruzeiro lucilante que...

— Não é não!

— ... ve-vedes com...

— Nan sculhàmba!

... suas... qua... tro claras lantejoulas de prat...

— Não é não!

— Nuo é não! que outros gritavam tambem.

Com tanta bulha afinal o mulato entrupigaitou e todos os presentes animados pelos «Não é não!» do herói estavam com muita vontade de fazer um chinfrim. Porém Macunaíma tremia tão tiririca que nem percebeu. Pulou em riba da estátua e principiou contando a história do Pai do Mutum. E era assim:

— Não é não! Meus senhores e minhas senhoras! Aquelas quatro estrêlas lá é o Pai do Mutum! juro que é o Pai do Mutum, minha gente, que para no campo vasto do céu!... Isso foi no tempo em que os animais já não eram mais homens e sucedeu no grande



mato Fulano. Era uma vez dois cunhados que moravam muito longe um do outro. Um chamava Camã-Pabinque e era catimboseiro. Uma feita o cunhado de Camã-Pabinque entrou no mato por amor de caçar um bocado. Estava fazendo e topou com Pauí-Pódole e seu compadre o vagalume Camaiuí. E Pauí-Pódole era o Pai do Mutum. Estava trepado no galho alto da acapú, descansando. Vai, o cunhado do feiticeiro voltou prá maloca e falou prá companheira dele que tinha topado com Pauí-Pódole e seu compadre Camaiuí. E o Pai do Mutum com seu compadre num tempo muito de dantes já foram gente que nem nós. O homem falou mais que bem que tinha querido matar Pauí-Pódole com a sarabatana porém não alcançara o poleiro alto do Pai do Mutum na acapú. E então pegou na frexa de pracuúba com ponta de taboca e foi pescar carataís. Logo Camã-Pabinque chegou na maloca do cunhado e falou:

— Mana, o que foi que vosso companheiro falou pra você?

Então a mana contou tudo pro feiticeiro e que Pauí-Pódole estava empoleirado na acapú com seu compadre o vagalume Camaiuí. No outro dia manhãzinha Camã-Pabinque saiu do papirí dele e achou Pauí-Pódole piando na acapú. Então o catimboseiro virou na tocadeira Ilague e foi subindo pelo pau mas o Pai do Mutum enxergou a formigona e soprou um pio forte. Bateu um ventarrão tamanho que o feiti-



ceiro despençou do pau, caindo nas capitivas da serrapilheira. Então virou na tacuri Opalá menorzinha e foi subindo outra vez, porém Pauí-Pódole tornou a enxergar a formiga. Soprou e veio um ventinho brincando que sacudiu Opalá nas trapoerabas da serrapilheira. Então Camã-Pabinque virou na lavapés chamada Megue, pequetitinha, subiu na acapú, ferrou o Pai do Mutum bem no furinho do nariz, enrolou o corpico e trazendo o não-se-diz entre os ferrões, juque! esguichou ácido-fórmico aí. Chi! minha gente! Isso Pauí-Pódole abriu num vôo esparramado com a dôr e espirrou Megue longe! O feiticeiro nem não poudesair mais do corpo de Megue, do susto que pegou. E ficou mais essa praga da formiguinha lavapés prá nós... Gente!

«Pouca saúde e muita saúva,  
Os males do Brasil são!»

já falei... No outro dia Pauí-Pódole quis ir morar no céu pra não padecer mais com as formigas da nossa terra, fez. Pediu pro compadre vagalume alumiar o caminho na frente com as lanterninhas verdes bem acesas. O vagalume Cunavá sobrinho do outro, foi na frente alumiano caminho pra Camaiué e pediu pro mano que fosse na frente alumiano pra êle também. O mano pediu pro pai, o pai pediu prá mãe, a mãe pediu pra toda a geração, o chefe-de-polícia e o inspetor do quartirão e muitos muitos, uma nuvem



de vagalumes foram alumando caminho uns pros outros. Fizeram, gostaram de lá e sempre uns atrás dos outros nunca mais voltaram do campo vasto do céu. E' aquele caminho de luz que daqui se enxerga atravessando o espaço. Pauí-Pódole então avoou pro céu e ficou lá. Minha gente! aquelas quatro estrêlas não é Cruzeiro, que Cruzeiro nada! E' o Pai do Mutum! E' o Pai do Mutum, minha gente! E' o Pai do Mutum, Pauí-Pódole que para no campo vasto do Céu!... Tem mais não».

Macunaíma parou fatigado. Então se ergueu do povaréu um murmurejo longo de felicidade fazendo relumear mais ainda as gentes, os pais-dos-passaros os pais-dos-peixes os pais-dos-insetos os pais-das-árvores, todos êsses conhecidos que param no campo do céu. E era imenso o contentamento daquela paulistanada mandando olhos de assombro prás gentes, pra todos êsses pais dos vivos brilhando morando no céu. E todos êsses assombros de-primeiro foram gente depois foram os assombros misteriosos que fizeram nascer todos os seres vivos. E agora são as estrelinhas do céu.

O povo se retirou comovido, feliz no coração cheio de explicações e cheio das estrêlas vivas. Ninguém não se amolava mais nem com dia do Cruzeiro nem com as máquinas repuxos misturadas com a máquina luz elétrica. Foram pra casa botar pelêgo por debaixo do lençol porque por terem brincado com fogo aquela



noite, na certa que iam mijar na cama. Foram todos dormir. E a escuridão se fez.

Macunaíma parado em riba da estátua ficara sozinho ali. Também estava comovido. Olhou prá altura. Que Cruzeiro nada! Era Pauí-Pódole se percebia bem daqui... E Pauí-Pódole estava rindo pra êle, agradecendo. De repente piou comprido parecendo trem-de-ferro. Não era trem era piado e o sôpro apagou todas as luzes do parque. Então o Pai do Mutum mexeu uma asa mansamente se despedindo do herói. Macunaíma ia agradecer, porém o pássaro erguendo a poeira da neblina largou numa carreira esparramada pelo campo vasto do céu.

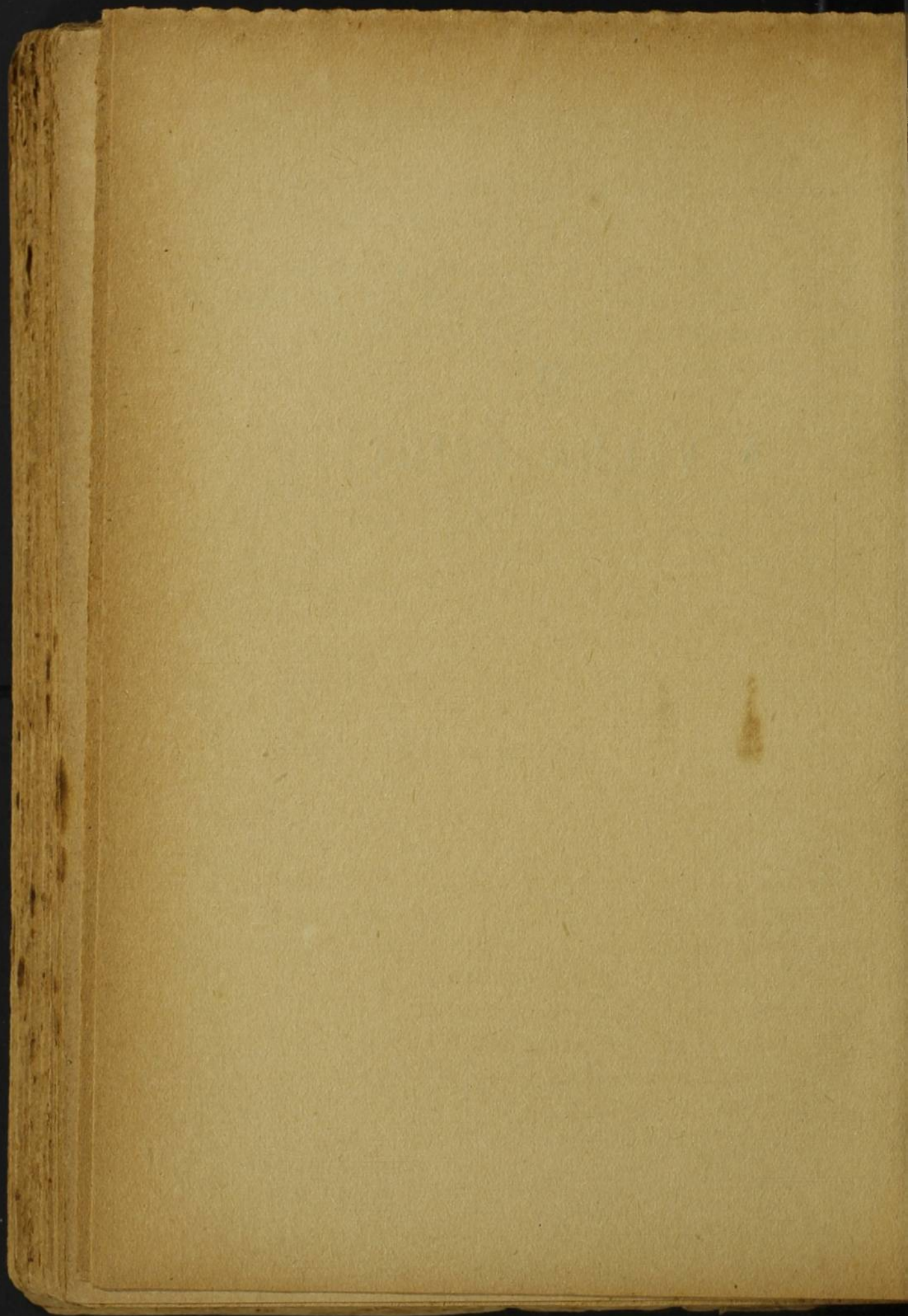


145

XI

A VELHA CEIUCÍ







No outro dia o herói acordou muito constipado. Era porque apesar do calorão da noite êle dormira de roupa com medo da Caruviana que pega individuo dormindo nú. Mas estava muito gangento com o sucesso do discurso da véspera. Esperou impaciente os quinze dias da doença resolvido a contar mais casos pro povo. Porém quando se sentiu bom era manhãzinha e quem conta história de dia cria rabo de cotia. Por isso convidou os manos pra caçar, fizeram.

Quando chegaram ao bosque da Saúde o herói murmurou:

— Aqui serve.

Dispôs os manos nas esperas, botou fogo no bosque e ficou também amoitado esperando que saísse algum viado mateiro pra êle caçar. Porém não tinha nenhum viado lá e quando queimada acabou, jacaré saiu? pois nem viado mateiro nem viado catingueiro, saíram só dois ratos chamuscados. Então o herói caçou os ratos chamuscados, comeu-os e sem chamar os manos voltou prá pensão.



Lá chegado ajuntou os vizinhos, criados a patrôa cunhãs datilógrafas estudantes empregados-públicos, muitos empregados-públicos! todos êsses vizinhos e contou pra êles que tinha ido caçar na feira do Arouche e matara dois...

— ... mateiros, não eram viados mateiros não, dois viados catingueiros que comi com os manos. Até vinha trazendo um naco pra vocês mas porém escorreguei na esquina, caí derrubei o embrulho e cachorro comeu tudo.

Toda a gente se sarapantou com o sucedido e desconfiaram do herói. Quando Maanape e Jiguê voltaram, os vizinhos foram perguntar pra êles si era verdade que Macunaíma caçara dois catingueiros na feira do Arouche. Os manos ficaram muito enquisilados porque não sabiam mentir e exclamaram irritadíssimos:

— Mas que catingueiros êsses! O herói nunca matou viado! Não tinha nenhum viado na caçada não! Gato miador, pouco caçador, gente! Em vez foram dois ratos chamuscados que Macunaíma pegou e comeu.

Então os vizinhos perceberam que tudo era mentira do herói, tiveram raiva e entraram no quarto dêle pra tomar satisfação. Macunaíma estava tocando numa flautinha feita de canudo de mamão. Parou o sôpro, aparou o bocal da flautinha e se admirou muito sossegado:



— Praquê essa gentama no meu quarto, agora!...  
Faz mal prá saúde, gente!

Todos perguntaram pra êle:

— O que foi mesmo que você caçou, herói?

— Dois viados mateiros.

Então os criados as cunhãs estudantes empregados-públicos, todos êsses vizinhos principiaram rindo dele. Macunaíma sempre aparando o bocal da flautinha. A patrôa cruzando os braços ralhou assim:

— Mas, meus cuidados, praquê você fala que foram dois viados e em vez foram dois ratos chamuscados!

Macunaíma parou assim os olhos nela e secundou:

— Eu menti.

Todos os vizinhos ficaram com cara de André e cada um foi saindo na maciota. E André era um vizinho que andava sempre encalistrado. Maanape e Jiguê se olharam, com inveja da inteligência do mano. Maanape inda falou pra êle:

— Mas praquê você mentiu, herói!

— Não foi por querer não... quís contar o que tinha sucedido prá gente e quando reparei estava mentindo...

Jogou a flautinha fóra, pegou no ganzá pigarreou e descantou. Descantou a tarde inteirinha uma moda



tão sorumbática mas tão sorumbática que os olhos dêle choravam a cada estrofe. Parou porque os soluços não deixaram mais continuar. Largou do ganzá. Lá fora a vista era um tristura de entardecer dentro da cerração. Macunaíma sentiu-se desinfeliz e teve saudades de Ci a inesquecível. Chamou os manos pra se consolarem todos juntos. Maanape e Jiguê sentaram junto dele na cama e os tres falaram longamente da Mãe do Mato. E espalhando a saudade falaram dos matos e cobertos cerrações deuses e barrancas traiçoeiras do Uraricoera. Lá que êles tinham nascido e se rido pela primeira vez nos macurús... Encostados nas maquiras pra lá do limpo do mucambo os guirás cantavam o que não dava o dia e eram pra mais de quinhentas as familias dos guirás... Perto de quinze vezes mil especies de animais assombravam o mato de tantos milhões de paus que não tinham mais conta... Uma feita um branco trouxera da terra dos Ingleses, dentro dum sapiquá gótico, a constipação que fazia agora Macunaíma tanto chorar de sodades... E a constipação tinha ido morar no antro das formigas mumbucas mui pretas. Na escoreza o calor se amaciava como saindo das aguas; pra trabalhar se cantava; nossa mãe ficara virada numa coxilha mansa no lugar chamado Pai da Tocandeira... Ai, que preguiça... E os tres manos perceberam pertinho o murmurejo do Uraricoera! Oh! como era bom por lá... O herói se atirou pra trás chorando largado na cama.



Quando a vontade de chorar parou, Macunaíma afastou os mosquitos e quis espairecer. Se lembrou de ofender a mãe do gigante com uma bocagem novinha vinda da Australia. Virou Jiguê na máquina telefone porém o mano inda estava muito confundido com o caso da mentira do herói e não houve meios de ligar. O aparelho tinha defeito. Então Macunaíma fumou fava de paricá pra ter sonhos gostosos e adormeceu bem.

No outro dia lembrou que precisava se vingar dos manos e resolveu passar um pealo neles. Levantou madrugadinha e foi esconder no quarto da patrôa. Brincou pra fazer tempo. Depois voltou falando afobado pros manos:

— Oi, manos, achei rasto fresco de tapir bem na frente da Bolsa de Mercadorias!

— Que me diz, perdiz!

— Pois é. Quem que havia de dizer!

Ninguem inda não matara tapir na cidade. Os manos se sarapantaram e foram com Macunaíma caçar o bicho. Chegaram lá, principiaram procurando o rasto e aquele mundão de gente comerciantes revendedores baixistas matarazos, vendo os tres manos curvados pro alfalto procurando, principiaram campeando tambem, todo aquele mundão de gente. Procuraram procuraram, você achou? nem êles! Então perguntaram pra Macunaíma;



— Onde que você achou rasto de tapir? Aqui não tem rasto nenhum não!

Macunaíma não parava de campear falando sempre:

— Tetápe, dzónanei pemonéite hêhê zeténe netaíte.

E os manos regatões zangões tequeteques madalenas e Hungareses recomeçavam procurando o rasto. Quando consavam e paravam pra perguntar, Macunaíma campeando sempre secundava:

— Tetápe dzónanei permonéite hêhê zeténe netaíte.

E todo aquele mundão de gente procurando. Era já perto da noite quando pararam desacorçoados. Então Macunaíma se desculpou:

— Tetápe dzónanei pemo...

Não deixaram nem que êle acabasse, todos perguntando o que significava aquela frase. Macunaíma respondeu:

— Sei não. Aprendi essas palavras quando era pequeno lá em casa.

E todos se queimaram muito. Macunaíma fastou disfarçado falando:

— Calma, gente! Tetápe hêhê! Não falei que tem rasto de tapir não, falei que tinha! Agora não tem mais não.

Foi pior. Um dos comerciantes se zangou de verdade e o repórter que estava ao pé dele vendo o outro zangado zangou também por demais,



— Isso não vai assim não! Pois então a gente vive trabucando pra ganhar o pão-nosso e vai um individuo tira a gente o dia inteiro do trabalho só pra campear rasto de tapir!

— Mas eu não pedi pra ninguem procurar rasto, moço, me desculpe! Meus manos Maanape e Jiguê é que andaram pedindo, eu não! Culpa é deles!

Então o povo que já estava todo zangado virou contra Maanape e contra Jiguê. Já todos, e eram muitos! estavam com vontade de armar uma briga. Então um estudante subiu na capota dum auto e fez discurso contra Maanape e contra Jiguê. O povo estava ficando zangadíssimo.

— Meus senhores, a vida dum grande centro urbano como São Paulo já obriga a uma intensidade tal de trabalho que não permite-se mais dentro da magnífica entrosagem do seu progresso sequer a passagem momentânea de seres inócuos. Ergamo-nos todos una voce contra os miasmas deletérios que conspurcam o nosso organismo social e já que o Govêrno cerra os olhos e delapida os cofres da Nação, sejamos nós mesmos os justicadores...

— Lincha! lincha! que o povo principiou gritando.

— Que lincha nada! exclamou Macunaíma tomando as dôres pelos manos.

E todos se viraram contra êle outra vez. E agora já estavam zangadíssimos. O estudante continuava pra si;



— ... e quando o trabalho honesto do povo é perturbado por um desconhecido...

— O quê! quem que é desconhecido! berrou Macunaíma desesperado com a ofensa.

— Você!

— Não soi, 'tá'i!

— E'!

— Ora vá desmamar jacú com alpiste, moço! Desconhecida é a senhora vossa mãe, ouviu! — e virando pro povo: O que vocês estão pensando, heim! Não tenho medo não! nem de um nem de dois nem de dez mil e daqui a pouco eu arrazo tudo isto aqui!

Uma madalena que estava na frente do herói, virou pro comerciante atrás dela e sangou:

— Não bolina, senvergonha!

O herói estava cego de raiva, pensou que era com êle e:

— Que «não bolina» agora! não estou bolinando ninguém, sua lambisgoia!

— Lincha o bolina! Pau nele!

— Pois venham, cafagestes!

E avançou prá multidão. O advogado quis fugir porém Macunaíma atirou um pontapé nas costas dele e entrou pelo povo distribuindo rasteiras e cabeçadas. De repente viu na frente um homem alto loiro mui



lindo. E o homem era um grilo. Macunaíma teve ódio de tanta boniteza e chimpou uma bruta duma bolacha nas fuças do grilo. O grilo berrou, e enquanto falava uma frase em lingua estrangeira agarrou o herói pelo congote.

— Prrrêso!

O herói gelou.

— Prêso porque?

O polícia secundou uma porção de coisas em lingua estrangeira e segurou firme.

— Não estou fazendo nada! que o herói murmurava com medo.

Porém o grilo não quis conversa e foi descendo a ladeirinha com o povo todo atrás. Outro grilo chegou e os dois falaram muitas frases, muitas! em lingua estrangeira e lá foram empurrando o herói ladeira abaixo. Um testemunha de tudo contou o sucedido pra um senhor que estava na porta duma casa de frutas e o senhor penalizado atravessou a multidão e fez os grilos pararem. Era já na rua Líbero. Então o senhor fez um discurso pros grilos, que eles não deviam de levar Macunaíma prêso porque o herói não fizera nada. Tinha ajuntado uma porção de grilos mas nenhum não entendia o discurso porque nenhum não pescava nada de brasileiro. As mulheres choravam com dó do herói. Os grilos falavam por demais numa lingua estrangeira e uma voz gritou:



— Não pode!

Então o povo ficou com muita vontade de pelear outra vez e de todos os lados agora estavam gritando: «Larga!». «Não leva!». «Não pode!». «Não pode!», um chinfrim, «Solta!». Um fazendeiro estava disposto a fazer discurso insultando a Polícia. Os grilos não entendiam nada e gesticulavam, muito atrapalhados falando em língua estrangeira. Formou-se um furdunço temível. Então Macunaíma se aproveitou da trapalhada e pernas praque vos quero! Vinha um bonde na carreira badalando. Macunaíma pongou o bonde e foi ver como passava o gigante.

Venceslau Pietro Pietra já principiava convalescendo da sova apanhada na macumba. Fazia um calorão dentro da casa porque era hora de cozinharem a polenta e fóra a fresca era boa por causa do vento sulão. Por isso o gigante com a velha Ceiucí as duas filhas e a criadagem pegaram cadeiras e vieram sentar na porta da rua pra gosar a frescata. O gigante ainda não saíra do algodão e estava talequal um far-do caminhando. Sentaram.

O curumí Chuvisco andava librinando pelo bairro e encontrou Macunaíma negaceando da esquina. Parou e ficou olhando o herói. Macunaíma virou-se:

— Nunca viu não!

— Quê que você está fazendo aí, conhecido!

— Estou assustando o gigante Piaimã com sua família.



Chuvisco debicou:

— Qual! não vê que gigante tem medo de ti!

Macunaíma encarou o curumí empalamado e teve raiva. Quis bater nele porém lembrou de-cór: «Quando você estiver embrabecendo conta tres vezes os botões da vossa roupa», contou e ficou manso de novo. Então secundou:

— Quer apostar? Eu faço e aconteço e garanto que Piaimã vai pra dentro com medo de mim. Esconde lá perto pra escutar só o que êles falam.

Chuvisco avisou:

— Oi, conhecido, tome tento com gigante! Você já sabe do que êle é capaz. Piaimã está fraco está fraco porém canudo que teve pimenta guarda o ardume... Si você não tem medo mesmo, aposto.

Virou numa gota e pingou rente de Venceslau Pietro Pietra com a companheira as filhas e a criação. Então Macunaíma pegou na primeira palavra-feia da coleção e jogou na cara de Piaimã. O palavrão bateu de rijo porém Venceslau Pietro Pietra nem se incomodou, direitinho elefante. Macunaíma chimpou outra bocagem mais feia na caapora. A ofensa bateu rijo porém se incomodar é que ninguém se incomodou. Então Macunaíma jogou toda a coleção de bocagens e eram dez mil vezes dez mil bocagens. Venceslau Pietro Pietra falou prá velha Ceiucí, bem quieto:



— Tem algumas que a gente não conhece inda não, guarda pra nossas filhas.

Então Chuvisco voltou prá esquina. O herói garganteou:

— Tiveram medo ou não tiveram!

— Medo nada, conhecido! Até o gigante mandou guardar as bocagens novas prá filhas brincarem. De mim que êles têm medo, ocê aposta? Vá lá perto e escute só.

Macunaíma virou num caxipara que é o macho da formiga saúva e foi se enroscar na rama de algodão acolchoando o gigante. Chuvisco amontou numa neblina e quando ia passando em riba da família deu uma mijadinha no ar. Principiou peneirando uma chuva-de-preguiça. Quando os pingos vieram caindo o gigante olhou pra um agarrado na mão dele e teve paúra de tanta agua.

— Vam'bora, gente!

E todos com muito medo foram correndo pra dentro. Então Chuvisco desapeou e disse pra Macunaíma:

— Está vendo?

E assim até hoje. A família do gigante tem medo de Chuvisco mas de palavra-feia não.

Macunaíma ficou muito despeitado e perguntou pro rival:



— Me diga uma coisa: você conhece a lingua do lim-pim-gua-pá?

— Nunca vi mais gordo!

—Pois então, rival: Vá-pá á-pá mer-per-da-pá!

E abriu o pala até a pensão.

Mas estava muito contrariado por ter perdido a aposta e se lembrou de fazer uma pescaria. Porém não podia pescar nem de frexa nem com timbó nem cunambí nem tinguí nem macerá nem no parí nem com linha nem arpão nem juquiaí nem sararaca nem gaponga nem de pôita nem de cassuá nem itapuá nem de giquí nem de grozera nem de gererê guê tresmalho aparador gungá cambango arinque batebate gradeira caícai penca anzol de vara cóvo, todos êsses objetos armadilhas e venenos porque não possuia nada disso não. Fez um anzol com cera de mandaguari mas bagre mordia, levava anzol e tudo. Porém tinha ali perto um Inglês pescando aimarás com anzol de verdade. Macunaíma voltou pra casa e falou pra Maanape:

— Quê que havemos de fazer! Carecemos de tomar anzol de Inglês. Vou virar aimará de mentira pra enganar o bife. Quando êle me pescar e der a batida na minha cabeça então faço «juque!» enganando que morri. Ele me atira no samburá, você pede o peixe mais grande pra comer e sou eu.



Fez. Virou num aimará pulou na lagôa, o Inglês pescou-o e bateu na cabeça dele. O herói gritou «Juque!» Mas o Inglês tirou o anzol da guela do peixe porém. Maanape veio vindo e muito disfarçado pediu pro Inglês:

— Dá peixe pra mim, seu Yes?

— All right. E deu um lambarí de rabo vermelho.

— Ando padecendo de fome, seu Inglês! dá um macota, vá! êsse um gordinho do samburá!

Macunaíma estava com o olho esquerdo dormindo porém Maanape conheceu-o bem. Maanape era feiticeiro. O Inglês deu o aimará pra Maanape que agradeceu e foi-se embora. Quando estava legua e meia longe o aimará virou Macunaíma outra vez. Assim tres vezes, Inglês sempre tirando anzol da guela do herói. Macunaíma segredou pro mano:

— Que que havemos de fazer! Carecemos de tomar anzol de Inglês. Vou virar piranha de mentira e arranco anzol da vara.

Virou numa piranha feroz pulou na lagôa arrancou o anzol e desvirando outra vez legua e meia abaixo no lugar chamado Poço do Umbú onde tinha umas pedras cheias de letreiros encarnados da gente fenícia sacou o anzol da guela bem contente porque agora podia pescar corimã piraíba aruana pirarara



piaba todos êsses peixes. Os dois manos iam-se quando escutaram Inglês falando pra Uruguaio:

— Que posso fazer agora! Não possuo mais anzol que a piranha enguliu. Vou pra vossa terra, conhecido.

Então Macunaíma fez um grande gesto com os dois braços e gritou:

— Espera um bocado, tapuitinga!

O Inglês se voltou e Macunaíma só de caçoada virou-o na máquina London Bank.

No outro dia falou pros manos que ia pescar peixões no igarapé Tietê. Maanape avisou:

— Não vá, herói, que você topa com a velha Ceiucí mulher do gigante. Te come, heim!

— Não tem inferno pra quem já navegou no Cachoeira! que Macunaíma exclamou. E partiu.

Nem bem lançou a linha de cima dum mutá que veio vindo a velha Ceiucí pescando de tarrafa. A caapora viu a sombra de Macunaíma refletida nagua jogou depressa a tarrafa e só pescou sombra. O herói nem não achou graça porque estava tremendo de medo, vai, pra agradecer falou assim:

— Bom-dia, minha vó.

A velha virou a cara pro alto e descobriu Macunaíma em riba do mutá.

— Vem cá, meu neto.



— Não vou lá não.

— Pois então mando marimbondos.

Fez. Macunaíma arrancou um molho de pataqueira e matou os marimbondos.

— Desce, meu neto, que sinão mando novatas!

Fez. As formigas novatas ferraram em Macunaíma e êle caiu nagua. Então a velha tarrafiou, envolveu o herói nas malhas e foi pra casa. Lá chegada pôs o embrulho na sala-de-visitas que tinha um abajur encarnado e foi chamar a filha mais velha que era bem habilidosa, prás duas comerem o pato que ela caçara. E o pato era Macunaíma o herói. Porém a filhona estava muito ocupada porque era mesmo habilidosa e a velha para adiantar serviço foi fazer fogo. A caapora possuía duas filhas e a mais nova que não era nada habilidosa e só sabia suspirar, enxergando a velha fazer fogo, imaginou: «Mãe quando vem da pescaria conta logo o que pescou, hoje não. Vou ver.» Desenrolou a tarrafa e saiu dela um moço bem do gosto. O herói falou:

— Me esconde!

Então a moça que estava mui bondosa porque vivia desocupada desde tempo, levou Macunaíma pro quarto e brincaram. Agora estão se rindo um pro outro.

Quando fogo ficou bem quente a velha Ceiucí veio com a filhona habilidosa pra depenarem o pato porém acharam só tarrafa. A caapora embrabeceu:



— Isso ha-de ser minha filhinha nova que é muito bondosa...

Bateu no quarto da moça, gritando:

— Minha filhinha nova, entrega já meu pato que sinão enxoto você da casa minha pra todo o sempre!

A moça ficou com medo e mandou Macunaíma atirar vinte milréis por debaixo da porta pra ver si contentava a gulosa. Macunaíma de medo já atirou cem que viraram em muitas perdizes lagostas robalos vidros-de-perfume e caviar. A velha gulosa engoliu tudo e pediu mais. Então Macunaíma atirou um conto de réis por debaixo da porta. O conto virou em mais lagostas coelhos pacas champanha rendas cogumelos rãs e a velha sempre comendo e pedindo mais. Então a moça bondosa abriu a janela dando pro Pacaembú deserto e falou:

— Vou dizer tres adivinhas, si você descobre, te deixo fugir. O que é que é: E' comprido roliço e perfurado, entra duro e sai mole, satisfaz o gôsto da gente e não é palavra indecente?

— Ah! isso é indecência sim!

— Bobo! é macarrão!

— Ahn... é mesmo!... Engraçado, não?

— Agora o que é que é: Qual o lugar onde as mulheres têm cabelo mais crespinho?

— Ôh, que bom! isso eu sei! é aí!

— Cachorro! E' na Africa, sabe!



— Me mostra, por favor!

— Agora é a última vez. Diga o quê que é:

Mano, vamos fazer  
Aquilo que Deus consente:  
Ajuntar pelo com pelo,  
Deixar o pelado dentro.

E Macunaíma:

— Ara! Também isso quem que não sabe! Mas cá pra nós que ninguém nos ouça, você é bem senvergonha, dona!

— Descobriu. Não é dormir ajuntando os pelos das pestanas e deixando o olho pelado dentro que você está imaginando? Pois si você não acertasse pelo menos uma das adivinhas te entregava prá gulosa de minha mãe. Agora fuja sem escarcéu, serei expulsa, voarei pro céu. Na esquina você encontra uns cavalos. Tome o castanho-escuro que pisa no mole e no duro. Esse é bom. Si você escuta um passarinho gritando «Baúa! Baúa!» então é a velha Ceiucí chegando. Agora fuja sem escarcéu, serei expulsa, voarei pro céu!

Macunaíma agradeceu e pulou pela janela. Na esquina estavam dois cavalos, um castanho-escuro e outro cardão-pedrez. «Cavalo cardão-pedrez pra carreira Deus o fez» Macunaíma murmurou. Pulou nesse e abriu na galopada. Caminhou caminhou caminhou



e já perto de Manaus ia correndo quando o cavalo deu uma topada que arrancou chão. No fundo do buraco Macunaíma enxergou uma coisa relumeando. Cavou depressa e descobriu o resto do deus Marte, escultura grega achada naquelas paragens inda na Monarquia e primeiro-de-abril passado no Araripe de Alencar pelo jornal chamado Comercio do Amazonas. Estava contemplando aquele torso macanudo quando escutou «Baúa! Baúa!». Era a velha Ceiucí chegando. Macunaíma esporeou o cardão-pedrez e depois de perto de Mendoza na Argentina quasi dar um esbarrão num galé que tambem vinha fugindo da Guiana Francesa, chegou num lugar onde uns padres estavam melando. Gritou:

— Me escondam, padres!

Nem bem os padres esconderam Macunaíma num pote vazio que a caapora chegou montada no tapir.

— Não viram meu neto passar por aqui no seu cavalinho comendo capim?

— Já passou.

Então a velha apeou do tapir e montou num cavalo gazeo-sarará que nunca prestou nem prestará e seguiu. Quando ela virou a serra do Paranacoara os padres tiraram o herói do pote, deram pra êle um cavalo melado-caxito que tanto é bom como é bonito e mandaram êle embora. Macunaíma agradeceu e galopou. Logo adiante encontrou uma cêrca de arame porém era cavaleiro: deu um sacalão, esbarrou o pongo e



ajuntando as mãos do animal caído com um jeito forte fez o cavalo girar e passar por debaixo do arame. Então o herói pulou a cêrca e amontou de novo. Galopeou galopeou galopeou. Passando no Ceará decifrou os letreiros indígenas do Aratanha; no Rio Grande do Norte costeando o serrote do Cabelo-nãotem decifrou outro. Na Paraíba, indo de Mangape pra Bacamarte passou na Pedra-Lavrada com tanta inscrição que dava um romance. Não leu por causa da pressa e nem a da Barra do Potí no Piauí, nem a de Jajeú em Pernambuco, nem a dos Apertados do Inhamum, que já era no quarto dia e se escutava no ar rentinho: «Baúa! Baúa!» Era a velha Ceiucí chegando. Macunaíma pernas pra que vos quero pelo eucaliptal. Mas o passarinho sempre mais perto e Macunaíma isso vinha que vinha acochado pela velha. Afinal topou com a biboca dum surucucú que tinha parte com o canhoto.

— Me esconde, surucucú!

O surucucú nem bem escondeu o herói no buraco da latrininha, a velha Ceiucí chegou.

— Não viram meu neto passar por aqui no seu cavalinho comendo capim?

— Já passou.

A gulosa apeou do gazeo-sarará que nunca prestou nem prestará e montou num cavalo bebe-em-branco que é cavalo manco e seguiu.



Então Macunaíma escutou surucucú tratando com a companheira pra fazerem um moquéu do herói. Pulou do buraco do quartinho e jogou no terreiro o anel com brilhantão que dera de presente pro dedo Mindinho. O brilhantão virou em quatro contos de carros de milho, adubo Polisú e uma fordeca de segunda-mão. Enquanto o surucucú olhava pra aquilo tudo satisfeito, Macunaíma pro melado-caxito descansar, amontou num bagual cardão-rodado que nunca pode estar parado e galopeou através de varjões e varjotas. Varou num átimo o mar de areia do chapadão dos Parecis e por derrames e dependurados entrou na caatinga e assustou as galinhas com pintos de ouro do Camutengo perto de Natal. Legua e meia adiante abandonando a margem do São Francisco emporcalhada com a enchente-da-páscoa, entrou por uma brecha aberta no morro alto. Ia seguindo quando escutou um «psiu» de cunhã. Parou morto de medo. Então saiu do meio da catinga-de-porco uma dona alta e feiosa com trança até o pé. E a dona perguntou cochichado pro herói:

— Já se foram?

— Se foram, quem!

— Os Holandeses!

— Você está caducando, que Holandês êsse!

Não tem Holandês nenhum, dona!



Era Maria Pereira cunhã portuga amufumbada naquela brecha de morro desde a guerra com os Holandeses. Macunaíma não sabia bem mais em que parte de Brasil estava e lembrou de perguntar.

— Me diga uma coisa, filho de gambá é raposa, como que chama êste lugar?

A cunhã secundou emproada:

— Aqui é o Buraco de Maria Pereira.

Macunaíma soltou uma grande gargalhada e escafedeu enquanto a mulher amoitava outra vez. O herói seguiu de carreira e enfim passou prá outra banda do rio Chuí. Foi lá que topou com o tuiuiú pescando.

— Primo Tuiuiú, você me leva pra casa?

— Pois não!

Logo o tuiuiú se transformou na máquina aeroplano, Macunaíma escanchou no aturiá vazio e ergueram vôo. Voaram sobre o chapadão mineiro de Uruçúia, fizeram o circúito de Itapecerica e bateram pro Nordeste. Passando pelas dunas de Mossoró, Macunaíma olhou pra baixo e enxergou Bartolomeu Lourenço de Gusmão, batina arregaçada, pelejando pra caminhar no areão. Gritou pra êle:

— Venha aqui com a gente, ilustre!

Porém o padre gritou com um gesto imenso:

— Basta!



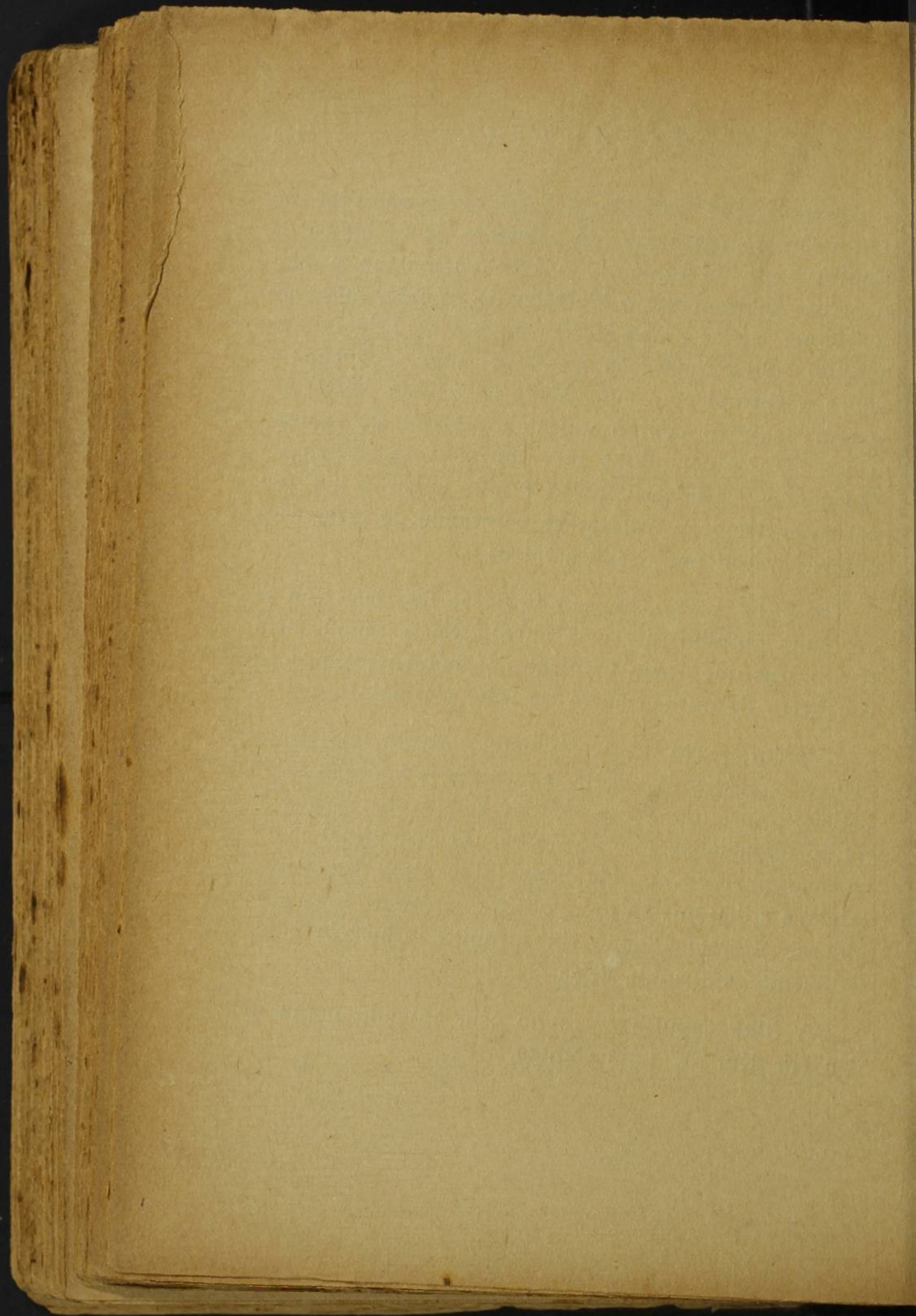
Depois que pulando a serra do Tombador no Mato Grosso deixaram prá esquerda as cochilhas de Sant'Ana do Livramento, o tuiuiú-aeroplano e Macunaíma subiram até o Telhado do Mundo, mataram a sede nas aguas novas do Vilcanota e na última etapa voando sobre Amargosa na Baía, sobre a Gurupá e sobre o Gurupí com sua cidade encantada, enfim toparam de novo com o mucambo ilustre do igarapé Tietê. D'aí a pouquinho estavam na porta da pensão. Macunaíma agradeceu muito e quis pagar o auxílio porém se lembrou que estava carecendo de fazer economia. Virou pro tuiuiú e falou:

— Olha, primo, pagar não posso não mas vou te dar um conselho que vale ouro: Neste mundo tem tres barras que são a perdição dos homens: barra de rio, barra de ouro e barra de saia, não cáia!

Porém estava tão acostumado a gastar que esqueceu-se da economia. Deu dez contos pro tuiuiú, subiu satisfeito pro quarto e contou tudo pros manos já muito ressabiados com a demora. O caso afinal custara uns bons pacotes. Maanape então virou Jiguê num telefone e deu queixa prá Polícia que deportou a velha gulosa. Porém Piaimã tinha muita influência e ela voltou na companhia lírica.

A filha expulsa corre no céu, batendo perna de déu em déu. E' uma cometa.



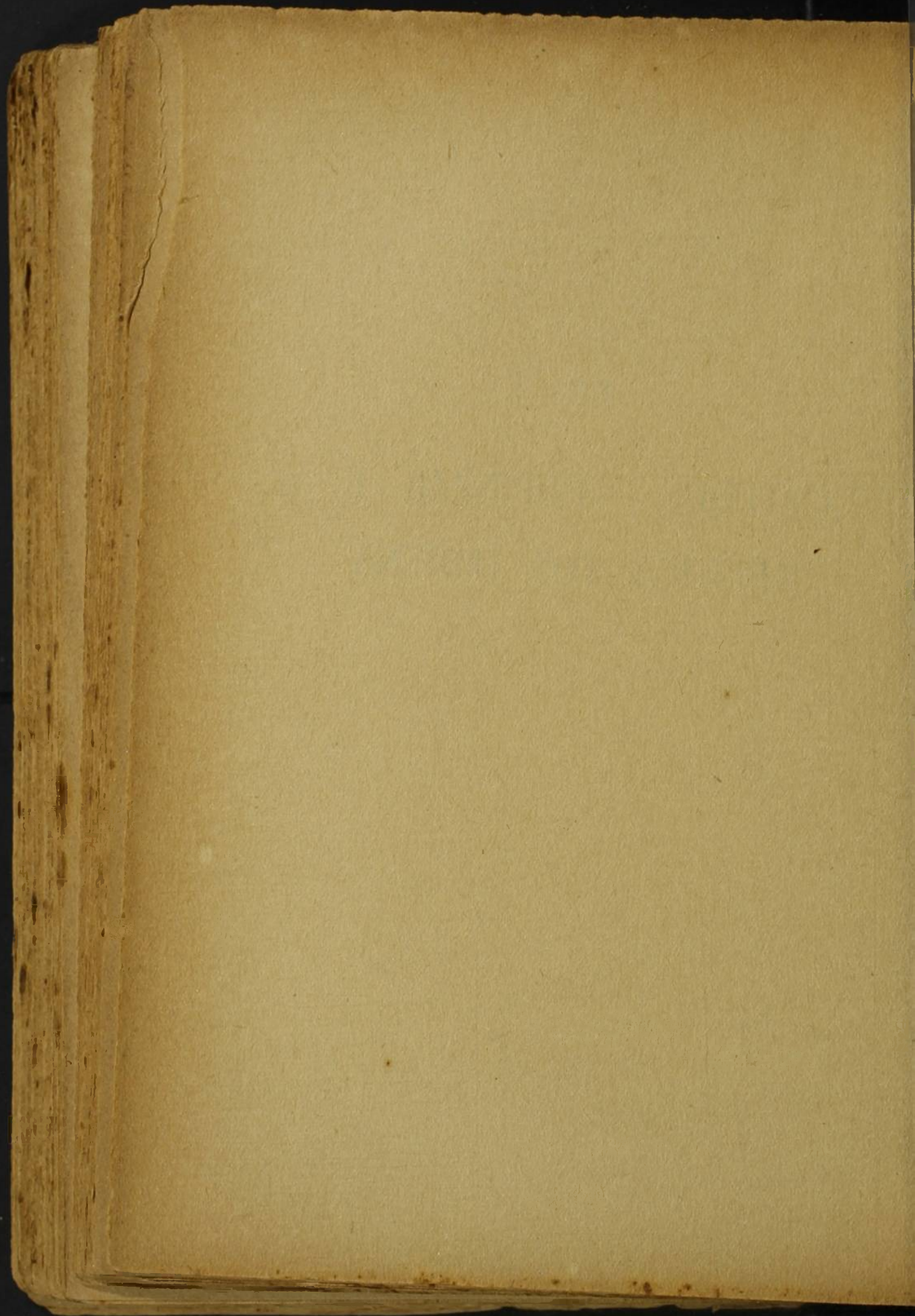




XII

TEQUETEQUE, CHUPINZÃO E A  
INJUSTIÇA DOS HOMENS







No outro dia Macunaíma acordou febreiro. Tinha mesmo delirado a noite inteira e sonhado com navio.

— Isso é viagem por mar, falou a dona da pensão.

Macunaíma agradeceu e de tão satisfeito virou logo Jiguê na máquina telefone pra insultar a mãe de Venceslau Pietro Pietra. Mas a sombra telefonista avisou que não secundavam. Macunaíma achou aquilo esquisito e quis se levantar pra ir saber o que era. Porém sentia um calorão coçado no corpo todo e uma moleza de agua. Murmurou:

— Ai... que preguiça...

Virou a cara pro canto e principiou falando boca-gens. Quando os manos vieram saber o que era, era sarampão. Maanape logo foi buscar o famoso Bento curandeiro em Beberibe que curava com alma de índio e agua de pote. Bento deu uma agüínha e fez reza cantada. Numa semana o herói já estava descascando. Então se levantou e foi saber o que tinha sucedido pro gigante.



Não tinha ninguém no palacio e a copeira do vizinho contou que Piaimã com toda a familia fôra na Europa descansar da sova. Macunaíma perdeu todo o requebrado e se contrariou bem. Brincou com a copeira muito aluado e voltou macambúsio prá pensão. Maanape e Jiguê encontraram o herói na porta da rua e perguntaram pra êle:

— Quem matou seu cachorrinho, meus cuidados?

Então Macunaíma contou o sucedido e principiou chorando. Os manos ficaram bem tristes de ver o herói assim e levaram êle visitar o Leprosario de Guapira, porém Macunaíma estava muito contrariado e o passeio não teve graça nenhuma. Quando chegaram na pensão era noitinha e todos já estavam desesperados. Tiraram uma porção enorme de tabaco dum cornimboque imitando cabeça de tucano e espirraram bem. Então puderam pensamentear.

— Pois é, meus cuidados, você andou lerdando, cozinhando galo, cozinhando galo, o gigante é que não havia de esperar, foi-se. Agora aguenta a massada!

Nisto Jiguê bateu na cabeça e exclamou:

— Achei!

Os manos levaram um susto. Então Jiguê lembrou que êles podiam ir na Europa tambem, atrás da muiraquitã. Dinheiro, inda sobravam quarenta contos do cacau vendido. Macunaíma aprovou logo porém



Maanape que era feiticeiro imaginou imaginou e concluiu:

— Tem coisa melhor.

— Pois então desembuxe!

— Macunaíma finge de pianista, arranja uma pensão do Governo e vai sozinho.

— Mas praquê tanta complicação si a gente possui dinheiro á bessa e os manos podem me ajudar na Europa!

— Você tem cada uma que até parece duas! Poder a gente pode sim porém mano seguindo com arame do Governo não é melhor? E'. Pois então!

Macunaíma estava refletindo e de repente bateu na testa:

— Achei!

Os manos levaram um susto.

— Que foi!

— Pois então finjo de pintor que é mais bonito!

Foi buscar a máquina óculos de tartaruga um gramofoninho meias de golfe luvas e ficou parecido com pintor.

No outro dia pra esperar a nomeação matou o tempo fazendo pinturas. Assim: Agarrou num romance de Eça de Queiroz e foi na Cantareira passear.



Então passou perto dele um cotruco andarengo muito marupiara porque possuía folhinha de picapau. Macunaíma deitado de bruços divertia-se amassando os tacurús das formigas tapipitingas. O tequeteque saudou:

— Bom-dia, conhecido, como le vai, muito obrigado, bem. Trabalhando, não?

— Quem não trabuca não manduca.

— E' mesmo. Bom, té-loguinho.

E passou. Legua e meia adiante topou com um micura e lembrou de trabucar também um bocado. Pegou no gambazinho, fez êle engulir dez pratas de dois milréis e voltou com o bicho debaixo do braço. Chegando perto de Macunaíma mascateou:

— Bom-dia, conhecido, como le vai, muito obrigado, bem. Si você quer te vendo meu micura.

— Quê que vou fazer com um bicho tão pichento! Macunaíma secundou botando a mão no nariz.

— Tem aca mas é coisa muito boa! Quando faz necessidade só prata que sai! Vendo barato pra você!

— Deixe de conversa, turco! Onde que se viu micura assim!

Então o tequeteque apertou a barriga do gambá e o bicho desistiu as dez pratinhas.



— Está vendo! Faz necessidade é prata só! Ajuntando a gente fica riquíssimo! Barato pra você!

— Quanto que custa?

— Quatrocentos contos.

— Não posso comprar, só tenho trinta.

— Pois então pra ficar freguês deixo por trinta contos pra você!

Macunaíma desabotoou as calças e por debaixo da camisa tirou o cinto que carregava dinheiro. Porém só tinha a letra de quarenta contos e seis fichas do Casino de Copacabana. Deu a letra e teve vergonha de receber o trôco. Até inda deu as fichas de inhapa e agradeceu a bondade do tequeteque.

Nem bem o mascate sorvetera entre as sapupiras guarubas e parinarís do mato que já o micura quis fazer necessidade outra feita. O herói arredondou o bolso aparando e a porcaria caiu toda ali. Então Macunaíma percebeu o lôgro e abriu numa gritaria desgraçada, caminho da pensão. Virando uma esquina encontrou o José Prequeté e gritou pra êle:

— Zé Prequeté, tira bicho do pé pra comer com café!

José Prequeté ficou com ódio e insultou a mãe do herói porém êste não fez caso não, deu uma grande gargalhada e foi seguindo. Mais adiante lembrou que ia indo pra casa zangado e pegou na gritaria outra vez.



Os manos inda não tinham voltado da maloca do Govêrno e a patrôa veio no quarto pra consolar Macunaíma, brincaram. Depois de brincarem o herói pegou no choro. Quando os manos chegaram toda a gente se sarapantou porque êles tinham cinco metros de altura. Não vê que o Govêrno estava com mil vezes mil pintores já encaminhados pra mandar na pensão da Europa e Macunaíma ser nomeado era mas só no dia de São Nunca. Ficava muito longe. O invento tinha favado e os manos ficaram compridos por causa do desaponto. Quando enxergaram o mano chorando, se assustaram bem e quiseram saber a causa. E como esqueceram o desaponto voltaram pro tamanho de dantes, Maanape já velhindo e Jiguê na fôrça do homem. O herói fazia:

— Ihihih! tequeteque me embromou! Ihihih! Comprei micura dele, quarenta contos me custou!

Então os irmãos se descabelaram. Agora não era possível mais irem na Europa não, porque possuíam só a noite e o dia. Levaram na prantina enquanto o herói esfregava óleo de andiroba no corpo pros mosquitos não amolarem e adormecia bem.

No outro dia amanheceu fazendo um calorão temível e Macunaíma suava que mais suava dum lado pra outro enraivecido com a injustiça do Govêrno. Quis sair pra espairecer porém aquela roupa tanta aumentando o calor... Teve mais raiva. Teve raiva



por demais e maliciou que ia ficar com o butecaiana que é doença da raiva. Então exclamou:

— Ara! Ande eu quente, ria-se a gente!

Tirou as calças pra refrescar e pisou em cima. A raiva se acalmou no sufragante e até que muito satisfeito Macunaíma falou pros manos:

— Paciência, manos! não! não vou na Europa não. Sou Americano e meu lugar é na América. A civilização européa de-certo esculhamba a inteirêza do nosso character.

Durante uma semana os tres vararam o Brasil todo pelas restingas de areia marinha, pelas restingas de mato ralo, barrancas de paranãs, abertões, corredeiras carrascos carrascões e chavascais, corôas de vassante boqueirões mangas e fundões que eram ninhos de geada, espraiaços pancadas pedrais funis bocâinas barroqueiras e rasouras, todos êsses lugares, campeando nas ruínas dos conventos e na base dos cruzeiros pra ver si não achavam alguma panela com dinheiro enterrado. Não acharam nada.

— Paciência, manos! Macunaíma repetiu macambúsio. Jogamos no bicho!

E foi na praça Antonio Prado meditar sobre a injustiça dos homens. Ficou lá encostado num plátano muito bem. Todos os comerciantes e aquele despropósito de máquina passavam rentinho do herói gru-



gunzando sobre a injustiça dos homens. Macunaíma já estava disposto a mudar o dístico pra: «Pouca saúde e muitos pintores os males do Brasil são» quando escutou um «Ihihih!» chorado atrás. Virou e viu no chão um ticotico e um chupim.

O ticotico era pequetinho e o chupim era macota. O ticotiquinho ia dum lado pra outro acompanhado sempre do chupinzão chorando pro outro dar de comer pra êle. Fazia raiva. O ticotiquinho imaginava que o chupinzão era filhote dele mas não era não. Então voava, arranjava um decumê por aí que botava no bico do chupinzão. Chupinzão engulia e pegava na manha outra vez: «Ihihih! mamãe... telo decumê!... telo decumê!...» lá na lingua dele. O ticotiquinho ficava azaranzado porque estava padecendo fome e aquele nhenhenhem-nhenhenhem azucrinando êle atrás, diz-que «Telo decumê!... telo decumê!...», não podia com o amor sofrendo. Largava de si, voava buscar um bichinho uma quirerinha, todos êsses decumês, botava no bico do chupinzão, chupinzão engulia e principiava atrás do ticotiquinho outra vez. Macunaíma estava meditando na injustiça dos homens e teve um amargor imenso da injustiça do chupinzão. Era porque Macunaíma sabia que de primeiro os passarinhos foram gente feito nós... Então o herói pegou num porrete e matou o ticotiquinho.

Foi-se embora. Depois que andou legua e meia sentiu calor e lembrou de beber pinga pra refrescar.



Trazia sempre num bolso do paletô uma garrafinha de pinga prêsa ao puíto por uma corrente de prata. Desarrolhou e chupitou de manso. Eis sinão quando escutou atrás um «Ihihih!» chorando. Virou sara-pantado. Era o chupinzão.

— Ihihih! papai... telo decumê!... telo decumê!... lá na língua dele.

Macunaíma ficou com ódio. Abriu o bolso onde estava guardado aquilo do micura e falou:

— Pois coma então!

Chupinzão pulou na beira do bolso e comeu tudo sem saber. Foi engordando engordando, virou num passaro preto bem grande e voou pros matos gritando «Afinca! Afinca!». E' o Pai do Vira.

Macunaíma seguiu caminho. Legua e meia adiante estava um macaco mono comendo coquinho baguassú. Pegava no coquinho, botava no vão das pernas junto com uma pedra, apertava e juque! a fruta quebrava. Macunaíma veio e esgurejou com a boca cheia dagua. Falou:

— Bom-dia, meu tio, como lhe vai?

— Assim assim, sobrinho.

— Em casa todos bons?

— Na mesma,



E continuou mastigando. Macunaíma ali, sapeando. O outro enquisilou assanhado:

— Não me olhe de banda que não sou quitanda, não me olhe de lado que não sou melado!

— Mas o quê você está fazendo aí, tio!

O macaco mono soverteu o coquinho na mão fechada e secundou:

— Estou quebrando os meus toaliquiçús pra comer.

— Vá mentir na praia!

— Uai, sobrinho, si tu não dá crédito então pra quê pergunta!

Macunaíma estava com vontade de acreditar e indagou:

— E' gostoso é?

O mono estalou a lingua:

— Chi! prove só!

Quebrou de escondido outro coquinho, fingindo que era um dos toaliquiçús e deu pra Macunaíma comer. Macunaíma gostou bem.

— E' bom mesmo, tio! Tem mais?

— Agora se acabou mas si o meu era gostoso que fará os vossos! Come êles, sobrinho!



O herói teve medo:

— Não doi não?

— Qual, si até é agradável!...

O herói agarrou num paralelepipedo. O macaco mono rindo por dentro inda falou pra êle:

— Você tem mesmo coragem, sobrinho?

— Boni t-o-tó macacheira mocotó! o herói exclamou empafioso. Firmou bem o paralelepipedo e juque! nos toaliquiçús. Cahiu morto. O macaco mono caçoou assim:

— Pois, meus cuidados, não falei que tu morrias! Falei! Não me escutas! Estás vendo o que sucede pros desobedientes Agora: sic transit!

Então calçou as luvas de balata e foi-se. D'aí a pouco veio uma chuvarada que refrescou a carne verde do herói, impedindo a putrefação. Logo se formou um poder de correições de formigas guajúguajús e murupetecas pro corpo morto. A advogado Fulano atraído pelas correições topou com o defunto. Abaixou, tirou a carteira do cadaver porém só tinha cartão-de-visita. Então resolveu levar o defunto prá pensão, fez. Carregou Macunaíma nas costas e foi andando. Porém o defunto pesava por demais e o advogado viu que não podia com o pêso. Então arreou o cadaver e deu uma coça de vara nele. O defunto ficou levianinho e o advogado Fulano pode leva-lo prá pensão.



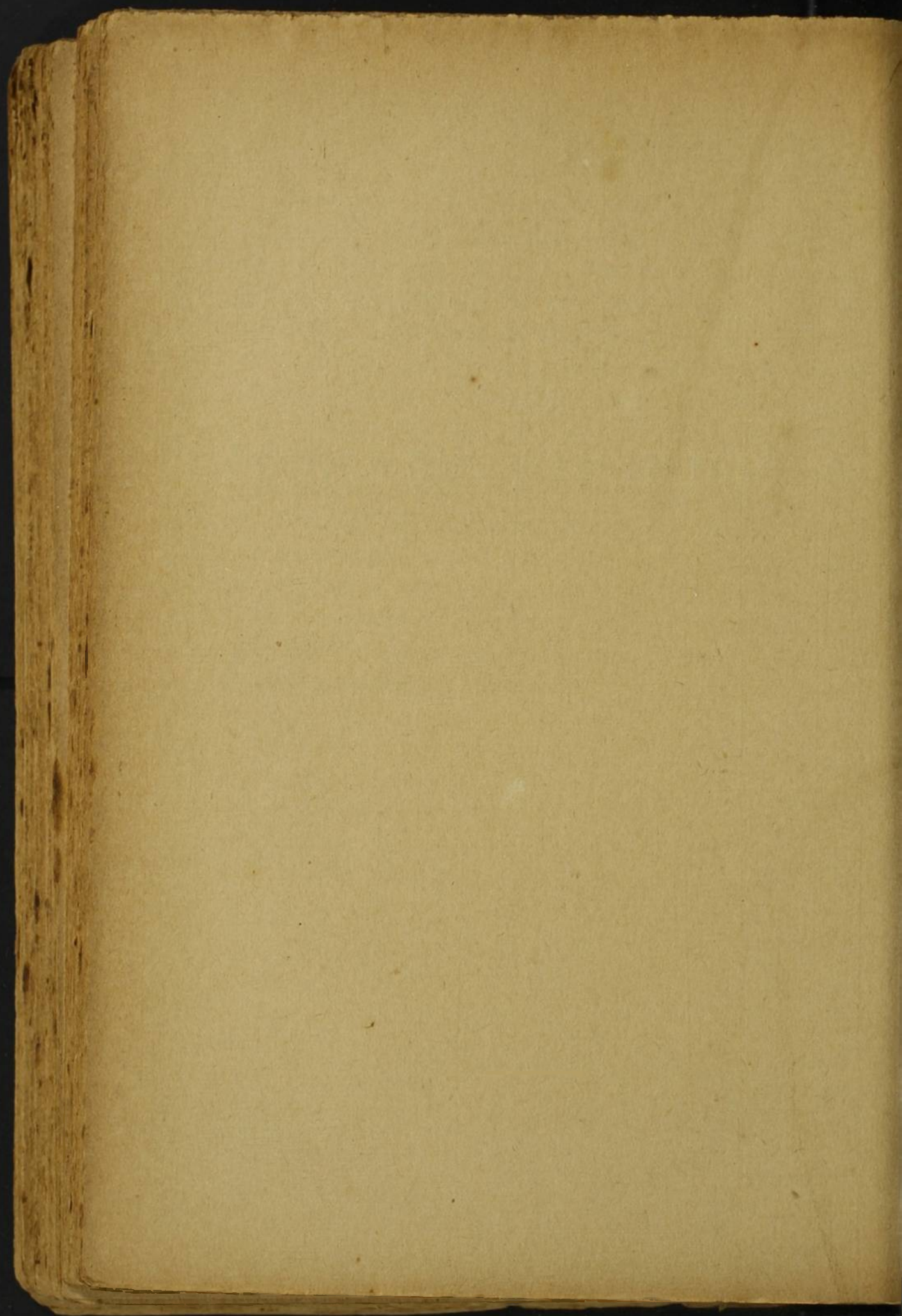
Maanape chorou muito se atirando sobre o corpo do mano. Depois descobriu o esmagamento. Maanape era feiticeiro. Logo pediu de emprestado pra patroa dois cocos-da-Baía, amarrou-os com nó-cego no lugar dos toaliquiçús amassados e assoprou fumaça de cachimbo no defunto herói. Macunaíma foi se erguendo muito desmerecido. Deram guaraná pra êle e d'aí a pouco matava sozinho as formigas que inda o mordiam. Estava tremendo muito porque por causa da chuvarada a friagem batera de repente. Macunaíma tirou a garrafinha do bolso e bebeu o resto da pinga pra esquentar. Depois pediu uma centena pra Maanape e foi até um chalé jogar no bicho. De-tarde quando viram, a centena tinha dado mesmo. E assim êles viveram com os palpites do mano mais velho. Maanape era feiticeiro.



XIII

A PIOLHENTA DO JIGUÊ







No outro dia por causa da machucadura Macunaíma amanheceu com uma grosseira pelo corpo todo. Foram ver e era a erisipa, doença comprida. Os manos trataram dele bem e traziam diariamente pra casa todos êsses remédios pra erisipela que os vizinhos e conhecidos, todos êsses Brasileiros aconselhavam. O herói passou uma semana de cama. De noite sonhava sempre com embarcações e a dona da pensão quando vinha de-manhã por amor de saber como ia o herói dizia sempre que embarcação significava na certa viagem por mar. Depois saía deixando sobre a cama do enfêrmo o Estado de São Paulo. E o Estado de São Paulo era um jornal. Então Macunaíma gastava o dia lendo todos êsses anúncios de remédios pra erisipa. E eram muitos anúncios!

No fim da semana o herói estava descascando bem e foi na cidade buscar sarna pra se coçar. Andou banzando banzando, e muito fatigado por causa da fraqueza parou no parque do Anhangabaú. Chegara bem debaixo do monumento a Carlos Gomes que fôra um músico muito célebre e agora era uma estrelinha



do céu. O ruído da fonte murmurando na tardinha dava pro herói a visagem das aguas do mar. Macunaíma sentou no parapeito da fonte e assuntou os baguais marinhos de bronze chorando agua. E lá na escuriza da gruta por detrás da tropilha presenciou uma luz. Fixou mais e distinguiu uma embarcação muito linda que vinha boiando sobre as aguas. «E' uma vigilenga» murmurou. Porém a nau vinha chegando cada vez maior. «E' um gaiola» murmurou. Mas o gaiola vinha chegando tão grande tão! que o herói deu um salto sarapantado e gritou na boca-da-noite ecoada «E' um vaticano!» O navio já vinha bem visível por detrás dos baguais de bronze. Tinha o corte da velocidade no casco de prata e os mastros inclinados pra trás estavam cheios de bandeiras que o vento da correria imprensava entre as laminas de ar. O grito chamara os chofêres da esplanada e todos curioseavam o gesto parado de herói e seguiam o risco do olhar dele batendo na fonte escura.

— Que foi, herói?

— Olha lá!... Olha o vaticano macota que vem vindo sobre as aguas imensas do mar!

— Aonde!

— Por detrás do cavalo de estibordo!

Então todos viram por detrás do cavalo de estibordo o navio chegando. Já estava bem perto e ia passar entre o cavalo e a parede de pedra, já estava na boca da gruta. E era um navio guassú,



— Não é vaticano não! é o tranzatlântico fazendo viagem por mar! gritou um chofêr japonês que já fizera muita viagem por mar. E era um tranzatlântico enorme. Vinha iluminado, relampeava todo de oiro e prata embandeirado e festeiro. Os óculos das cabinas eram colares no casco e nos cinco deques empoleirados corria música entre a gentama dansando mexida no cururú. A choferada comentava:

— E' do Loide!

— Não, é da Hamburgo!

— Vá saindo! tou percebendo! então! E' il piróscafo Conte Verde em vez!

E era o piróscafo Conte Verde sim. E era a Mãe Dagua que vinha bancando piróscafo pra atentar o herói.

— Gente! adeus, gente! Vou prá Europa que é melhor! Vou em busca de Venceslau Pietro Pietra que é o gigante Piaimã comedor de gente! que o herói discursava.

E toda a choferada abraçava Macunaíma se despedindo. O vapor estava ali e Macunaíma já pulara no cáis da fonte pra subir a escadinha do piróscafo Conte Verde. Todos os tripulantes na frente da música acenavam chamando Macunaíma e eram marujos forçados, eram Argentinos finíssimos e eram tantas donas lindíssimas prá gente brincar até enjoar com os balangos das ondas.



— Desce a escadinha, capitão! que o herói exclamou.

Então o capitão tirou o cocar e executou uma letra no ar. E todos, os marujos os Argentinos finíssimos e as cunhãs lindíssimas pra Macunaíma brincar, todos êsses tripulantes soltaram váias macotas caçoando do herói enquanto o navio manobrando sem parar dava a popa prá terra e flexava de novo pro fundo da gruta. E todos aqueles tripulantes viraram doentes com erisipa sempre caçoando do herói. E quando o piróscafo atravessou o estreito entre a parede da gruta e o bagual de bombordo a chaminèzonada guspiu uma fumaçada de pernilongos, de borrachudos mosquitos-pólvora mutucas maribondos cabas potós moscas-de-ura, todos êsses mosquitos afugentando os motoristas.

O herói sentado no rebordo da fonte penava todo mordido e com mais erisipa, mais, todo erisipelado. Sentiu frio e veio febre. Então espantou com um gesto os mosquitos e caminhou prá pensão.

No outro dia Jiguê entrou em casa com uma cunhatã, fez ela engulir tres bagos de chumbo pra não ter filho e os dois dormiram na rede. Jiguê tinha se amulherado. Ele era muito valente. Passava o dia limpando a espingarda e afiando a lamparina. A companheira de Jiguê todas as manhãs ia comprar macacheira pros quatro comerem e se chamava Suzi. Porém Macunaíma que era o namorado da companheira de Jiguê, todos os dias comprava uma lagosta



pra ela, punha no fundo do jamachí e por cima espar-  
ramava a macacheira pra ninguem não maliciar. Suzí  
era bem feiticeira. Quando chegava em casa deixava  
a cesta na saleta e ia dormir pra sonhar. Sonhando  
ela falava pra Jiguê:

— Jiguê, meu companheiro Jiguê, estou sonhando  
que tem lagosta por debaixo da macacheira.

Jiguê ia ver e tinha. Todos os dias era assim e  
Jiguê tendo amanhecido com dor-de-cotovelo descon-  
fiou. Macunaíma percebeu a dor do mano e fez uma  
mandinga pra ver si passava. Pegou numa cúia e de-  
noite deixou-a no terraço, rezando manso:

«Agua do céu  
Vem nesta cúia,  
Paticl vem nesta agua,  
Moposêru vem nesta agua,  
Sivuoímo vem nesta agua,  
Omaispopo vem nesta agua,  
Os Donos da Agua enxotem a dor-de-corno!  
Aracú, Mecumecurí, Paí que venham nesta  
agua,  
E enxotem a dor-de-corno si o doente  
beber esta agua,  
Em que estão encantados os Donos da  
Agua!»



Deu pra Jiguê beber no outro dia porém não surtiu efeito não e o mano andava muito desconfiado.

Quando Suzí se vestia pra ir na feira, assobiava o foxtrote da moda pro namorado ir tambem. O namorado era Macunaíma, ia. A companheira de Jiguê saía e Macunaíma saía atrás. Andavam brincando por aí e quando chegava a hora da volta já não tinha macacheira mais na feira. Pois então Suzí disfarçando ia atrás da casa, sentava no jamachí e puxava uma porção de macacheira de dentro do maissó. Todos comiam muito bem, só Maanape resmungava:

— Caboclo de Taubaté, cavalo pangaré, mulher que mija em pé, libera nós Dominé! e empurrava a comida.

Maanape era feiticeiro. Não queria saber daquela macacheira não e como andava curtindo fome passava o tempo mastigando ipadú pra enganar. De-noite quando Jiguê queria pular na rede a companheira dele principiava gemendo, falando que estava empanzinada de tanto engulir caroço de pitomba. Era só pra Jiguê não brincar com ela. Jiguê teve raiva.

No outro dia ela foi na feira e assobiou o foxtrote da moda. Macunaíma saiu atrás. Jiguê era muito valente. Pegou numa mirassanga enorme e foi devagarinho atrás deles. Procurou procurou e encontrou Suzí com Macunaíma de mãos dadas no jardim da Luz. Já estavam se rindo um pro outro. Jiguê desceu



a mirassanga nos dois, levou a companheira prá pensão e deixou o mano fatigado na beira da lagôa entre cisnes.

Do outro dia em diante Jiguê é que fazia as compras deixando a companheira prêsa no quarto. Suzí sem quefazer passava o tempo contrariando a moralidade mas uma feita o santo Anchieta vindo ao mundo passou pela casa dela e por piedade ensinou-a a catar piolhos. Suzí possuía uns cabelos ruivos á la garçon-ne e sustentava muitos piolhos, muitos! Agora não sonhava mais que tinha lagosta por debaixo da macacheira nem não fazia imoralidades. Quando Jiguê partia ela tirava os cabelos e espetando-os no porrete do companheiro, catava piolhos. Mas tinha muitos piolhos, muitos! Então com medo que o companheiro apanhasse ela no trabalho, falou assim:

— Jiguê, meu companheiro Jiguê, quando você volta do mercado bate primeiro na porta, bate todos os dias uma porção de tempo pra mim ficar contente e ir cozinhar a macacheira.

Jiguê falou que sim. Todos os dias ia no mercado comprar macacheira e quando voltava batia demorado na porta. Então a cunhã botava os cabelos na cabeça e ficava esperando Jiguê.

— Suzí, minha companheira Suzí, bati uma porção de vezes na porta, será que você alegrou?

— Muito! ela fez. E foi cozinhar a macacheira.



E todos os dias era assim. Mas tinha muitos piolhos, muitos! E' que ela contava os catados um por um e por isso os piolhos aumentavam. Uma feita Jiguê matutou no que ficava fazendo a companhia quando êle ia no mercado e teve vontade de assustala, fez. Virou de pernas pro ar e veio andando nas pontas das mãos. Abriu a porta e assustou Suzí. Isso ela gritou botando afobada a cabeleira na cabeça. E os cabelos da testa ficaram no cangote e os cabelos do cangote ficaram na testa escorrendo. Jiguê xingou Suzí de porca e deu nela até escutar alguém subindo a escada. Era Chico vindo de baixo. Então Jiguê parou e foi afiar a bicuda.

No outro dia Macunaíma estava outra vez com vontade de brincar com a companhia de Jiguê. Falou pros manos que ia numa caçada longe porém não foi não. Comprou duas garrafas de licor de butiá catarinense uma dúzia de sanduíches dois abacaxis de Pernambuco e se amoitou no quartinho. Passado tempo saiu de lá e falou pra Jiguê, mostrando o embrulho:

— Mano Jiguê, no fim de muitas ruas, você indo, tem uma fruteira trilhada. Vi um poder de caça, vá ver!

O mano espiou desconfiado pra êle porém Macunaíma disfarçou bem:

— Olhe, tem paca tatú cotia... Minto, cotia não enxerguei nenhuma. Paca tatú, cotia não.



Jiguê emprenhava pelas oiças mesmo, foi logo pegando na espingarda e falou:

— Então vou porém mano jura primeiro que não brinca com minha obrigação.

Macunaíma jurou pela memória da mãe que nem olhava pra Suzí. Então Jiguê tornou a pegar na espingarda-pá e na faca de ponta-tá tatatá e partiu. Macunaíma nem bem Jiguê virou a esquina ajudou Suzí abrindo os embrulhos e botando uma toalha de renda famosa chamada «Ninho de Abelha» cujo papelão fôra roubado em Muriú do Ceará-Mirim pela danada Geracina da Ponta do Mangue. Quando tudo ficou pronto os dois pularam na rede e brincaram. Agora estão se rindo um pro outro. Depois de rirem bastante, Macunaíma falou:

— Desarrolha uma garrafa prá gente beber.

— Sim, ela fez. E beberam a primeira garrafa de licor de butiá que era muito gostoso. Os dois estalaram a língua e pularam na rede outra vez. Brincaram quanto quiseram. Agora estão se rindo um pro outro.

Jiguê andou legua e meia, foi até no fim das ruas, campeou a fruteira uns pares de vezes, muito tempo, jacaré achou? nem êle! Não tinha fruteira nenhuma e Jiguê voltou campeando sempre por todos os fins das ruas. Afinal chegou subiu no quarto e encontrou mano Macunaíma com a Suzí já rindo. Jiguê teve



raiva e deu uma coça na companheira. Agora ela está chorando. Jiguê agarrou o herói e chegou o porrete com vontade nele. Deu que mais deu até Manuel chegar. Manuel era o criado da pensão, um ilheu. Agora o herói está fatigado. E Jiguê que vinha padecendo de fome, então comeu as sanduíches os abacaxis e bebeu o licor de butiá.

Os dois sovados passaram a noite se lastimando. No outro dia Jiguê enfarado pegou na sarabatana e saiu pra ver si encontrava a tal de fruteira. Jiguê era muito bobo. Suzí viu êle sair, enxugou os olhos e falou pro namorado:

— Choremos não.

Então Macunaíma desamarrou a cara e se arranjou pra ir falar com mano Maanape. Jiguê de volta na pensão perguntou pra Suzí:

— Onde anda o herói?

Porém ela estava zangadíssima e principiou assobiando. Então Jiguê agarrou no porrete, se chegou prá companheira e disse muito triste:

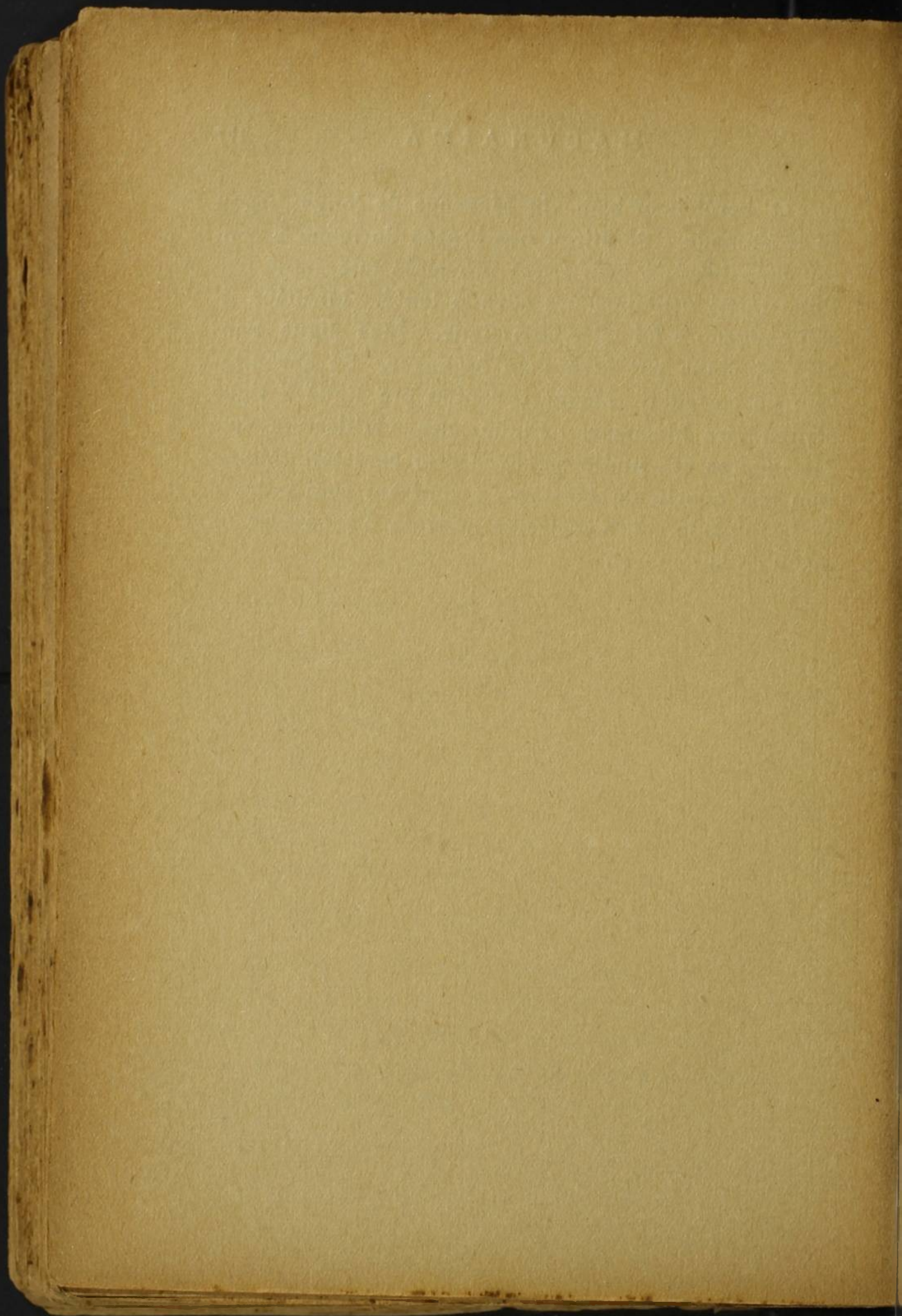
— Vai embora, perdição!

Daí ela sorriu feliz. Catou sem contar todos os piolhos que restavam e eram muitos piolhos, atrelou-os a uma cadeira-de-balanço, sentou nela, os piolhos pularam e Suzí foi pro céu virada na estrêla que pula. E' uma zelação.



O herói nem bem viu Maanape de longe pegou se lastimando. Se atirou nos braços do mano e contou uma história bem triste provando que Jiguê não tinha razão nenhuma pra sova-lo tanto. Maanape ficou zangado e foi falar com Jiguê. Mas Jiguê também já vinha pra falar com Maanape. Se encontraram no corredor. Maanape contou pra Jiguê e Jiguê contou pra Maanape. Então êles verificaram que Macunaíma era muito safado e sem character. Voltaram pro quarto de Maanape e toparam com o herói se lastimando. Pra consolar levaram êle passear na máquina automovel.



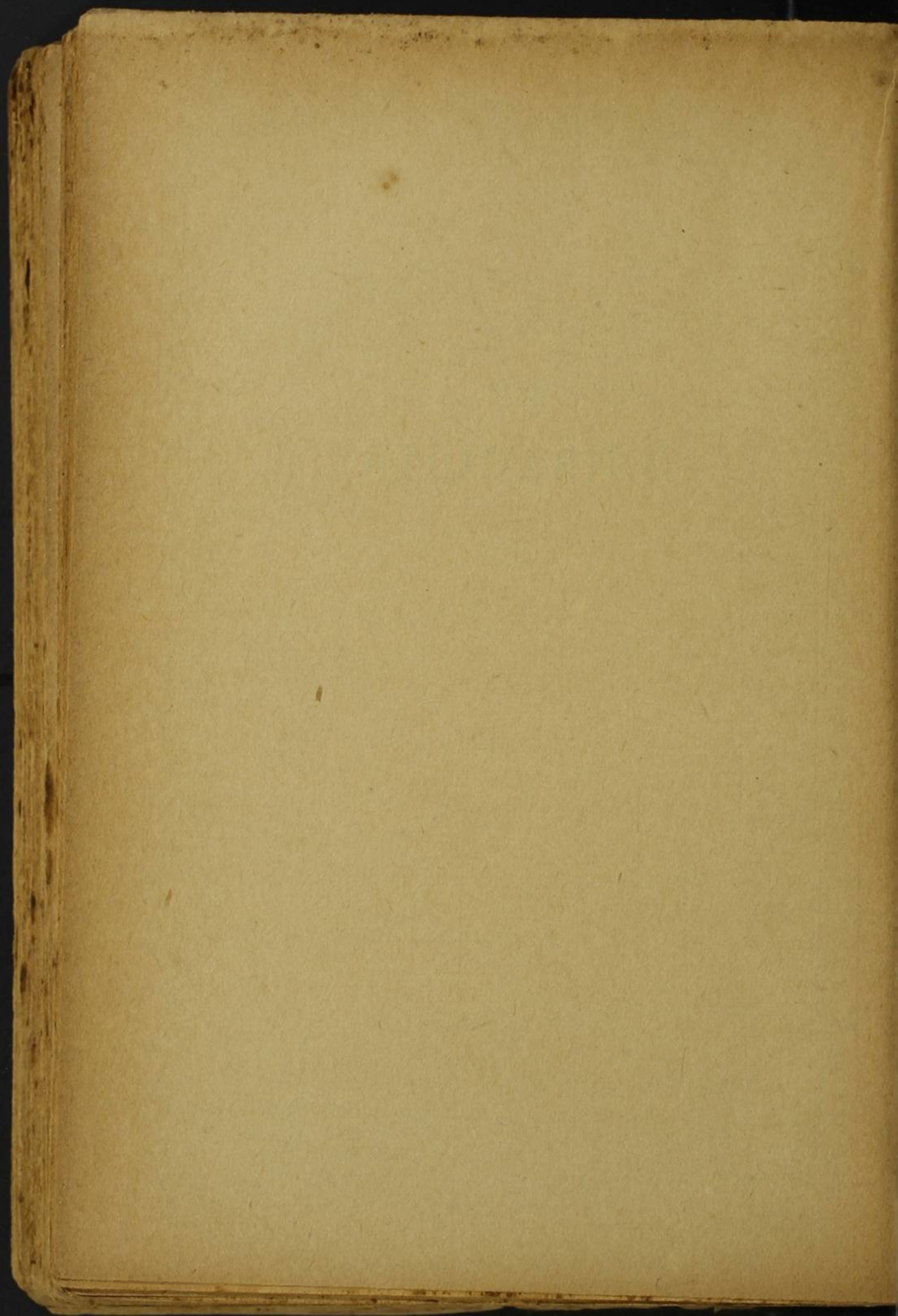




XIV

MUIRAQUITÃ







No outro dia de manhã nem bem Macunaíma abriu a janela, enxergou um passarinho verde. O herói ficou satisfeitíssimo e inda estava ficando satisfeito quando Maanape entrou no quarto contando que as máquinas jornais anunciavam a volta de Venceslau Pietro Pietra. Então Macunaíma resolveu não ter mais contemplação com o gigante e mata-lo. Saiu da cidade e foi no mato Fulano experimentar fôrça. Campeou legua e meia e afinal topou com uma peroba com a sapopemba do tamanho dum bonde. «Esta serve» êle fez. Enfiou o braço na sapopemba, deu arranco e o pau saiu da terra não deixando nem sinal. «Agora sim que tenho fôrça!» Macunaíma exclamou. Tornou a ficar satisfeito e voltou prá cidade. Porém não podia nem andar porque estava cheio de carrapatos. Macunaíma com muita pachorra falou pra êles:

— Ara, carrapatos! vão embora, pessoal! Não devo nada pra vocês não!

Então a carrapatada caiu no chão por encanto e foi-se embora. Carrapato já foi gente que nem nós...



Uma feita botou uma vendinha na beira da estrada e fazia muitos negócios porque não se incomodava de vender fiado. Tanto fiou tanto fiou, tanto Brasileiro não pagou que afinal carrapato quebrou e foi posto pra fóra da vendinha. Ele agarra tanto na gente porque está cobrando as contas.

Quando Macunaíma chegou na cidade já era noite fechada e êle foi logo tocaiar a casa do gigante. Tinha neblina sobre o mundo e a casa estava sem ninguém de tanta que era a escuraleza. Macunaíma se lembrou de procurar uma criada pra brincar mas tinha estacionamento das máquinas taxis na esquina e as cunhãs já estavam brincando por aí. Macunaíma se lembrou de armar arapuca pros curiós mas faltava isca. Não havia que fazer e sentiu sono. Porém dormir não queria não porque estava esperando Veneslau Pietro Pietra. Imaginou: «Agora vou vigiar e quando Sono vier enforco êle». Não demorou muito viu um vulto chegando. Era Emoron-Pódole, o Pai do Sono. Macunaíma ficou muito parado entre os ninhos de cupim pra não espantar o Pai do Sono e poder mata-lo. Emoron-Pódole veio vindo veio vindo e quando já estava pertinho, o herói cochilou, bateu com o queixo no peito, mordeu a língua e gritou:

— Que susto!

O Sono fugiu logo. Macunaíma seguiu andando muito desapontado. «Ora veja só! não peguei mas quasi... Vou esperar outra vez e macacos me lam-



bam si agora não pego o Pai do Sono e enforco êle!» Assim que o herói refletiu. Tinha um corgo perto com um pau caído por cima servindo de pinguela. Mais pra longe uma lagôa branquejava de luar porque a neblina já tinha ido-se embora. A vista era quieta e muito suave por causa da agüinha cantando o acalanto dos pobres. O Pai do Sono devia de estar amoitado por ali. Macunaíma cruzou os braços e com o ôlho esquerdo dormindo ficou imovel entre os ninhos de cupim. Não demorou muito enxergou Emoron-Pódole chegando. O Pai do Sono veio vindo veio vindo e de repente parou. Macunaíma ouviu que êle falava:

— Aquele sujeito não tá morto não. Morto que não arrota onde se viu!

Então o herói arrotou «juque!»

— Onde se viu morto arrotar, gentes! o Sono caçoou e fugiu logo.

Por isso que o Pai do Sono inda existe e os homens por castigo não podem dormir em pé.

Macunaíma ia ficar desapontado com o sucedido quando escutou uma bulha e enxergou do outro lado do corgo um chofêr gesticulando feito chamado. Ficou muito sarapantado e gritou tiririca:

— Isso é comigo, colega! Sou francesa não!

— Sai azar! o rapaz fez.



Então Macunaíma pôs reparo numa criadinha com um vestido de linho amarelo pintado com extrato de tatajuba. Ela já ia atravessando o corgo pelo pau. Depois dela passar o herói gritou prá pinguela:

— Viu alguma coisa, pau?

— Vi a graça dela!

— Quá! quá! quá quaquá!...

Macunaíma deu uma grande gargalhada. Então seguiu atrás do par. Eles já tinham brincado e descansavam na beira da lagôa. A moça estava sentada na borda duma igarité encalhada na práia. Toda nua inda do bando comia tambíús vivos, se rindo pro rapaz. Ele deitara de bruços na agua rente dos pés da moça e tirava os lambarizinhos da lagôa pra ela comer. A crilada das ondas amontava nas costas dele porém escorregando no corpo nú molhado caia de novo na lagôa com risadinhas de pingos. A moça batia com os pés nagua e era feito um repuxo roubado da Luna espirrando jeitoso, cegando o rapaz. Então êle enfiava a cabeça na lagôa e trazia a boca cheia de agua. A moça apertava com os pés os bochechas dele e recebia o jato em cheio na barriga, assim. A brisa fiava a cabeleira da moça esticando de um em um os fios lisos na cara dela. O moço pôs reparo nisso. Firmando o queixo no joelho da companheira ergueu o busto da agua, estirou o braço pro alto e principiou



tirando os cabelos da cara da moça pra que ela pudes-  
se comer sossegada os tambiús. Então pra agradecer  
ela enfiou tres lambarizinhos na boca dele e rindo  
muito fastou o joelho depressa. O busto do rapaz não  
teve apôio mais e êle no sufragante focinhou nagua  
até o fundo, a moça inda forçando o pescoço dele com  
os pés. Ela ia escorregando sem perceber de tanta  
graça que achava na vida. Ia escorregando e afinal  
a canôa virou. Pois deixai ela virar! A moça levou  
um tombo engraçado por cima do rapaz e êle enro-  
lou-se nela talqualmente um apuiseiro carinhoso. To-  
dos os tambiús fugiram enquanto os dois brincavam  
nagua outra vez.

Macunaíma chegava. Sentou no fundo da iga-  
rité virada, esperando. Quando viu que êles tinham  
acabado de brincar, falou pro chofêr:

— Faz tres dias que não como,  
Semana que não escarro,  
Adão foi feito de barro,  
Sobrinho, me dá um cigarro.

O chofêr secundou:

— Me desculpe, meu parente,  
Si cigarro não lhe dou;  
A palha o fosfre e o goiano  
Caiu nagua, se molhou.



— Não se incommode que eu tenho, respondeu Macunaíma. Tirou uma cigarreira de tartaruga feita por Antonio do Rosario no Pará, ofereceu cigarros de palha de tauarí pro moço e prá criadinha, acendeu um fosforo pros dois e outro pra êle. Depois afastou os mosquitos e principiou contando um caso. Assim a noite passava depressa e a gente não se amolava com o canto da sururina marcando as horas da escuridão. E era assim:

— No tempo de dantes, moços, o automovel não era uma máquina que nem hoje não, era a onça parda. Se chamava Palauá e parava no grande mato Fulano. Vai, Palauá falou pros olhos dela:

— Vão na práia do mar, meus verdes olhos, depressa depressa depressa!

Os olhos foram e a onça parda ficou cega. Porém levantou o focinho, fez êle cheirar o vento e percebeu que Aimalá-Pódole, o Pai da Traíra estava nadando lá no longe do mar e gritou:

— Venham da práia do mar, meus verdes olhos, depressa depressa depressa!

Os olhos vieram e Palauá ficou enxergando outra vez. Passava por ali a tigre preta que era muito feroz e falou pra Palauá:

— O que você está fazendo, comadre!

— Estou mandando meus olhos olharem o mar.



— E' bom?

— Pros cachorros!

— Então manda os meus tambem, comadre!

— Mando não porque Aimalá-Pódole está na práia do mar.

— Manda que sinão te engulo, comadre!

Então Palauá falou assim:

— Vão na práia do mar, amarelos olhos de minha comadre tigre, depressa depressa depressa!

Os olhos foram e a tigre preta ficou cega. Aimalá-Pódole estava lá e juque! enguliu os olhos da tigre. Palauá maliciou tudo porque o Pai da Traíra estava cheirando mui forte. Foi tratando de se raspar. Porém a tigre preta que era mui feroz presenciou a fugida e falou prá onça parda:

— Espera um pouco, comadre!

— Não vê que careço de buscar janta pra meus filhos, comadre. Então até outro dia.

— Primeiro manda meus olhos voltarem, comadre, que já tomei um fartão de escureza.

Palauá gritou:

— Venham da práia do mar, amarelos olhos de minha comadre tigre, depressa depressa depressa!



Porém os olhos não voltaram não e a tigre preta ficou feito fúria.

— Agora que te engulo, comadre!

E correu atrás da onça parda. Foi uma chispada mãe por êsses matos que chii! os passarinhos se tornaram pequetitinhos pequetitinhos de medo e a noite levou um susto tamanho que ficou paralítica. Por isso que quando faz dia em riba das árvores, dentro do mato é sempre noite. A coitada não pode mais andar...

Quando Palauá correu legua e meia olhou pra trás fatigada. A tigre preta vinha perto. Vai, Palauá chegou num morro chamado Ibirãoiaba e topou com uma bigorna gigante, aquela uma que pertencia á fundição de Afonso Sardinha no princípio da vida brasileira. Junto da bigorna estavam quatro rodas esquecidas. Então Palauá amarrou elas nos pés pra poder deslizar sem muito esforço e, como se diz: desatou o punho da rede outra vez, uma chispada mãe! A onça enguliu num átimo legua e meia de terreno porém isso vinha que vinha acochada pela tigre. Faziam um barulhão tamanho que os passarinhos estavam pequetitinhos pequetitinhos de medo e a noite mais pesada por causa que não podia andar. E a bu-lha inda era assombrada pelos gemidos do noitibó... Noitibó é Pai da Noite, moços, e chorava a miséria da filha.



Bateu fome em Palauá. A tigre na cola dela. Mas Palauá nem não podia mais correr assim com o estômago nas costas, vai, em de mais longe quando passou pela barra do Boipeba onde o cuizarrúim morrou, viu um motor perto e enguliu o tal. Nem bem motor caiu na barriga da onça que a pobre criou fôrça nova e chispou. Fez legua e meia e olhou pra trás. Isso a tigre preta vinha feita pra cima dela. Estava uma escoreza que só vendo por causa da malinconia da noite e bem na frente dum feixo a onça deu uma trombada temível no derrame dum morrete, que por um triz, era uma vez Palauá! Vai, ela abocanhôu dois vagalumões e seguiu com êles nos dentes pra alumiar caminho. Nem bem fez outra legua e meia olhou pra trás. A tigre junto. Era por causa que a onça parda cheirava muito e a peste da cega tinha faro de perdigueiro. Vai, Palauá ingeriu um purgante de olio de mamona, pegou numa lata da essência chamada gasolina, despejou no x e lá foi fuomfuom! fuom! que nem burro peidorreiro por aí. A bulha foi tamanha que nem se escutou o tinido assombrado dos pratos partidos do morro do Assobio ali. A tigre preta ficou toda atrapalhada por causa que era cega e não cheirava mais a catinga da comadre. Palauá correu mais muito e olhou pra trás. Não enxergou a tigre. Também nem não podia mais correr com as fuças fumegando de quentura. Tinha ali perto um bananal macota com um pauê na faixa porque Palauá já tinha chegado no porto de Santos. .Vai, a bicha



derramou agua cansada no focinho e desesquentou. Depois cortou uma folha assú de banana-figo e se escondeu botando ela por riba feito capote. Dormiu assim. A tigre preta que era muito feroz até passou por ali, onça nem pio. E a outra passou não presenciando a comadre. Então de medo a onça nunca mais que largou de tudo o que tinha ajudado ela a fugir. Anda sempre com roda nos pés, motor na barriga, purgante de óleo na garganta, agua nas fuças, gasolina no osso-de-Pai-João, os dois vagalhões na bocca e o capote de folha de banana-figo cobrindo, ai ai! prontinha pra chispar. Principalmente si pisa nalguma correição da formiga chamada taxi e alguma trepando no pelame luzido morde a orelha dela, qual! chispa que nem Deus! E inda tomou nome estranho pra disfarçar mais. E' a máquina automovel.

Mas por causa que bebeu agua cansada Palauá teve estupor. Possuir automovel de seu é ter estupor em casa, moços.

Dizem que mais tarde a onça pariu uma ninhada enorme. Teve filhos e filhas. Uns machos outros fêmeas. Por isso que a gente fala «um forde» e fala «uma chevrolé»...

Tem mais não.»

Macunaíma parou. Chorava comoção pela boca dos moços. Sobre as aguas a fresca boiava de barri-



ga pro ar. O rapaz mergulhou a cabeça pra disfarçar a lágrima e trouxe um tambiú nos dentes rabejando danadinho. Repartiu a comida com a moça. Então lá na porta da casa uma onça fiata abriu a guela e urrou prá Lua:

— Baúa! Baúa!

Se escutou uma bulha formidável e tomou conta do ar um pitium sufocando. Era Venceslau Pietro Pietra que chegava. O motorista se ergueu logo e a criada também. Estenderam a mão pra Macunaíma, convidando:

— Seu gigante chegou de viagem, vamos todos saber como está?

Fizeram. Encontraram Venceslau Pietro Pietra na porta-da-rua conversando com reporter. O gigante riu pros tres e falou pro motorista:

— Vamos lá dentro?

— Pois não!

Paiamã possuía orelhas furadas por causa dos brincos. Enfiou uma perna do rapaz na orelha direita, a outra na esquerda e foi carregando o moço nas costas. Atravessaram o parque e entraram na casa. Bem no meio do hol de acapú mobiliado com sofás de cipó-titica feitos por um judeu alemão de Manaus, se via um buraco enorme tendo por cima um cipó de japecanga feito balanço. Paiamã sentou o moço no



cipó e perguntou pra êle si queria balançar um bocadinho. O moço fez que sim. Piaimã balançou balançou, de repente deu um arranco. Japecanga tem espinho... Os espinhos entraram na carne do chofêr e principiou escorrendo sangue no buraco.

— Chega! já estou satisfeito! que o chofêr gritava.

— Balança que vos digo! secundava Piaimã.

Sangue escorrendo. A caapora companheira do gigante estava lá em baixo do buraco e o sangue pingava numa tachada de macarrão que ela preparava pro companheiro. O rapaz gemia no balanço:

— Ah, si eu possuísse meu pai e minha mãe a meu lado não estava padecendo nas mãos dêste malvado!...

Então Piaimã deu um arranco muito forte no cipó e o rapaz caiu no mólho da macarronada.

Venceslau Pietro Pietra foi buscar Macunaíma. O herói já estava se rindo com a criadinha. O gigante falou pra êle:

— Vamos lá dentro?

Macunaíma estendeu os braços sussurrando:

— Ah!... que preguiça!...

— Ora vamos!... Vamos?



— Pois sim...

Então Piaimã fez pra êle como fizera pro cho--fêr, carregou o herói nas costas de cabeça pra baixo prendidos os pés nos buracos das orelhas. Macunaíma aprumou a sarabatana e assim de cabeça pra baixo era ver um atirador malabarista de circo, acertando nos ovinhos do alvo. O gigante ficou muito incomodado virou e percebeu tudo.

— Faz isso não, patrício!

Tomou a sarabatana e jogou longe, Macunaíma agarrava quanto ramo caía na mão dele.

— Que você está fazendo? perguntou o gigante resabiado.

— Não vê que os ramos estão batendo na minha cara!

Piaimã virou o herói de cabeça pra cima. Então Macunaíma fez coegas com os ramos nas orelhas do gigante. Piaimã dava grandes gargalhadas e pulava de gôso.

— Não amola mais, patrício! êle fez.

Chegaram no hol. Por debaixo da escada tinha uma gaiola de ouro com passarinhos cantadores. E os passarinhos do gigante eram cobras e lagartos. Macunaíma pulou na gaiola e principiou muito disfarçado comendo cobra. Piaimã convidava-o pra vir no balanço porém Macunaíma engulia cobras contando:

— Falta cinco...



E engulia mais outra bicha. Afinal as cobras se acabaram e o herói cheio de raiva desceu da gaiola com o pé direito. Olhou cheio de raiva pro gatuno da muiraquitã e rosnou:

— Hhmm... que preguiça!

Mas Piaimã insistia pro herói balangar.

— Eu até que nem não sei balançar... Melhor você vai primeiro, que Macunaíma rosnou.

— Que eu nada, herói! E' facil que nem beber agua! Assuba na japecanga, pronto: eu balanço!

— Então aceito porém você vai primeiro, gigante.

Paimã insistiu mas êle sempre falando pro gigante balançar primeiro. Então Venceslau Pietro Pietra amontou no cipó e Macunaíma foi balançando cada vez mais forte. Cantava:

«Bão-ba-lão  
Senhor capitão,  
Espada na cinta  
Ginete na mão!»

Deu um arranco. Os espinhos ferraram na carne do gigante e o sangue espirrou. A caapora lá em baixo não sabia que aquela sangueira era do gigante dela e aparava a chuva na macarronada. Mólho engrossando.

— Para! Para! Piaimã gritava.

— Balança que vos digo! secundava Macunaíma.



Balançou até o gigante ficar bem tonto e então deu um arranco fortíssimo na japecanga. Era porque tinha comido cobra e estava furibundo. Venceslau Pietro Pietra caiu no buraco berrando cantado:

— Lem lem lem... si desta escapar, nunca mais como ninguém!

Enxergava a macarronada fumegando lá em baixo e berrou pra ela:

— Afasta que vos engulo!

Porém jacaré fastou? nem tacho! O gigante caiu na macarronada fervendo e subiu no ar um cheiro tão forte de couro cozido que matou todos os ticoticos da cidade e o herói teve uma sapituca. Piaimã se debateu muito e já estava morre-não-morre. Num esforço gigantesco inda se ergueu no fundo do tacho. Afastou os macarrões que corriam na cara dele, revirou os olhos pro alto, lambeu a bigodeira:

— Falta queijo! exclamou...

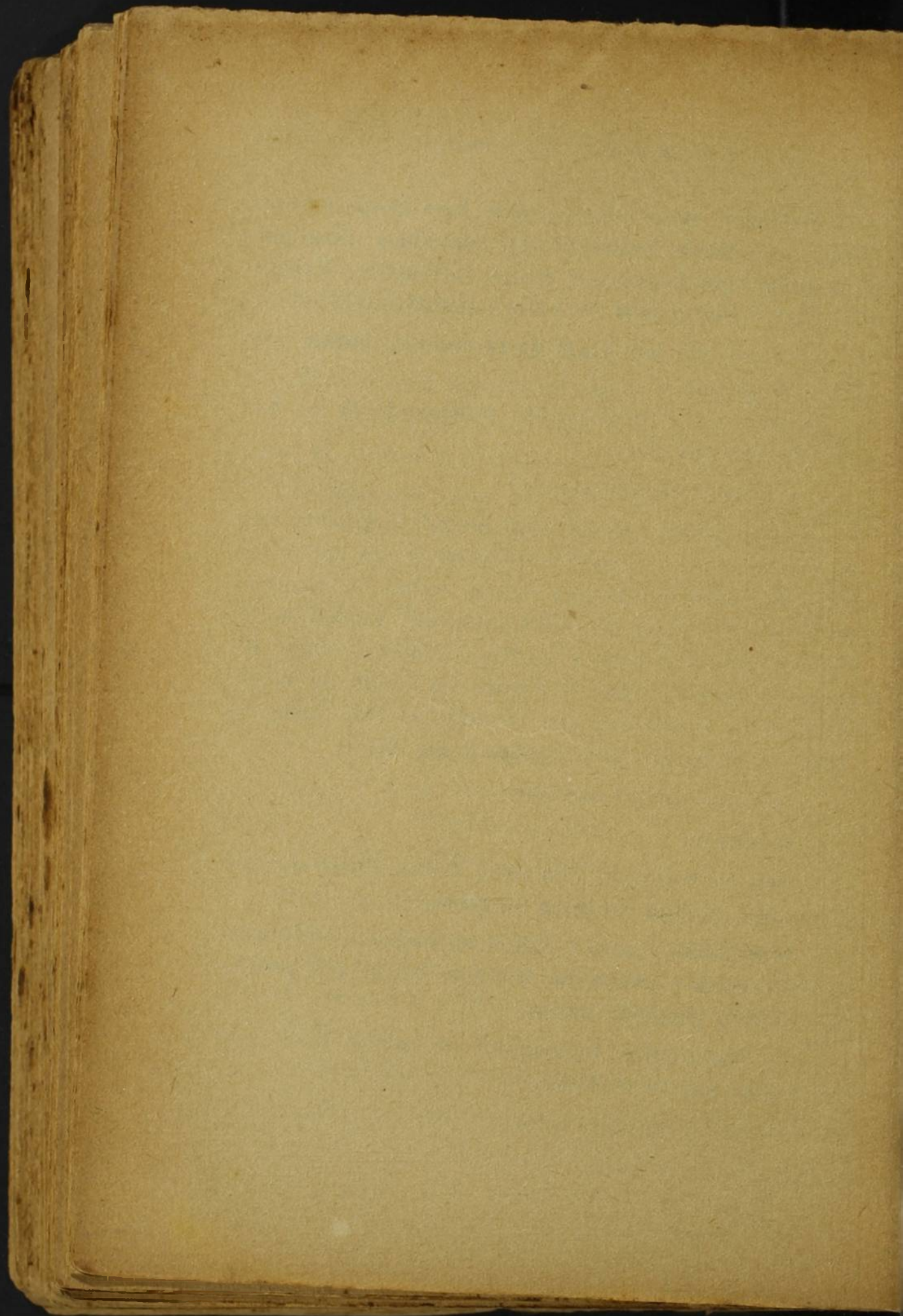
E faleceu.

Este foi o fim de Venceslau Pietro Pietra que era o gigante Piaimã comedor de gente.

Macunaíma quando voltou da sapituca foi buscar a muiraquitã e partiu na máquina bonde prá pensão. E chorava gemendo assim:

— Muiraquitã, muiraquitã de minha bela, vejo você mas não vejo ela!...



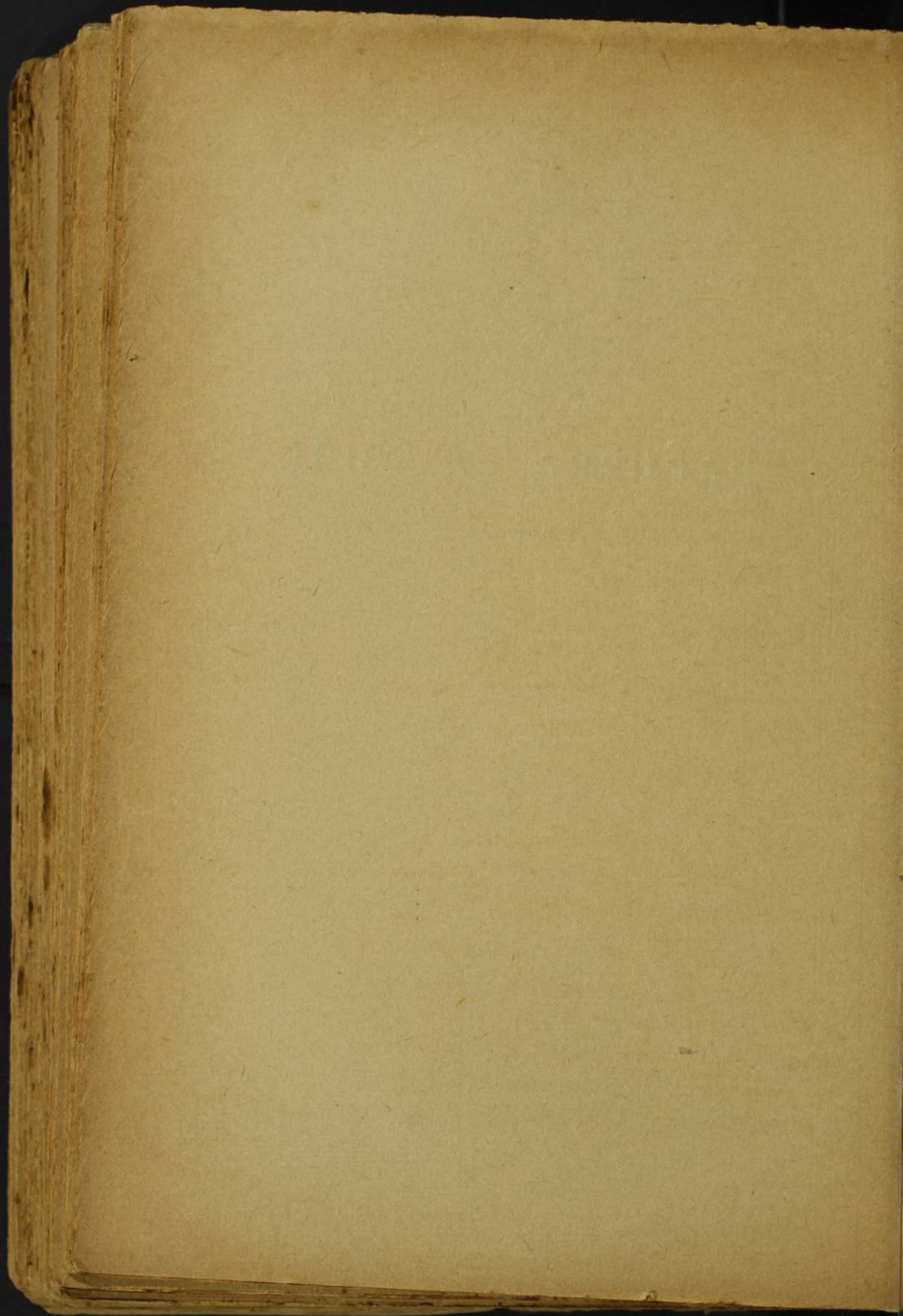




XV

A PACUERA DE OIBÊ







Então os tres manos voltaram prá querência deles.

Estavam satisfeitos porém o herói inda mais contente que os outros porque tinha os sentimentos que só um herói pode ter: uma satisfa imensa. Partiram. Quando atravessaram o pico do Jaraguá Macunaíma virou pra trás contemplando a cidade macota de São Paulo. Maginou sorumbático muito tempo e no fim sacudiu a cabeça murmurando:

— Pouca saúde e muita saúva, os males do Brasil são...

Enxugou a lágrima, concertou o beicinho tremendo. Então fez um caborge: Sacudiu os braços no ar e virou a taba gigante num bicho preguiça todinho de pedra. Partiram.

Depois de muito refletir, Macunaíma gastara o arame derradeiro comprando o que mais o entusiasmara na civilização paulista. Estavam ali com êle o revolver Smith-Wesson o relógio Pathek e o casal de galinha Legorne. Do revolver e do relógio Macunaí-



ma fizera os brincos das orelhas e trazia na mão uma gaiola com o galo e a galinha. Não possuía mais nem um tostão do que ganhara no bicho porém lhe balançando no beíço furado pendia a muiraquitã.

E por causa dela tudo ficara mais fácil. Desciam de rodada o Araguáia e quando Jiguê remava Maana-pe manejava o João-de-pau. Se sentiam marupiaras outra vez. Pois então Macunaíma adestro na prôa tomava nota das pontes que carecia construir ou concertar pra facilitar a vida do povo goiano. Noite chegada, enxergando as luzinhas dos afogados sambando manso nas ipueiras da cheia, Macunaíma olhava olhava e adormecia bem. Acordava esperto no outro dia e erguido na prôa da igarité com o argolão da gaiola enfiado no braço esquerdo, repinicava na violinha botando a boca no mundo cantando saudades da que-rência, assim:

Antianti é tapejara,

— Pirá-uauau,

Ariramba é cozinheira,

— Pirá-uauau,

Taperá, onde a tapera

Da beira do Uraricoera?

— Pirá-uauau...

E o olhar dele espichando espichando descia a pele do rio em busca dos pagos da infância. Descia e



cada cheiro de peixe cada môita de craguatá cada tudo, punha entusiasmo nele e o herói botava a boca no mundo feito maluco fazendo emboladas e traçados sem sentido:

Taperá tapejara,  
— Caboré,  
Arapassú passoca,  
— Caboré,  
Manos, vamos-se embora  
Prá beira do Uraricoera!  
— Caboré!

As aguas araguáias murmurejavam chamando a reta da igarité com gemidinho e lá do longe vinha a cantiga, pequentada das uiaras. Vei, a Sol, dava lambadas no costado relumeando suor de Maanape e Jiguê remeiros e no cabeludo corpo em pé do herói. Era um calorão molhado fazendo fogo no delírio dos tres. Macunaíma se lembrou que era imperador do Mato-Virgem. Riscou um gesto na Sol, gritando:

— Eropita boiamorebo!

Logo o céu se escurentou de sopetão e uma nuvem ruivor subiu do horizonte entardecendo a calma do dia. A ruivor veio vindo veio vindo e era o bando de araras vermelhas e jandáias, todos êsses faladores, era o papagaio-trombeta era o papagaio-curraleiro era o periquito cutapado era o xará o peito-roxo o ajurú-curau o ajurú-curica arará ararica araraúna ararái ara-



guaí arara-taua maracanã maitaca arara-piranga cá-torra teriba camiranga anaca anapura canindés tuíns periquitos, todos êsses, o cortejo sarapintado de Macunaíma imperador. E todos êsses faladores formaram uma tenda de asas e de gritos protegendo o herói do despeito vingarento da Sol. Era uma bulha de aguas deuses e passarinhos que nem se escutava mais nada e a igarité meio parava atordoada. Mas Macunaíma assustando os legornes riscava de quando em vez um gesto diante de tudo e gritava:

— Era uma vez uma vaca amarela, quem falar primeiro come a bosta dela! Dem-de-lem chegou!

O mundo ficava mudo não falando um isto e o silêncio vinha amulegar a mornidão da sombra na igarité. E se escutava lá no longe lá no longe baixinho baixinho o ruidejar do Uraricoera. Então dava mais entusiasmo no herói. A violinha repinica tremida. Macunaíma pigarreava atirando gusparadas no rio e enquanto o guspe afundava transformado em mata-matás nojentos, o herói botava a boca no mundo feito maluco sem nem saber o que cantava, assim:

Panapaná pá-panapaná,

Panapaná pá - panapanema:

Papa de papo na popa,

— Maninha,

Na beira do Uraricoera!



Depois a boca-da-noite enguliu todas as bulhas e o mundo adormeceu. Tinha só Capêi, a Lua, enorme de gorda, rechonchuda que nem cara das polacas depois duma noite daquelas, puxavante! quanta sacanagem feliz quanta cunhã bonita e quanto cachiri!... Então Macunaíma teve saudades do sucedido na taba grande paulistana. Viu todas aquelas donas de pele alvinha com quem brincara de marido e mulher, foi tão bom!... Sussurrou docemente: «Mani! Mani! filhinhas da mandioca!»... Deu um tremor comovido no beijo dele que quasi a muiiraquitã cai no rio. Macunaíma tornou a enfiar o tembetá no beijo. Então pensou muito sério na dona da muiiraquitã, na briguenta, na diaba gostosa que batera tanto nele, Ci. Ah! Ci, Mãe do Mato, marvada que tornara-se inesquecível porque fizera êle dormir na rede tecida com os cabelos dela!... «Quem tem seus amores longe, passa trabalhos trianos...» parafusou. Que caborge da marvada!... E estava lá no campo do céu banzando nuns trinqes toda enfeitada passeando brincando quem sabe com quem... Teve ciumes. Ergueu os braços pro alto assustando os legornes e rezou pro Pai do Amor:

Rudá! Rudá!

Tu que estás no céu

E mandas nas chuvas.

Rudá! faz com que minha amada

Por mais companheiros que arranje



Ache que todos são frouxos!  
Assopra nessa marvada  
Sodades do seu marvado!  
Faz com que ela se lembre de mim amanhã  
Quando a Sol for-se embora no poente!...

Olhou bem pro ar. Não tinha Ci não, Capêi só, gordanchona, tomando tudo. O herói deitou de comprido na igarité, fez um cabeceiro da gaiola e adormeceu entre maruíns piúns muriçocas.

A noite já estava amarelando quando Macunaíma acordou com os gritos dos viras num bambuzal. Assuntou a vista e deu um pulo na práia, falando pra Jiguê:

— Espera um bocadinho.

Entrou no mato bem, legua e meia. Foi buscar a linda Iriquí, companheira dele que já fôra companheira de Jiguê e esperava se enfeitando e coçando mucuím assentada nas raizes da samaúma. Os dois se festejaram, muito brincaram e vieram prá igarité.

Quando foi ali pelo meio-dia a papagaiada se estendeu de novo resguardando Macunaíma. E assim por muitos dias. Uma tarde o herói estava muito enfarado e se lembrou de dormir em terra firme, fez. Nem bem pisou na práia e se ergueu na frente dele um monstro. Era o bicho Pondê um jucurutú do Solimões que virava gente de-noite e engulia os estra-



deiros. Porém Macunaíma pegou na flexa que tinha na ponta a cabeça chata da formiga santa chamada curupê e nem fez pontaria, acertou que foi uma beleza. O bicho Pondê estourou virando coruja. Mais pra diante depois de atravessado um chato quando subia por um espigão cheio de crocas topou com o monstro Mapinguarí macaco-homem que anda no mato fazendo mal prás moças. O monstro agarrou Macunaíma porém o herói tirou o toaquiçú pra fóra e mostrou pro Mapinguarí.

— Não confunde não, parceiro!

O monstro riu e deixou Macunaíma passar. O herói andou legua e meia procurando um pouso sem formiga. Subiu na ponta dum cumarú de quarenta metros e afinal depois de muito campcar descobriu uma luzinha longe. Foi lá e topou com um rancho. E era o rancho de Oibê. Macunaíma bateu e uma vozica mui doce gemeu de lá dentro:

— Quem vem lá!

— E' de paz!

Então a porta se abriu e apareceu um bicho tamanho que sarapantou o herói. Era o monstro Oibê o minhocão temível. O herói sentiu friagem por dentro mas se lembrou do smith-wesson, criou coragem e pediu pousada.

— Entre que a casa é sua.



Macunaíma entrou, sentou numa canastra e ficou assim. Afinal perguntou:

— Vamos conversar?

— Vamos.

— Sobre o quê?

Oibê coçou a barbicha matutando e de repente descobriu satisfeito:

— Vamos conversar porcaria?

— Chi! gosto disso que é um horror! o herói exclamou.

E conversaram uma hora de porcariada.

Oibê estava cozinhando a comidinha dele. Macunaíma não tinha fome nenhuma porém botou a gaiola no chão e só de embusteiro esfregando a mão na barriga fez:

— Juque!

Oibê resmungou:

— Que é isso, gente!

— E' fome é fome!

Oibê pegou numa gamela, botou cará com feijão dentro, encheu uma cúia com farinha-dagua e ofereceu pro herói. Mas não deu nem um tiquinho de pacuera assando no espêto de canela de sassafraz e aromando bem. Macunaíma enguliu tudo sem mastigar e não tinha fome nenhuma porém a boca dele ficou cheia



de agua por causa da pacuera assando. Esfregou a mão na barriga e fez:

— Juque!

Oibê resmungou:

— Que é isso, gente!

— E' sêde é sêde!

Oibê pegou no balde e foi buscar agua no poço. Enquanto ia, Macunaíma tirou a canela de sassafraz das brasas enguliu a pacuera inteira sem mastigar e ficou bem sossegado esperando. Quando o minhocão trouxe o balde Macunaíma bebeu um côco cheio. Depois se espreguiçando suspirou:

— Juque!

O monstro se sarapantou:

— Que mais que é, gente!

— E' sono é sono!

Então Oibê levou Macunaíma pro quarto-de-hóspedes deu boa-noite e fechou a porta por fóra. Foi cear. Macunaíma botou a gaiola num canto, cobrindo o casal de galinhas com umas chitas. Assuntou o quarto bem. Tinha uma bulhinha sem parada vinda de todos os lados. Macunaíma bateu a pedra do isqueiro e viu que eram baratas. Trepou assim mesmo na rede não sem espiar mais uma vez si não faltava nada pros legornes. O casal estava até bem satisfeito comendo barata. Macunaíma se riu pra êle, arrotou e



adormeceu. D'aí a pouco estava coberto de baratas lambendo.

Quando Oibê pôs reparo que Macunaíma tinha comido a pacuera, teve raiva. Agarrou num sininho, se embrulhou num lençol branco e foi fazer assombração pro hóspede. Mas era só de brincadeira. Bateu na porta e manejou o sininho, de-lem!

— Oi?

— Vim buscar minha pacuera-cuera-cuera-cuera-cuera, de-lem!

Abriu a porta. Quando o herói enxergou a assombração ficou com tanto medo que nem se mexeu. Ele não sabia que era Oibê não. A fantasma vinha vindo:

— Vim buscar minha pacuera-cuera-cuera-cuera-cuera, de-lem!

Então Macunaíma percebeu que não era assombração nada, era mas o monstro Oibê minhocão temível. Criou coragem pegou no brinco da orelha esquerda que era a máquina revolver e deu um tiro na assombração. Porém Oibê não fez caso e veio vindo. O herói tornou a ter medo. Pulou da rede agarrou a gaiola e escafedeu pela janela, jogando baratas no caminho todo. Oibê correu atrás. Mas era só de brincadeira que êle queria comer o herói. Macunaíma desembestara agreste fóra mas isso ia que ia acochado pelo minhocão. Então botou o furabolo na guela, fez cosquinha e lançou a farinha engulida. A farinha



virou num areão e enquanto o monstro pelejava pra atravessar aquele mundo de areia escorregando, Macunaíma fugia. Tomou pela direita, desceu o morro do Estrondo que sôa de sete em sete anos seguiu por uns caponetes e depois de cortar um travessão encapelado fez o Sergipe de ponta a ponta e parou ofegando num agarrado muito pedregoso. Na frente havia uma lapa grande furada por uma furna com um altarcinho dentro. Na boca da socava um frade. Macunaíma perguntou pro frade:

— Como se chama o nome de você?

O frade pôs no herói uns olhos frios e secundou com pachorra:

— Eu sou Mendonça Mar pintor. Desgostoso da injustiça dos homens faz tres seculos que afastei-me deles metendo cara no sertão. Descobri esta gruta ergui com minhas mãos êste altar do Bom Jesus da Lapa e vivo aqui perdoando gente mudado em frei Francisco da Soledade.

— Está bom, Macunaíma falou. E partiu na chispada.

Mas o terreno era cheio de socavas e logo adiante estava outro desconhecido fazendo um gesto tão bobo que Macunaíma parou sarapantado. Era Hercules Florence. Botara um vidro na boca duma furna mirim, tapava e destapava o vidro com uma folha de taioba. Macunaíma perguntou:



— Ara ara ara! Mas você não me dirá o quê que está fazendo aí, siô!

O desconhecido virou pra êle e com os olhos relumeando de alegria falou:

— Gardez cette date: 1927! Je viens d'inventer la photographie!

Macunaíma deu uma grande gargalhada.

— Chi! Isso já inventaram que anos, siô!

Então Hercules Florence caiu estuporado sobre a folha de taioba e principiou anotando com música uma memória científica sobre o canto dos passarinhos. Estava maluco. Macunaíma chispou.

Depois que correu legua e meia olhou pra trás e viu que Oibê já vinha perto. Botou o furabolo na guela e lá foi pro chão todo o cará engulido que virou num tartarugal mexemexendo. Oibê custou pra virar aquela imundície de tartaruga e Macunaíma fugiu. Legua e meia adiante olhou pra trás. Isso Oibê vinha na cola dele. Então tornou a botar o furabolo na guela e lançou que era só feijão e agua. Tudo virou num lamedo cheio de sapos-bois e enquanto Oibê se debatia atravessando aquilo, o herói catava umas minhocas prás galinhas e partia afobado. Ganhou muita dianteira e parou pra descansar. Ficou bem admirado porque tinha corrido tanto que estava outra feita na porta do rancho de Oibê. Resolveu se esconder no pomar. Tinha um pé de carambola e Macunaíma principiou



arrancando ramos do caramboleiro pra se amoitar por debaixo. Os ramos cortados agarraram pingando agua de lágrima e se escutou o lamento do caramboleiro:

Jardineiro de meu pai,  
Não me cortes meus cabelos,  
Que o malvado me enterrou  
Pelo figo da figueira  
Que passarinho comeu...

— Chó chó, passarinho!

Todos os passarinhos choraram de pena gemida nos ninhos e o herói gelou de susto. Agarrou no patuá que trazia entre os berloques do pescoço e traçou uma mandinga. O caramboleiro virou numa princesa muito chique. O herói teve um desejo danado de brincar com a princesa porém Oibê já devia de estar estourando por aí. De-fato:

— Vim buscar minha pacuera-cuera-cuera-cuera-cuera, de-lem!

Macunaíma deu a mão prá princesa e fugiram na disparada. Mais adiante havia uma figueira com a sapopemba enorme. Oibê estava já no calcanhar deles e Macunaíma não tinha tempo mais pra nada. Então se meteu com a princesa no buraco da sapopemba. Mas o minhocão enfiou o braço e inda agarrou a perna do



herói. Ia puxar mas Macunaíma deu uma grande gargalhada de experiência e falou:

— Você está imaginando que pegou minha gâmbia, pegou não! Isso é raiz, bocó!

O minhocão largou. Macunaíma gritou:

— Pois era a perna mesmo bocó-de-mola!

Oibê tornou a enfiar o braço mas o herói já tinha encolhido a perna e o minhocão só achou raiz. Tinha uma garça perto. Oibê falou pra ela:

— Comadre garça, bote sentido no herói. Não deixe êle sair que vou buscar uma enxada pra cavar.

A garça ficou guardando. Quando Oibê já estava longe Macunaíma falou pra ela:

— Então, sua palerma, é assim que se bota sentido num herói! Fique bem perto arregalando os olhos!

A garça fez. Então Macunaíma atirou um punhado de formigas-de-fogo nos olhos dela e enquanto a garça gritava de cega êle saiu do buraco com a princesa e escafederam outra vez. Perto de Santo Antonio do Mato Grosso toparam com uma bananeira e estavam morrendo de fome. Macunaíma falou pra princesa:

— Assobe, come as verdes que são boas e atira as amarelas pra mim.



Ela fez. O herói se fartou enquanto a princesa dansava de cólicas pra êle apreciar. Oibê já vinha chegando e êles desataram o punho da rede outra vez.

Depois de correrem mais legua e meia, enfim chegaram num firme pontudo do Araguáia. Porém a igarité estava abicada bem mais pra baixo na outra margem com Maanape Jiguê a linda Iriquí, todos êsses companheiros dormindo. Macunaíma olhou pra trás. Oibê quasi ali. Então botou o furabolo na guela pela última vez, fez cosquinha e alojou a pacuera nagua. A pacuera virou num periantã muito fofo de ervas. Macunaíma botou a gaiola com jeito no fofo, atirou a princesa lá e dando um arranco na margem com o pé, afastou da práia o periantã que as aguas levaram. Oibê chegou mas os fugitivos iam longe. Então o minhocão que era um lobisomem famoso principiou tremelicando criou rabo e virou cachorro-do-mato. Escancarou a guela desencantada e sahiu da barriga dele uma borboleta azul. Era alma de homem prêsa no corpo do lobo por artes do Carrapatú medonho que para na gruta do Iporanga.

Macunaíma e a princesa brincando desciam a corrente do rio. Agora estão se rindo um pro outro.

Quando passaram rente da igarité os manos se acordaram com os gritos de Macunaíma e foram atrás. Iriquí ficou logo enciumada porque o herói não queria saber mais dela e só brincava com a princesa. E pra ver si reconquistava o herói abriu num bué famoso.



Jiguê teve logo muita pena dela e falou pra Macunaíma ir brincar com Iriquí um poucadinho. Jiguê era muito bobo. Mas o herói que já andava impinimando com Iriquí secundou pra êle:

— Iriquí é muito relambória, mano, mas a princesa, upa! Não dê credito pra Iriquí não! Oi que Sol de inverno chuva de verão choro de mulher palavra de ladrão, eieiei... ninguem não cáia não!

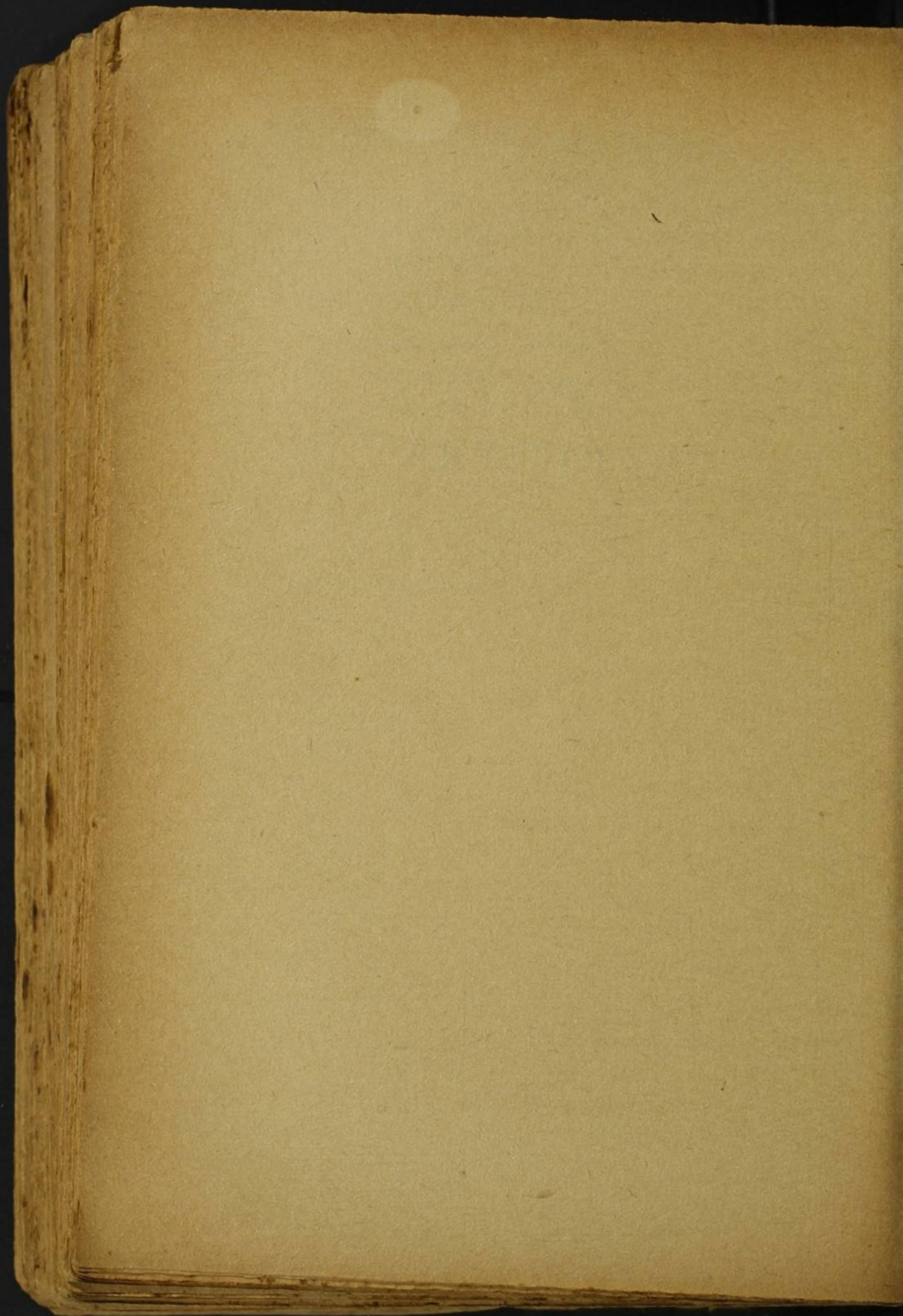
E foi brincar com a princesa. Iriquí ficou triste triste, bem triste, chamou seis araras canindés e subiu com elas pro céu, chorando luz virada numa estrêla. As canindés amarelinhas tambem viraram estrêlas. E' o Setestrêlo.



XVI

URARICOERA







No outro dia Macunaíma amanheceu com muita tosse e uma febrinha sem parada. Maanape desconfiou e foi fazer um cozimento de brôto de abacate, imaginando que o herói estava hético. Em vez era impaludismo, e a tosse viera só por causa da laringite que toda a gente carrega de São Paulo. Agora Macunaíma passava as horas deitado de borco na prôa da igarité e nunca mais que havia de sarar. Quando a princesa não podia mais e vinha pra brincarem, o herói até uma vez recusou suspirando:

— Ara... que preguiça...

No outro dia atingiram as cabeceiras dum rio e escutaram perto o ruidejar do Uraricoera. Era ali. Um passarinho serigaita trepado na munguba, enxergando o farrancho gritou logo:

— Sinhá dona do porto, dá caminho pra mim passar!

Mucunaíma agradeceu feliz. De pé êle assuntava a paisagem passando. Veio vindo o forte São Joaquim erguido pelo mano do grande Marquês. Macunaíma



deu um té-logo pro cabo e pro soldado que só possuíam um naco esfarrapado de culote e o boné na cabeça e viviam guardando as saúvas dos canhões. Afinal ficou tudo conhecidíssimo. Se enxergou o cerro manso que fôra mãe um dia, no lugar chamado Pai da Tocandeira, se enxergou o pauê trapacento malhado de vitórias-régias escondendo os puraquês e os pitiús e pra diante do bebedouro da anta se viu o roçado velho agora uma tiguera e a maloca velha agora uma tapera. Macunaíma chorou.

Abicaram e entraram na tapera. Vinha a boca-da-noite. Maanape com Jiguê resolveram fazer uma fachada pra pegarem algum peixe e a princesa foi ver si topava com algum arezi pra comerem. O herói ficou descansando. Estava assim quando sentiu no ombro um pêso de mão. Virou a cara e olhou. Junto dele estava um velho de barba. O velho falou:

— Quem és tu, nobre estrangeiro?

— Não sou estranho não, conhecido. Sou Macunaíma o herói e vim parar de novo na terra dos meus. Você quem é?

O velho afastou os mosquitos com amargura e secundou:

— Sou João Ramalho.

Então João Ramalho enfiou dois dedos na boca e assoviou. Apareceram a mulher dele e as quinze fa-



mílias de escadinha. E lá partiram de mudança buscando pagos novos sem ninguém.

No outro dia bem cedinho foram todos trabucar. A princeza foi no roçado Maanape foi no mato e Jiguê foi no rio. Macunaíma se desculpou, subiu na montaria e deu uma chegadinha até a boca do rio Negro pra buscar a consciência deixada na ilha de Marapatá. Jacaré achou? nem êle. Então o herói pegou na consciência dum hispanoamericano, botou na cabeça e se deu bem da mesma forma.

Passava uma piracema de jaraquís. Macunaíma agarrou pescando e distraído distraído quando viu estava em Obidos, a montaria cheínha de peixes frescos. Mas o herói foi obrigado a atirar tudo fóra porque em Obidos «quem come jaraquí fica aqui» falam e êle tinha que voltar pro Uraricoera. Voltou e como era ainda o pino do dia deitou na sombra da ingazeira catou os carrapatos e dormiu. Tarde chegando todos voltaram prá tapera só Macunaíma não. Os outros saíram pra esperar. Jiguê se acocorou botando a orelha no chão pra ver si escutava o passinho do herói, nada. Maanape trepou no grêlo duma inajá pra ver si enxergava o brilho dos brincos do herói, nada. Então saíram por mato e capoeira gritando:

-- Macunaíma, nosso mano!...

Nada. Jiguê chegou debaixo da ingazeira e gritou:



— Nosso mano!

— Que foi!

— Você, aposto que já estava dormindo!

— Dormindo nada, então! Estava mas era negaceando um inambu-guassú. Você fez bulha, nhambú escapoliu!

Voltaram. E assim todos os dias Os manos andavam muito desconfiados. Macunaíma percebeu e disfarçou bem:

— Eu caço porém não acho nada não. Jiguê nem caça nem pesca, passa o dia dormindo.

Jiguê teve raiva porque peixe andava rareando e caça inda mais. Foi na praia do rio pra ver si pescava alguma coisa e topou com o feiticeiro Tzaló que tem uma perna só. O catimbozeiro possuía uma cabaça encantada feita com a metade duma cascata de gerimum. Mergulhou a cabaça no rio, encheu de agua até o meio e despejou na praia. Caiu um despropósito de peixe. Jiguê reparou bem como que o feiticeiro fazia. Tzaló largou da cabaça por aí e principiou matando peixe com um porrete. Então Jiguê roubou a cabaça do feiticeiro Tzaló que tem uma perna só.

Mais pra diante fez que nem tinha reparado e veio muito peixe, veio pirandira veio pacú veio cascudo veio bagre jundiá tucunaré, todos esses peixes e Ji-



guê voltou carregado prá tapera depois de esconder a cabaça na raiz do cipó. Todos ficaram sarapantados com aquele mundo de peixe e comeram bem. Macunaíma desconfiou.

No outro dia esperou com o olho esquerdo dormindo que Jiguê fosse pescar, saiu atrás. Descobriu tudo. Quando o mano foi-se embora Macunaíma largou da gaiola com os legornes no chão pegou na cabaça escondida e fez que nem o mano. Isso vieram muitos peixes, veio acará veio piracanjuba veio aviú gurijuba piramutaba mandí surubim, todos êsses peixes. Macunaíma atirou a cabaça por aí, na pressa de matar todos os peixes, cabaça caiu numa lapa e juque! mergulhou no rio. Passava a pirandira chamada Padzá. Imaginou que era abobra e enguliu a cabaça que virou na bexiga de Padzá. Então Macunaíma enfiou a gaiola no braço voltou prá tapera e contou o sucedido. Jiguê teve raiva.

— Cunhada princesa, eu que pesco, seu companheiro fica dormindo em baixo da ingazeira e inda atrapalha os outros!

— Mentira!

-- Então o que você fez hoje?

— Cacei viado.

— Que-dele êle!



— Comi, uai! Fui andando por um caminho, vai, topei rasto dum... catingueiro não era não mas era mateiro. Me agachei e fui no rasto. Olhando olhando, sabe, dei uma cabeçada numa coisa mole, que engraçado! sabem o que era! pois a bunda do viado, gente! (Macunaíma deu uma grande gargalhada.) Viado perguntou pra mim: — Que está fazendo aí, parente!, — Te campeando! secundeí. E vai, matei o catingueiro que comi com tripa e tudo. Vinha trazendo um naco pra vocês, vai, escorreguei atravessando o ipú, dei um tombo, naco foi parar longe e tanajura sujou nele.

A pêta era tamanha que Maanape desconfiou. Maanape era feiticeiro. Chegou bem rente do mano e perguntou:

- Você foi na caça?
- Quer dizer... fui sim.
- O que você caçou?
- Viado.
- Qual!

Maanape fez um grande gesto. O herói piscou de medo e confessou que tudo era lorota.

No outro dia Jiguê estava procurando a cabaça quando topou com o tatú-canastra feiticeiro chamado Caicãe que nunca teve mãe. Caicãe sentado na porta da toca puxou a violinha dele feita com a outra metade da abobra encantada e agarrou cantando assim:



«Vôte vôte coandú!  
Vôte vôte cuatí!  
Vôte vôte taissú!  
Vôte vôte pacarí!  
Vôte vôte cangussú!  
Êh!...»

Assim, Vieram muitas caças. Jiguê reparando. Caicãe atirou a violinha encantada por aí, pegou num porrete e foi matar todo aquele poder de caças que estavam feito bobas. Então Jiguê roubou a violinha do feiticeiro Caicãe que nunca teve mãe.

Mais pra diante cantou que nem tinha escutado e veio um dilúvio de caça parando na frente dele. Jiguê voltou carregado prá tapera depois de esconder a violinha na raiz de outro cipó. Todos tornaram a se espantar e comeram bem. Macunaíma tornou a desconfiar.

No outro dia esperou com o olho esquerdo dormindo que Jiguê partisse, foi atrás. Descobriu tudo. Quando o mano voltou prá tapera Macunaíma pegou na violinha, fez talequal reparara e veio uma imundície de caça, viados cotias tamanduás capivaras tatús aperemas pacas graxains lontras mussuans catetos monos tejús queixadas antas, a anta sabatira, onças, a onça pinima a papa-viado a jaguatirica, sussuarana cangussú pixuna, isso era uma imundície de caças! O herói teve medo daquela bicharada tamanha e saiu



numa carreira mãe pinchando a violinha longe. A gaiola enfiada no braço dele ia batendo nos paus e o galo com a galinha faziam um cacarejo de ensurdecer. O herói imaginava que era a bicharia e disparava mais.

A violinha caiu no dente de um queixada de tinha umbigo nas costas e se partiu em dez vezes dez pedaços que os bichos enguliram pensando que era gerimum. Os pedaços viraram nas bexigas das caças.

O herói estourou tapera a dentro feito um desesperado botando os bofes pela boca. Nem bem ponde respirar contou o sucedido. Jiguê teve ódio e falou:

— Agora que não caço nem pesco mais!

E foi dormir. Todos principiaram curtindo fome. Bem que pediam porém Jiguê pulava na rede e fechava os olhos. O herói jurou vingança. Fingiu um anzol com prêsa de sucurí e falou pro feitiço:

— Anzol de mentira, si mano Jiguê vier experimentar você, então entra na mão dele.

Jiguê não podia dormir de tanta fome e enxergando o anzol falou pro mano:

— Mano, êsse anzol é bom?

— Xispeteó! Macunaíma fez e continuou limpando a gaiola.

Jiguê decidiu ir numa pescaria porque estava mesmo curtindo fome, falou:



— Deixa ver si anzol é bom.

Pegou no feitiço e experimentou na palma da mão. O dente de sucurí entrou na pele e despejou todo o veneno lá. Jiguê correu pro matinho e bem que mastigou e enguliu maniveira, não valeu de nada. Então foi buscar uma cabeça de anhumá que fôra encostada em picada de cobra. Pôs na mão. Não valeu de nada. Veneno virou numa ferida leprosa e principiou comendo Jiguê. Primeiro comeu um braço depois metade do corpo depois as pernas depois a outra metade do corpo depois o outro braço depois o pescoço e a cabeça. Só ficou a sombra de Jiguê.

A princesa teve ódio. E' que ela andava ultimamente brincando com Jiguê. Macunaíma bem que percebeu porém imaginou: «Plantei mandioca nasceu maniva, de ladrão de casa ninguém se priva, paciência!...» E tinha encolhido os ombros. A princesa raivosa falou prá sombra:

— Quando o herói for passear de fome você vira num cajueiro numa bananeira e num churrasco de viado.

A sombra era envenada por causa da lepra e a princesa queria matar Macunaíma.

No outro dia o herói acordou com tanta fome que foi espairecer passeando. Topou com um cajueiro cheio de frutas. Quis comer porém presenciou que era a sombra leprosa e passou adiante. Legua e meia



depois topou com um churrasco de viado fumegando. Já estava roxo de fome porém pôs reparo que o churrasco era a sombra leprosa e passou adiante. Legua e meia depois topou com uma bananeira carregadinha de pencas maduras. Mas agora o herói já estava que vinha vesgo de tanta fome. A vesgueira fez êle enxergar dum lado a sombra do mano e do outro a bananeira.

— Arre que posso comer! fez.

E devorou todas as pencas. E as bananas eram a sombra leprosa de mano Jiguê. Macunaíma ia morrer. Então se lembrou de passar a doença nos outros pra não morrer sozinho. Pegou numa formiga saúva e esfregou bem ela na ferida do nariz, formiga já foi gente que nem nós e a saúva ficou leprosa. Então o herói agarrou a formiga jaguatací e fez o mesmo. Jaguatací ficou leprosa também. Então foi a vez da formiga aquêque devoradora de sementes e da formiga guiquem, da formiga tracuá e da formiga mumbuca bem preta, todas ficaram leprosas. Não tinha mais formigas em redor do herói sentado. Ele ficou com preguiça de estender o braço porque já estava moribundo. Esperou a visita da saúde, criou fôrça e pegou no mosquito biriguí mordendo o joelho dele. Passou a doença no mosquito biriguí. Por isso que agora quando êsse mosquito morde a gente, entra na pele, atravessa o corpo e sai do outro lado



enquanto o furinho de entrada vira na bereva medonha chamada chaga-de-Baurú.

Macunaíma tinha passado a lepra em sete outras gentes e ficou são no sufragante, voltando prá tapeira. A sombra de Jiguê conferiu que o herói era muito inteligente e quis voltar desesperada pra junto da família. Era já de-noite e se confundindo com a escuridão a sombra não achava mais o caminho perto. Sentou numa pedra e berrou:

— Foguinho, cunhada princesa!

A princesa coxeando muito porque estava doente de zamparina veio com um tição alumando caminho. A sombra engoliu o fogo e a cunhada. Berrou de novo:

— Foguinho, mano Maanape!

Maanape veio logo com outro tição alumando caminho. E se arrastava molengo porque barbeiro chupa sangue dele e Maanape está opilado. A sombra engoliu fogo e mano Maanape. Berrou:

— Foguinho, mano Macunaína!

Queria engulir o herói também mas Macunaíma percebendo o que sucedera pro mano e prá companheira encostou a porta e ficou bem quieto na tapeira. A sombra pedia foguinho, pedia porém não recebendo resposta se lastimou até madrugada. Então Capêi apareceu iluminando a terra e a leprosa pôde chegar na ta-



pera. Sentou na cangerana da soleira e esperou o dia para se vingar do mano.

De-manhã inda estava acocorada ali. Macunaíma acordou e escutou. Não se ouvia nada e êle concluiu:

— Arre! Foi-se!

E saiu passear. Quando passou pela porta a sombra trepou no ombro dele. O herói não maliciou nada. Estava padecendo de fome porém a sombra não deixava êle comer. Tudo o que Macunaíma pegava ela engulia, tamorita mangarito inhame biribá cajuí guaimbê guacá uxí ingá bacurí cupuassú pupunha taperebá graviola grumixama, todas essas comidas do mato. Então Macunaíma foi pescar porque agora não tinha mais ninguém que pescasse pra êle não. Mas cada peixe que tirava do anzol e jogava no panelo, a sombra pulava do ombro, engulia o peixe e voltava pro poleiro outra vez. O herói matutou: «Deixa estar que te arranjo!» Quando peixe pegou, Macunaíma fez um esforço heroico, deu um bruto arranco na vara de formas que o impulso fez o peixe ir parar lá na Guiana. A sombra correu atrás do peixe. Então Macunaíma gaviou mato fóra no sentido oposto. Quando a sombra voltou, não achando mais o mano disparou no rasto dele. Depois de correr um pouco, atravessar a terra dos indios tatús-brancos e pegar um susto tamanho que passou sem pedir licença entre a sombra de Jorge Velho e a sombra do Zumbi que estavam discutindo,



o herói fatigadíssimo, olhou pra trás e viu que a sombra já vinha chegando. Estava na Paraíba e tão sem vontade de chispar que parou. Era por causa do herói estar impaludado. Perto havia uns trabalhadores destruindo formigueiros para construir um açude. Macunaíma pediu agua pra êles. Não tinha nem gota porém deram daiz de umbú. O herói matou a sede dos legornes, agradeceu e gritou:

— Diabo leve quem trabalha!

Os trabalhadores estumaram a cachorrada no herói. Isso mesmo que êle queria porque teve medo e chispou bem. Na frente abria a estrada das boiadas. Macunaíma isso vinha que vinha acochado pela sombra, nem turtuveou: meteu pelo estradão. Mais adiante estava dormindo um boi malabar chamado Espácio que viera do Piauí. O herói deu um trompaço nele de tanta fúria. Isso o boi saiu numa galopada louca de susto e lá foi cego manadeiro abaixo. Então Macunaíma quebrou por uma picada sem jeito e se amoitou por debaixo dum mucumúco. A sombra escutava a bulha do marruá galopeando e imaginou que era Macunaíma, foi atrás. Alcançou o boi e pra não perder a pernada fez poleiro no costado dele. E cantava satisfeita:

«Meu boi bonito,  
Boi Alegria,  
Dá um adeus  
Pra toda a familia!



Ôh... êh bumba,  
Folga meu boi!  
Ôh... êh bumba,  
Folga meu boi!»

Porém nunca mais que o boi poudes comer, a sombra engulia tudo antes do bicho. Então o marruá foi ficando jururú ficando jururú magruço e lerdo. Quando passou pelo rincão chamado Agua Doce perto de Guara-pes, o boi mirou sarapantado bem no meio do areão a vista linda, um laranjal cheio de sombra com a galinhada ciscando por baixo. Era sinal de morte... A sombra desenganada cantava agora:

«Meu boi bonito,  
Boi desengano,  
Dá um adeus,  
Até para o ano!

Ôh... êh bumba,  
Folga meu boi!  
Ôh... êh bumba,  
Folga meu boi!»

No outro dia o marruá estava morto. Foi esverdeando esverdeando... A sombra muito penarosa se consolava cantando assim;



«O meu boi morreu,  
Que será de mim?  
Manda buscar outro,  
— Maninha,  
Lá no Bom Jardim...»

E o Bom Jardim era uma estância do Rio Grande do Sul. Então veio vindo uma gigante que gostava de brincar com o marruá. Viu o boi morto, chorou bem e quis levar o cadaver pra ela.

A sombra teve raiva e cantou:

«Arretira-te, gigante,  
Que o caso está perigoso!  
Quem se arretirou amante  
Faz ação de generoso!»

A gigante agradeceu e foi-se embora dansando. Então passou por ali o indivíduo chamado Manuel da Lapa carregado de folha de cajueiro e de rama de algodão. A sombra saudou o conhecido:

«Seu Manué que vem do Assú,  
Seu Manué que vem do Assú,  
Vem carregadinho de folha de cajú!

Seu Manué que vem do sertão,  
Seu Manué que vem do sertão,  
Vem carregadinho de rama de algodão!»



Manuel da Lapa ficou muito concho com a saudação e pra agradecer dansou um sapateado e cobriu o cadaver com a folha de cajú e a rama de algodão.

O velho já estava tirando a noite do buraco e a sombra toda confundida não via mais o boi debaixo dos flocos e da folhagem. Principiou dansando á procura dele. Um vagalume se admirou daquilo e cantou perguntando:

«Linda pastorinha  
Que fazeis aqui?»

«Vim buscar meu gado,  
Maninha,  
Que eu aqui perdi».

Foi como a sombra secundou cantado. Então o vagalume dansando voou do tronco para baixo e mostrou o boi prá sombra. Ela trepou na barriga verde do morto e ficou chorando ali.

No outro dia o boi estava podre. Então vieram muitos urubús, veio o urubú-camiranga, veio o urubú-jeregua o urubú-peba o urubú-ministro o urubú-tinga que só come olhos e lingua, todos êsses cabeças-peladas e principiaram dansando de contentes. O mais grande puxava a dansa cantando:

«Urubú é passo feio feio feio!  
Urubú é passo limpo limpo limpo!»



E era o urubú-ruxama, urubú rei, o Pai do Urubú. Então mandou um urubuzinho piá entrar dentro do boi para ver si já estava bem podre. O urubuzinho fez. Entrou por uma porta e saiu por outra dizendo que sim e todos fizeram a festa juntos dançando e cantando:

«Meu boi bonito,  
Boi Zebedeu,  
Corvo avoando,  
Boi que morreu.

Ôh... êh bumba,  
Folga meu boi!  
Ôh... êh bumba,  
Folga meu boi»!

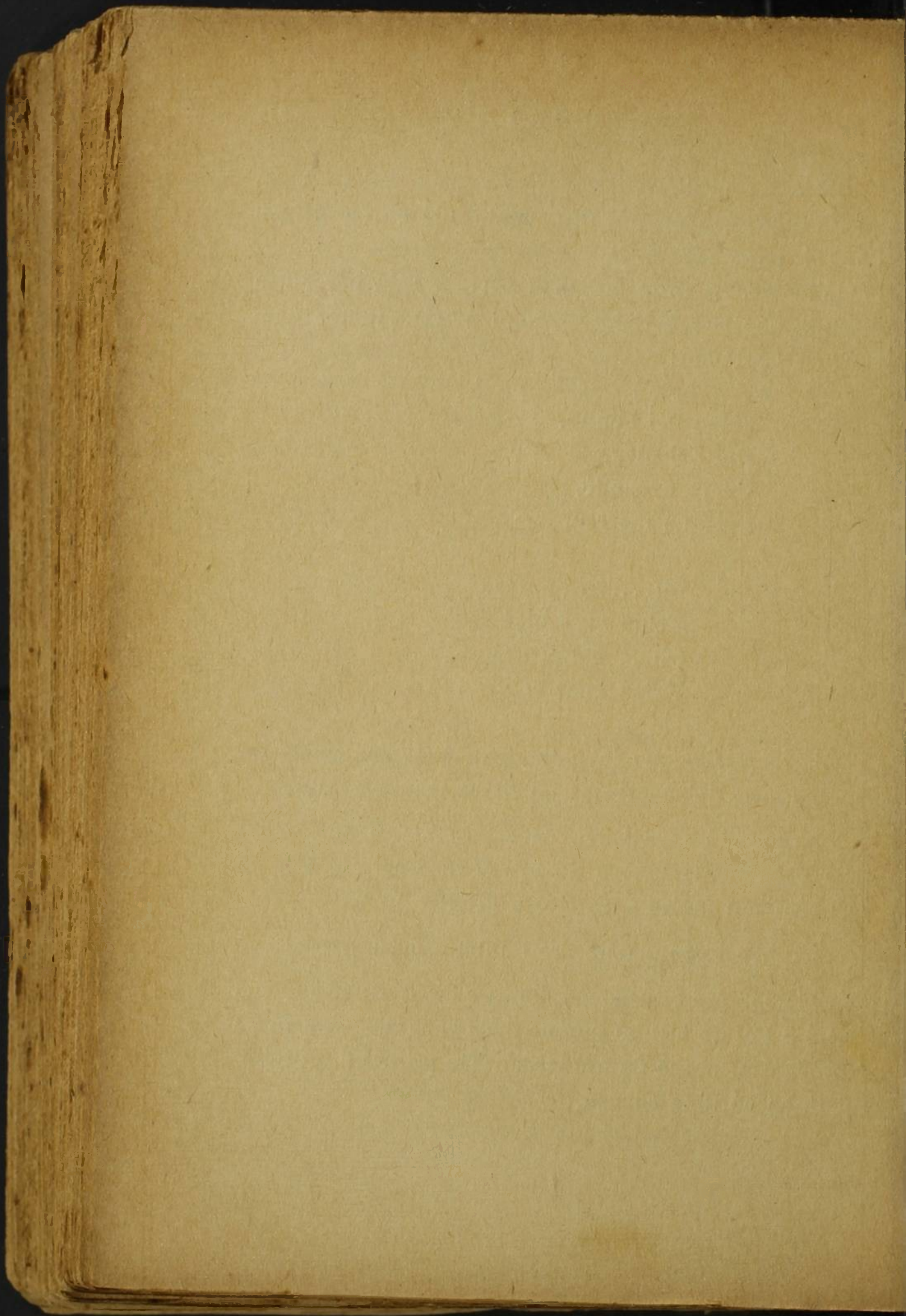
E foi assim que inventaram a festa famanada do Bumba-meu-Boi, também conhecida por Boi-Bumbá.

A sombra teve raiva de estarem comendo o boi dela e pulou no ombro do urubú-ruxama. O Pai do Urubú ficou muito satisfeito e gritou:

— Achei companhia pra minha cabeça, gente!

E voou prá altura. Desde êsse dia o urubú-ruxama que é o Pai do Urubú possui duas cabeças. A sombra leprosa é a cabeça da esquerda. De primeiro o urubú-rei tinha só uma cabeça.



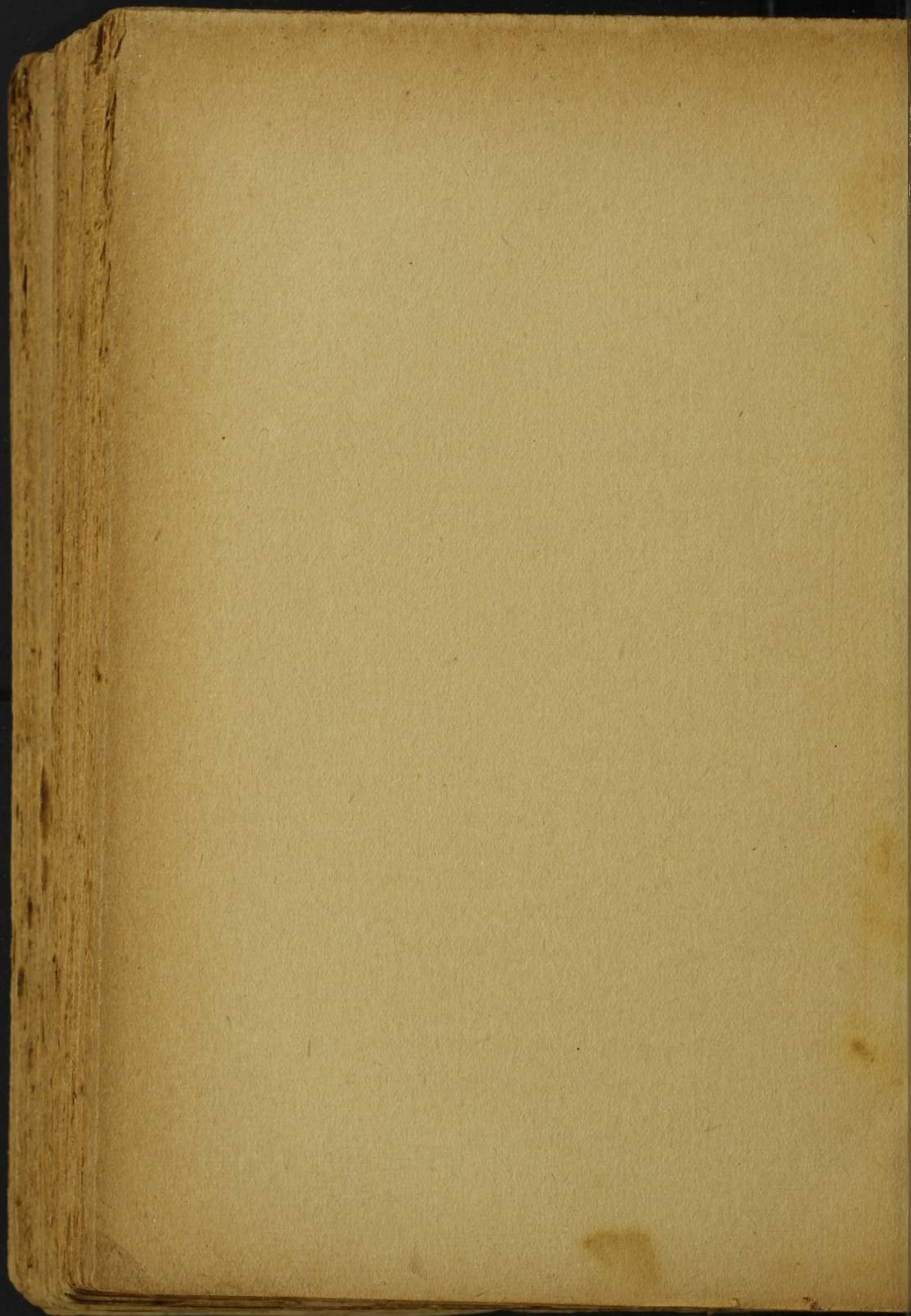




XVII

URSA MAIOR







Macunaíma se arrastou até a tapera sem gente agora. Estava muito contrariado porque não compreendia o silêncio. Ficara defunto sem choro, no abandono completo. Os manos tinham ido-se embora transformados na cabeça esquerda do urubú-ruxama e nem sequer a gente encontrava cunhãs por ali. O silêncio principiava cochilando a beira-rio do Uraricoera. Que enfaro! E principalmente, ah!... que preguiça!...

Macunaíma foi obrigado a abandonar a tapera cuja última parede trançada com palha de catolé estava caindo. Mas o impaludismo não lhe dava coragem nem pra contruir um papirí. Trouxera a rede pro alto dum têsso onde tinha uma pedra com dinheiro enterrado por debaixo. Amarrou a rede nos dois cajueiros frondendo e não saiu mais dela por muitos dias dormindo caceteado e comendo cajús. Que solidão! O proprio séquito sarapintado se dissolvera. Não vê que um ajurú-catinga passara muito afobado por ali. Os papagaios perguntaram pro parente onde que ia.

— Madurou milho na terra dos Ingleses, vou pra lá!



Então todos os papagaios foram comer milho na terra dos Ingleses. Porém primeiro viraram periquitos porque assim, comiam e os periquitos levavam a fama. Só ficara um aruaí muito falador. Macunaíma se consolou pensamenteando: «O mal ganhado, diabo leva... paciência». Passava os dias enfarado e se distraia fazendo o pássaro repetir na fala da tribu os casos que tinham sucedido pro herói desde infância. Aaah... Macunaíma bocejava escorrendo cajú, muito mole na rede, com as mãos pra trás fazendo cabeceiro, o casal de legornes empoleirado nos pés e o papagaio na barriga. Vinha a noite. Aromado pelas frutas dos cajueiros o herói ferrava no sono bem. Quando a araiada vinha o papagaio tirava o bico da asa e tomava o café da manhã devorando as aranhas que de-noite fiavam as teias dos ramos pro corpo do herói. Depois falava:

— Macunaíma!

O dorminhôco nem se mexia.

— Macunaíma! ôh Macunaíma!

— Deixa a gente dormir, aruaí...

— Acorda, herói! E' de-dia!

— Ah... que preguiça!...

— Pouca saúde e muita saúva,

Os males do Brasil são!...

Macunaíma dava uma grande gargalhada e coçava a cabeça cheia de pixilinga que é piolho-de-galinha. Então o papagaio repetia o caso apren-



dido na véspera e Macunaíma se orgulhava de tantas glórias passadas. Dava entusiasmo nele e se punha contando pro aruaí outro caso mais pansudo. E assim todos os dias.

Quando a Papaceia que é a estrêla Vesper aparecia falando prás coisas irem dormir, o papagaio zangava por causa da história parando no meio. Uma feita êle insultou a estrêla Papaceia. Então Macunaíma contou:

— Não insulta ela não, aruaí! Taína-Cã é bom. Taína-Cã que é a estrêla Papaceia tem pena da Terra e manda Emoron-Pódole dar o sossêgo do sono dêste mundo pra todas essas coisas que podem ter sossêgo porque não possuem pensamento que nem nós. Taína-Cã é indivíduo também... Relumeava lá no campo vasto do céu e a filha mais velha do morubichaba Zozoiça da tribu carajá, solteirona chamada Imaerô falou assim:

— Pai, Taína-Gã relumeia tão bonito que eu quero me amulherar com êle.

Zozoiça riu bem por causa que não podia dar Taína-Cã de casamento prá filha velha não. Vai, de noite veio descendo o rio uma piroga de prata, um remeiro saltou dela, bateu no poial e falou pra Imaerô:

— Eu sou Taína-Cã. Escutei vosso pedido e vim numa piroga de prata. Casa comigo por favor!

— Sim, ela fez contentíssima.

Deu a rede pro noivo e foi dormir com a mana mais nova se chamando Denaquê.



No outro dia quando Taína-Cã pulou da rede todos se sarapantaram. Era um coroca enrugado enrugado, tremelicando tanto feito a luz da estrêla Papaceia. Vai, Imaerô falou:

— Cai fóra, coroca! Vê lá si vou casar com velho! Pra mim ha-de ser um moço mui brabo mucudo e de nação carajá!

Taína-Cã ficou jururú jururú e principiou imaginando na injustiça dos homens. Porém a filha mais nova do morubixaba Zozoiaga teve pena do coroca e falou:

— Eu caso com você...

Taína-Cã brilhou de gôso. Ficaram ajustados. Denaquê preparando o enxoval cantava noite e dia:

— Amanhã por estas horas, furrum-fum-fum...

Zozoiaga respondia:

— Eu tambem com vossa mãe, furrum-fum-fum...

Depois que se acabaram os dedos das vossas mãos, papagaio, que são de espera pra noivo, na rede trançada por Denaquê se brincou dansa de amor, furrum-fum-fum.

Nem bem o dia estava rompendo a barra, Taina-Cã pulou da rede e falou prá companheira:

— Vou derrubar mato pra fazer roçado. Agora você fica no mucambo e nunca não vai na roça me espiar.



— Sim, ela fez.

E ficou na rede, matutando gosada naquele velhinho esquisito que dera pra ela a noite mais gostosa de amor que a gente imagina.

Taína-Cã derrubou mato, botou fogo em todos os macurús de formiga e preparou a terra. Naquele tempo inda a nação carajá não conhecia as plantas boas. Era só peixe e bicho que carajá engolia.

Na outra madrugada Taína-Cã falou prá companheira que ia buscar sementes pra semear e repetiu a proibição. Denaquê ficou deitada na rede inda um bocado, matutando nas gostosuras valentes das noites de amor que o bom do coroca dava pra ela. E foi fiar.

Taína-Cã deu uma chegadinha no céu, foi até o corgo Berô, fez oração e botando uma perna em cada barreira do corgo esperou assuntando a agua. Daí a pouco vieram vindo no pêlo da aguinha as sementes do milho cururuca, o fumo, a maniveira, todas essas plantas boas. Taína-Cã apanhou o que passava, desceu do céu e foi no roçado plantar. Estava trabucando na Sol quando Denaquê apareceu. Era por causa que ela de sódosa quis ver o companheiro dando gostosuras tão valentes pra ela nas noites de amor. Denaquê deu um grito de alegria. Taína-Cã não era coroca não! Taína-Cã era mas um rapaz muito brabo mucudo e de nação carajá. Fizeram um macio de fumo e de maniva e brincaram pulado na Sol.



Quando voltaram pro mucambo muito se rindo um pro outro, Imaerô ficou tiririca. Gritou:

— Taína-Cã é meu! Foi pra mim que êle veio do céu!

— Sai azar! que Taína-Cã falou.. Quando eu quis você não quis, pois agora brinque-se!

E trepou na rede com Denaquê. Imaerô desinfeliz suspirou assim:

— Deixe estar jacaré, que a lagôa ha-de secar!...

E saiu gritando pelo mato. Virou na ave araponga que grita amarelo de inveja no quirirí do mato diurno.

Desde então por causa da bondade de Taína-Cã é que Carajá come mandioca e milho e possui fumo pra se animar.

E tudo o que Carajá carecia, Taína-Cã ia no céu e voltava trazendo. Pois não é que Denaquê, de ambiciosa, deu pra namorar com todas as estrelinhas do céu! Deu sim, e Taína-Cã que é a Papacêia enxergou tudo. Isso, até se orvalhou de tão triste, pegou nos terens e foi-se embora pro vasto campo do céu. Ficou lá, trouxe mais nada não. Si a Papacêia continuasse trazendo as coisas do outro lado de lá, céu era aqui, nosso todinho. Agora é só do nosso desejo.

Tem mais não.»

O papagaio dormia.



Uma feita janeiro chegou Macunaíma acordou tarde com o pio agourento do tinguã. No entanto era dia feito e a cerração já entrara pro buraco... O herói tremeu e apalpou o feitiço que trazia no pescoço, um ossinho de piá morto pagão. Procurou o aruaí, desaparecera. Só o galo com a galinha brigando por causa duma aranha derradeira. Fazia um calorão parado tão imenso que se escutava o sininho de vidro dos gafanhotos. Vei, a Sol, escorregava pelo corpo de Macunaíma, fazendo cosquinhas, virada em mão de moça. Era malvadeza da vingarenta só por causa do herói não ter se amulherado com uma das filhas de luz. A mão de moça vinha e escorregava tão de manso no corpo... Que vontade nos músculos pela primeira vez espetados depois de tanto tempo! Macunaíma se lembrou que fazia muito não brincava. Agua fria diz que é bom pra espantar as vontades... O herói escorregou da rede, tirou a penugem de teia vestindo todo o corpo dele e descendo até o vale de Lágrimas foi tomar banho num sacado perto que os repiquetes do tempo-das-aguas tinham virado num lagoão.

Macunaíma depôs com delicadeza os legornes na práia e se chegou prá agua. A lagôa estava toda coberta de ouro e prata e descobriu o rosto deixando ver o que tinha no fundo. E Macunaíma enxergou lá no fundo uma cunhã lindíssima, alvinha e padeceu de mais vontade. E a cunhã lindíssima era a Uiara.



Vinha chegando assim como quem não quer, com muitas dansas, piscava pro herói, parecia que dizia — «Cai fóra, seu nhonhô moço!» e fastava com muitas dansas assim como quem não quer. Deu uma vontade no herói tão imensa que alargou o corpo dele e a boca humideceu:

— Maní!...

Macunaíma queria a dona. Botava o dedão na-gua e num átimo a lagôa tornava a cobrir o rosto com as teias de ouro e prata. Macunaíma sentia o frio da agua, retirava o dedão.

Foi assim muitas vezes. Se aproximava o pino do dia e Vei estava zangadíssima. Torcia pra Macunaíma cair nos braços traiçoeiros da moça do lagoão e o herói tinha medo do frio. Vei sabia que moça não era moça não, era a Uiara. E a Uiara vinha chegando outra vez com muitas dansas. Que boniteza que ela era!... Morena e coradinha que nem a cara do dia e feito o dia que vive cercado de noite, ela enrolava a cara nos cabelos curtos negros como as asas da graúna. Tinha no perfil duro um narizinho tão mimoso que nem servia pra respirar. Porém como ela só se mostrava de frente e fastava sem virar Macunaíma não via o buraco no cangote por onde a pérfida respirava. E o herói indeciso, vai-não-vai. Sol teve raiva. Pegou num rabo-de-tatú de calorão e guascou o lombo do herói. A dona ali, diz-que abrindo os braços mostrando a graça fechando os



olhos molenga. Macunaíma sentiu fogo no espinhaço, estremeceu, fez pontaria, se jogou feito em cima dela, juque! Vei chorou de vitória. As lágrimas caíram na lagôa num chuveiro de ouro e de ouro. Era o pino do dia.

Quando Macunaíma voltou na práia se percebia que brigara muito lá no fundo. Ficou de bruços um tempão com a vida dependurada nos respiros fatigados. Estava sangrando com mordidas pelo corpo todo, sem perna direita, sem os dedões sem os cocos-da-Baía sem orelhas sem nariz sem nenhum dos seus tesouros. Afinal poudes erguer. Quando deu tento das perdas teve ódio de Vei. A galinha cacarejava deixando um ovo na práia. Macunaíma pegou nele e chimpou-o no carão feliz da Sol. O ovo esborrachou bem nas bochechas dela que sujou-se de amarelo pra todo o sempre. Entardecia.

Macunaíma sentou numa lapa que já fôra jaboti nos tempos de dantes e andou contando os tesouros perdidos em baixo dagua. E eram muitos, era uma perna os dedões, eram os cocos-da-Baía, eram as orelhas os dois brincos feitos com a máquina pathek e a máquina smith-wesson, o nariz, todos êsses tesouros... O herói pulou dando um grito que encurtou o tamanho do dia. As piranhas tinham comido também o beíço dele e a muiiraquitã! Ficou feito louco.

Arrancou uma montanha de timbó de assacú de tinguí de cunambí, todas essas plantas e envenenou



pra sempre o lagoão. Todos os peixes morreram e ficaram boiando com a barriga pra cima, barrigas azuis barrigas amarelas barrigas rosadas, todas as barrigas sarapintando a face da lagôa. Era de-tardinha.

Então Macunaíma destripou todos êsses peixes, todas as piranhas e todos os botos, caqueando a muiraquitã nas barrigadas. Foi uma sangueira mãe escorrendo sobre a terra e tudo ficou tinto de sangue. Era a boca-da-noite.

Macunaíma campeava campeava. Achou os dois brincos achou os dedões achou as orelhas os nuquiirís o nariz, todos êsses tesouros e prendeu todos nos lugares deles com sapé e cola de peixe. Porém a perna e a muiraquitã não achou não. Tinham sido engulidos pelo monstro Ururau que não morre com timbó nem pau. O sangue coalhara negro cobrindo a práia e o lagoão. E era de-noite.

Macunaíma campeava campeava. Soltava gritos de lamentação encurtando com a bulha o tamanho da bicharada. Nada. O herói varava o campo, saltando na perna só. Gritava:

— Lembrança! Lembrança da minha marvada! não vejo nem ela nem você nem nada!

E pulava mais. As lágrimas pingavam dos olhinhos azuis dele sobre as florzinhas brancas do campo. As florzinhas tingiram de azul e foram os miosotis. O herói não podia mais, parou. Cruzou os braços num



desespêro tão heroico que tudo se alargou no espaço pra conter o silêncio daquele penar. Só um mosquitinho raquitiquinho infernisava inda mais a disgra do herói, zumbindo fininho: «Vim di Minas... vim di Minas...»

Então Macunaíma não achou mais graça nesta terra. Capêi bem nova relumeava lá na gupiara do céu. Macunaíma cismou inda meio indeciso, sem saber si ia morar no céu ou na ilha de Marajó. Um momento pensou mesmo em morar na cidade da Pedra com o enérgico Delmiro Gouvêia, porém lhe faltou ânimo. Pra viver lá, assim como tinha vivido era impossível. Até era por causa disso mesmo que não achava mais graça na Terra... Tudo o que fôra a existência dele apesar de tantos casos tanta brincadeira tanta ilusão tanto sofrimento tanto heroismo, afinal não fôra sinão um se deixar viver; e pra parar na cidade do Delmiro ou na ilha de Marajó que são desta Terra carecia de ter um sentido. E êle não tinha coragem pra uma organização. Decidiu:

— Qual o quê!... Quando urubú está de caipora o de baixo caga no de cima, êste mundo não tem jeito mais e vou pro céu.

Ia pro céu viver com a marvada. Ia ser o brilho bonito mas inutil porém de mais uma constelação. Não fazia mal que fosse brilho inutil não, pelo menos era o mesmo de todos êsses parentes, de todos os pais dos vivos da sua terra, mães pais manos cunhãs



cunhadas cunhatãs, todos êsses conhecidos que vivem agora do brilho inutil das estrêlas.

Plantou uma semente do cipó matamatá, filho-da-luna e enquanto o cipó crescia agarrou numa itá pontuda e escreveu na lage que já fôra jabotí num tempo muito de dantes:

### NÃO VIM NO MUNDO PARA SER PEDRA

A planta já tinha crescido e se agarrava numa ponta de Capêi. O herói capenga enfiou a gaiola dos legornes no braço e foi subindo pro céu. Cantava triste:

— «Vamos dar a despedida,

— Taperá,

Talequal o passarinho,

— Taperá,

Bateu asa foi-se embora,

— Taperá,

Deixou a pena no ninho.

— Taperá...»

Lá chegando bateu na maloca de Capêi. A Lua desceu no terreiro e perguntou:

— Quê que quer, sací?

— Abenção minha madrinha, me dá pão com farinha?

Então Capêi reparou que não era sací não, era Macunaíma o herói. Mas não quis dar pensão pra êle,



se lembrando do fedor antigo do herói. Macunaíma enfezou. Deu uma porção de munhecaços na cara da Lua. Por isso que ela tem aquelas manchas escuras na cara.

Então Macunaíma foi bater na casa de Caiuanogue, a estrêla-da-manhã. Caiuanogue apareceu na janelinha pra ver quem era e confundida pelo negrume da noite e a capengue do herói, perguntou:

— Que é que quer, sací?

Mas logo pôs reparo que era Macunaíma o herói e nem esperou resposta se lembrando que êle cheirava muito fedido.

— Vá tomar banho! falou fechando a janelinha.

Macunaíma tornou a enfezar e gritou:

— Vem prá rua, cafageste!

Caiuanogue raspou um susto enorme e ficou tremendo espiando pelo buraco da fechadura. Por isso que a bonita da estrelinha é tão pecurrucha e tremelica tanto.

Então Macunaíma foi bater na casa de Pauí-Pódole, o Pai do Mutum. Pauí-Pódole gostava muito dele porque Macunaíma o defendera daquele mulato da maior mulataria na festa do Cruzeiro. Mas exclamou:

— Ah, herói, tarde piaste! Era uma honra grande pra mim receber no meu mosqueiro um descendente



de jabotí, raça primeira de todas... No princípio era só o Jabotí Grande que existia na vida... Foi êle que no silêncio da noite tirou da barriga um individuo e sua cunhã. Estes foram os primeiros fulanos vivos e as primeiras gentes da vossa tribo... Depois, que os outros vieram. Chegaste tarde, herói! Já somos em doze e com você a gente ficava treze na mesa. Sinto muito mas chorar não posso!

— Que pena, sinh'Helena! que o herói exclamou.

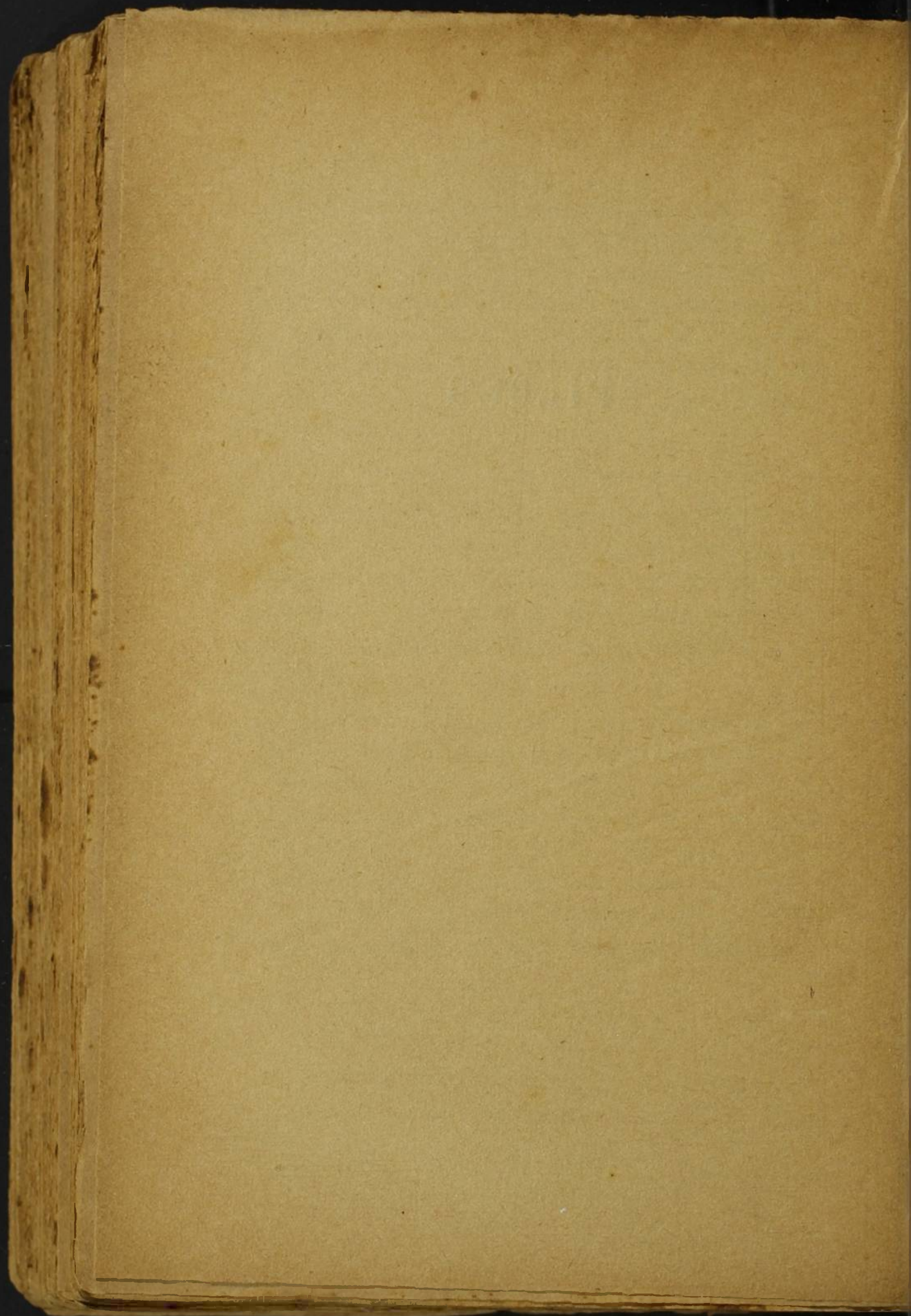
Então Pauí-Pódole teve dó de Macunaíma. Fez uma feitiçaria. Agarrou tres pausinhos jogou pro alto e fez encruzilhada e virou Macunaíma com todo o entenderete dele, galo galinha gaiola revolver relógio, numa constelação nova. E' a constelação da Ursa Maior.

Dizem que um professor naturalmente alemão andou falando por aí por causa da perna só da Ursa Maior que ela é o sací... Não é não! Sací inda para neste mundo espalhando fogueira e trançando crina de bagual... A Ursa Maior é Macunaíma. E' mesmo o herói capenga que de tanto penar na terra sem saúde e com muita saúva, se aborreceu de tudo, foi-se embora e banza solitário no campo vasto do céu.



EPILOGO







Acabou-se a história e morreu a vitória.

Não havia mais ninguém lá. Dera tangolo-mangolo na tribo Tapanhumas e os filhos dela se acabaram de um em um. Não havia mais ninguém lá. Aqueles lugares aqueles campos furos puxadouros arrastadouros meios-barrancos, aqueles matos misteriosos, tudo era a solidão do deserto...Um silêncio imenso dormia a beira-rio do Uraricoera.

Nenhum conhecido sobre a terra não sabia nem falar na fala da tribo nem contar aqueles casos tão pan-sudos. Quem que podia saber do herói? Agora os manos virados na sombra leprosa eram a segunda cabeça do Pai do Urubú e Macunaíma era a constelação da Ursa Maior. Ninguém jamais não podia saber tanta história bonita e a fala da tribo acabada. Um silêncio imenso dormia a beira-rio do Uraricoera.

Uma feita um homem foi lá. Era madrugada e Vei mandara as filhas visar o passe das estrêlas. O deserto tamanho matava os peixes e os passarinhos de pavor e a propria natureza desmaiara e caíra num ges-



to largado por aí. A mudez era tão imensa que espi-chava o tamanho dos paus no espaço. De repente no peito doendo do homem caiu uma voz da ramaria:

— Curr-r-pac, papac! curr-r-pac, papac!...

O homem ficou frio de susto feito piá. Então veio brisando um guanumbí e boleboliu no beijo do homem:

— Bilo, bilo, bilo, lá...tetea!

E subiu apressado prás árvores. O homem seguindo o vôo do guanumbí, olhou pra cima.

— Puxa rama, boi! o beijaflor se riu. E escafe-deu.

Então o homem descobriu na ramaria um papagaio verde de bico doirado espiando pra êle. Falou:

— Dá o pé, papagaio.

O papagaio veio pousar na cabeça do homem e os dois se acompanharam. Então o pássaro principiou falando numa fala mansa, muito nova, muito! que era canto e que era cachirí com mel-de-pau, que era boa e possuía a traição das frutas desconhecidas do mato.

A tribu se acabara, a família virara sombras, a maloca ruiu minada pelas saúvas e Macunaíma subira pro céu, porém ficara o aruaí do séquito daqueles tempos de dantes em que o herói fôra o grande Macunaíma imperador. E só o papagaio no silêncio do Uraricoera preservava do esquecimento os casos e a

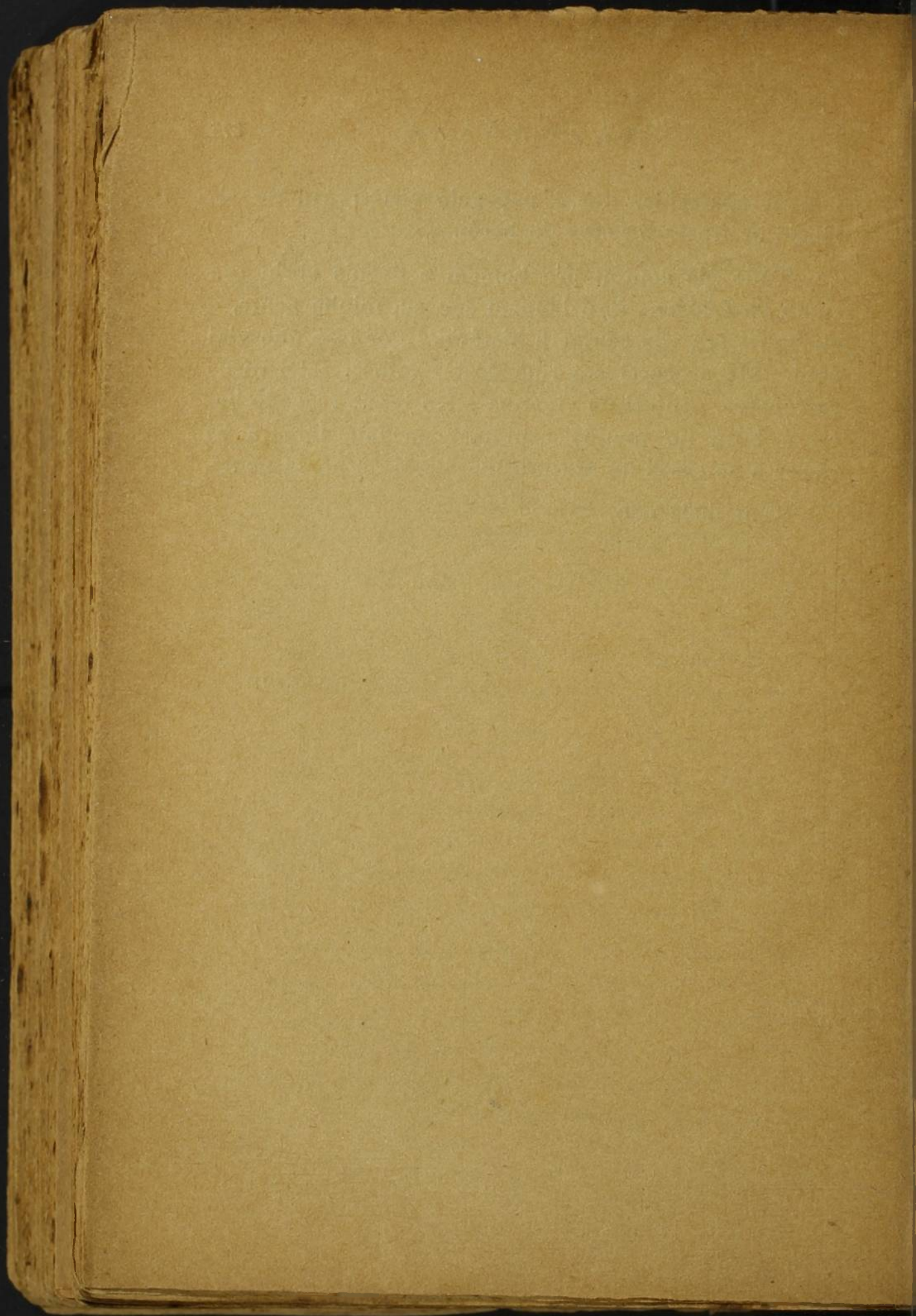


fala desaparecida. Só o papagaio conservava no silêncio as frases e feitos do herói.

Tudo êle contou pro homem e depois abriu asa rumo de Lisboa. E o homem sou eu, minha gente, e eu fiquei pra vos contar a história. Por isso que vim aqui. Me acocorei em riba destas folhas, catei meus carrapatos, ponteei na violinha e em toque rasgado botei a boca no mundo cantando na fala impura as frases e os casos de Macunaíma, herói de nossa gente.

Tem mais não.



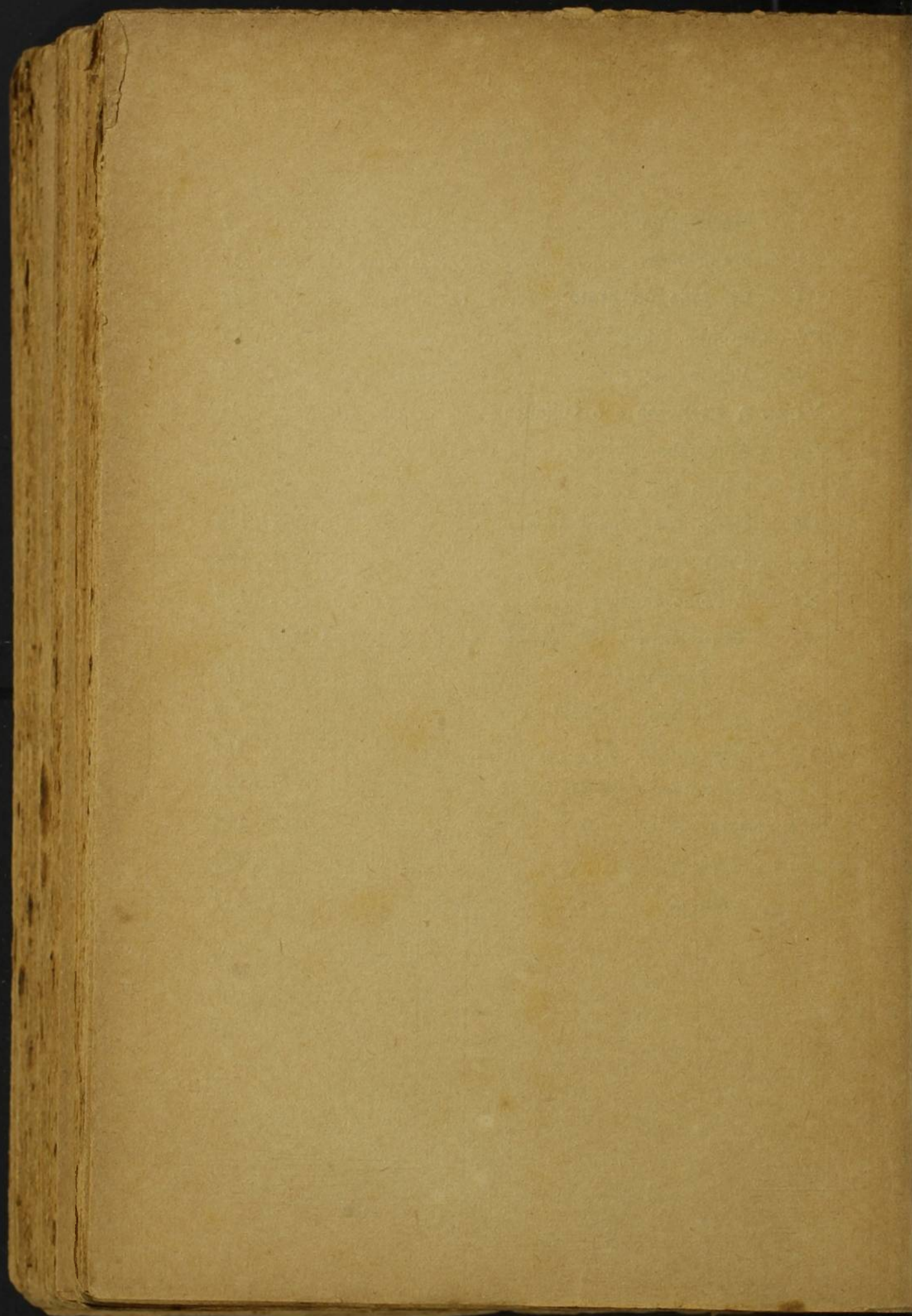




## INDICE

|                                                               |     |
|---------------------------------------------------------------|-----|
| I — Macunaíma .....                                           | 7   |
| II — Maioridade .....                                         | 17  |
| III — Ci, Mãe do Mato.....                                    | 29  |
| IV — Boiúna Luna .....                                        | 39  |
| V — Paimã .....                                               | 53  |
| VI — A Francesa e o Gigante...                                | 71  |
| VII — Macumba .....                                           | 85  |
| VIII — Vei, a Sol .....                                       | 101 |
| IX — Carta prás Icamíabas .....                               | 113 |
| X — Pauí-Pódole .....                                         | 133 |
| XI — A velha Ceíucí .....                                     | 145 |
| XII — Tequeteque, Chupinzão e a Injustiça dos<br>Homens ..... | 171 |
| XIII — A Piolhenta do Jiguê .....                             | 185 |
| XIV — Muiraquitã .....                                        | 199 |
| XV — A Pacuera de Oibê .....                                  | 217 |
| XVI — Uraricoera .....                                        | 235 |
| XVII — Ursa Maior .....                                       | 255 |
| Epilogo .....                                                 | 271 |







★ Este livro foi composto e impresso pela  
Emprêsa Grafica da "Revista dos Tribu-  
nais", á rua Xavier de Toledo, 72, em  
S. Paulo, para a Livraria José Olympio,  
Editora, Rio, em janeiro de 1937 ★



350 —

file 40  
Cult. Genl.

1781

p / Dr. Hinde-  
alc David-

SP



*Leia  
os  
romances*

*de*

**José  
Americo  
de Almeida**

**BAGACEIRA**

**O BOQUEIRÃO**

**COITEIROS**



# OBRAS COMPLETAS

## DE

# HUMBERTO DE CAMPOS

|                                                        | Exemplares |
|--------------------------------------------------------|------------|
| ULTIMAS CRONICAS . . . . .                             | 10.000     |
| PERFIS — 2. <sup>a</sup> série . . . . .               | 10.000     |
| "    — 1. <sup>a</sup> " . . . . .                     | 10.000     |
| CONTRASTES . . . . .                                   | 10.000     |
| MEALHEIRO DE AGRIPA . . . . .                          | 10.000     |
| DA SEÁRA DE BOOZ . . . . .                             | 8.000      |
| BRASIL ANEDOTICO . . . . .                             | 10.000     |
| REMINISCENCIAS . . . . .                               | 10.000     |
| UM SONHO DE POBRE . . . . .                            | 10.000     |
| NOTAS DE UM DIARISTA — 1. <sup>a</sup> série . . . . . | 10.000     |
| "    "    "    "    — 2. <sup>a</sup> " . . . . .      | 10.000     |
| SEPULTANDO OS MEUS MORTOS . . . . .                    | 10.000     |
| CRITICA — 4. <sup>a</sup> série . . . . .              | 10.000     |
| "    — 3. <sup>a</sup> " . . . . .                     | 10.000     |
| "    — 2. <sup>a</sup> " . . . . .                     | 10.000     |
| "    — 1. <sup>a</sup> " . . . . .                     | 10.000     |
| MEMORIAS INACABADAS . . . . .                          | 24.000     |
| MEMORIAS . . . . .                                     | 45.000     |
| DESTINOS. . . . .                                      | 24.000     |
| SOMBRAS QUE SOFREM . . . . .                           | 21.000     |
| OS PÁRIAS . . . . .                                    | 22.000     |
| CARVALHOS E ROSEIRAS . . . . .                         | 17.000     |
| POESIAS COMPLETAS . . . . .                            | 10.000     |
| A' SOMBRA DAS TAMAREIRAS . . . . .                     | 15.000     |
| O MONSTRO E OUTROS CONTOS . . . . .                    | 16.000     |
| LAGARTAS E LIBÉLULAS . . . . .                         | 14.000     |
| ANTOLOGIA DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS             | 7.000      |
| O CONCEITO E A IMAGEM NA POESIA BRASILEIRA             | 7.000      |

EDIÇÕES DA

Livraria JOSE' LAMARCA Editora

Rua do Ouvidor, 110 — Rio de Janeiro